

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL

Bernardo Rodrigues da Silva

**MÃOS QUE FORMAM LAÇOS: RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE NA
FEIRA DE ORGÂNICOS DE SANTIAGO/RS**

Santa Maria, RS
2018

Bernardo Rodrigues da Silva

**MÃOS QUE FORMAM LAÇOS: RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE NA
FEIRA DE ORGÂNICOS DE SANTIAGO/RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Extensão Rural**.

Orientador: Prof. Dr. José Geraldo Wizniewsky

Santa Maria, RS
2018

Silva, Bernardo Rodrigues da
Mãos que Formam Laços: Relações de Reciprocidade na
Feira de Orgânicos de Santiago/RS / Bernardo Rodrigues da
Silva.- 2018.
154 p.; 30 cm

Orientador: José Geraldo Wizniewsky
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós
Graduação em Extensão Rural, RS, 2018

1. agricultura orgânica 2. feiras livres 3. cultura 4.
reciprocidade 5. fotoetnografia I. Wizniewsky, José
Geraldo II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

@2018

Todos os direitos autorais reservados a Bernardo Rodrigues da Silva. A reprodução ou partes do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

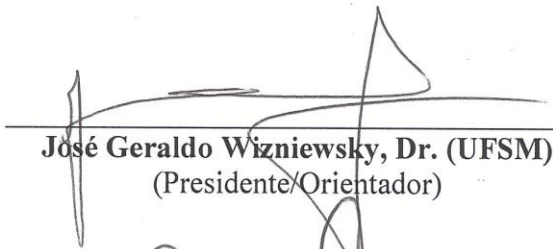
Endereço eletrônico: rodriguesdasilvabernardo@gmail.com

Bernardo Rodrigues da Silva

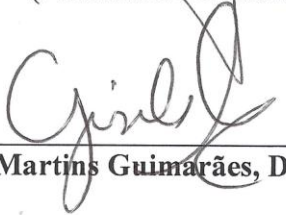
**MÃOS QUE FORMAM LAÇOS: RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE NA
FEIRA DE ORGÂNICOS DE SANTIAGO/RS**

Dissertação apresentada ao Curso de
Pós-Graduação em Extensão Rural, da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial para a obtenção do
título de **Mestre em Extensão Rural**.

Aprovado em 27 de fevereiro de 2018.



José Geraldo Wizniewsky, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Gisele Martins Guimarães, Dra. (UFSM)



Tatiana Aparecida Balem, Dra. (IFFar)

Santa Maria, RS
2018

*Dedico esta dissertação
aos que perceberam que não existe uma caixa,
onde é necessário pensar dentro*

AGRADECIMENTOS

Obrigado!

Obrigado!

Obrigado!

Como agradecer nominando pessoas?

Agradeço a todos que estão na minha vida

E aqueles que não estão mais

Agradeço aos que fazem parte da minha trajetória

Todos, todos

Família, amigos, amores

Pessoas

Agradeço a mim mesmo

Por acreditar

Agradeço a mim mesmo

Por me permitir conhecer tanta gente

E viver

E sonhar

E cair

E levantar

Obrigado!

Obrigado!

Obrigado!

“CHOVEU LÁ NA FEIRA”
(Bernardo Rodrigues da Silva)

*Hoje choveu lá na feira
Caiu água no lombo
Parecia que ia gelar a alma
Tamanho era o vento frio*

*Não poderia estar mais enganado
Pois eu saí de lá renovado
Com o corpo quente
De alma lavada*

*Eu vi gente guerreira sorrindo no frio
Eu vi gente guerreira proseando sobre a vida
Estavam lá
Se encontrando e reencontrando
Buscando por um futuro melhor
Buscando o próprio futuro
Buscando o futuro dos seus próximos
Buscando o futuro de outros tantos
Buscando...*

*Hoje choveu lá na feira
Caiu água no lombo
Parecia que ia gelar a alma
Tamanho era o frio*

*Não poderia estar mais enganado
Pois eu saí de lá renovado
Com o corpo quente
De alma lavada*

RESUMO

MÃOS QUE FORMAM LAÇOS: RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE NA FEIRA DE ORGÂNICOS DE SANTIAGO/RS

AUTOR: Bernardo Rodrigues da Silva
ORIENTADOR: José Geraldo Wizniewsky

Esta dissertação buscou compreender, a partir da visão dos feirantes as relações de reciprocidade na Feira de Orgânicos do município de Santiago / RS. Para isso se buscou contextualizar a história dos feirantes e o motivo pelo qual os levaram a produzir e comercializar alimentos orgânicos; interpretar os significados construídos por feirantes no cotidiano da feira; identificar as relações de reciprocidade no contexto da feira; e, construir uma narrativa fotoetnográfica do caminho do alimento, da colheita ao consumidor final. Assim foram apresentadas quatro famílias de “agricultores orgânicos”, observando pontos relacionados às culturas em que estão inseridas e as relações delas derivadas. A pesquisa apresentou uma abordagem qualitativa e foi desenvolvida através de diversas técnicas de coletas de dados, dentre elas, cita-se a entrevista, a observação e a fotografia, como dados primários, e a pesquisa bibliográfica e documental, como dados secundários. Com o estudo percebeu-se como se deu a dinâmica histórica da organização da feira, chegando às estratégias atuais de comercialização dos agricultores, passando por significações construídas através do cotidiano em que estas famílias estudadas estão inseridas, desde antes da feira, até o momento em que ocorre o consumo e as relações entre agricultores e consumidores toma forma. Nos primeiros cinco capítulos a narrativa da dissertação se apresenta através de recursos textuais e no quinto capítulo ela se apresenta através de recursos imagéticos. Toda a pesquisa buscou captar o trabalho e as relações que ocorrem em torno do alimento, conduzindo o leitor do local da produção e processamento até o consumidor, assim, os agricultores se apresentaram enquanto formadores de significado através do olhar captado por lentes fotográficas.

Palavras-chave: agricultura orgânica, feiras livres, cultura, reciprocidade, fotoetnografia.

ABSTRACT

HANDS FORMING TIES: RECIPROCITY RELATIONS IN THE ORGANICS FARMERS MARKET OF SANTIAGO /RS

AUTHOR: Bernardo Rodrigues da Silva

ADVISOR: José Geraldo Wizniewsky

This dissertation looked for to understand the reciprocity relationships in the Organic Fair of the city of Santiago / RS and their respective influences on consumption habits. For this, it was searched to contextualize the organic farmers and the reason why they led them to produce and market organic; to interpret the meanings built by organic farmers in the daily life of the fair; to identify reciprocity relations in the context of the fair; and, to construct a photoethnographic narrative of the food path, from the harvest to the final consumer. Thus, four families of “organic farmers” were presented, observing points related to the cultures in which they are inserted and the relationships derived from them. The research presented a qualitative approach and was developed through several techniques of data collection, among them, interview, observation and photography are cited as primary data, and bibliographical and documentary research as secondary data. With the study, it was perceived how it was occur the historical dynamics of the organization of the fair, reaching the current marketing strategies of farmers, through the meanings built through the daily life in which these studied families are inserted, from before the fair, to the moment in consumption and relations between farmers and consumers takes form. In the first five chapters the narrative of the dissertation is presented through textual resources and in the fifth chapter it presents itself through imagery resources. All the research looked for to capture the work and relationships that occur around the food, leading the reader from the place of production and processing to the consumer, thus, the farmers presented themselves as meaning trainers through the view captured by photographic lenses.

Keywords: organic agriculture, free fairs, culture, reciprocity, photoethnography.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 IMERGINDO NA TEMÁTICA DA DISSERTAÇÃO	14
1.2 O PROBLEMA DA PESQUISA	17
1.3 OBJETIVOS.....	17
1.3.1 Objetivo geral	17
1.3.2 Objetivos específicos	17
1.4 ASPECTOS TEÓRICOS PRELIMINARES	18
1.4.1 Da (in)sustentabilidade à produção de alimentos orgânicos.....	18
1.5 PLANO DA OBRA.....	24
2. CRIANDO LAÇOS: NOTAS SOBRE A METODOLOGIA	25
2.1 METODOLOGIA-BASE.....	25
2.2 INSERÇÕES NO CAMPO EMPÍRICO	28
2.3 DIRECIONANDO OLHARES: A METODOLOGIA DE CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA FOTOETNOGRÁFICA.....	30
2.3.1 A fotografia que conta histórias.....	30
2.3.2 Justificativa para novos olhares.....	32
2.3.3 A fotoetnografia em campo e os procedimentos iniciais.....	34
2.3.4 Iluminação e escolha da câmera	35
2.3.5 Seleção das fotografias e algumas questões de deontologia.....	36
3. MÃOS QUE CONTAM HISTÓRIAS: OS ORGÂNICOS EM SANTIAGO	39
3.1 HISTÓRIA DA CIDADE DE SANTIAGO.....	40
3.2 HISTÓRIA DA FEIRA	42
3.2.1 As primeiras organizações.....	43
3.3 HISTÓRIA DOS FEIRANTES.....	45
3.3.1 Família A.....	45
3.3.2 Família B.....	51
3.3.3 Família C.....	56
3.3.4 Família D.....	58
3.4 DAS REDES QUE SE FORMAM.....	62

4. MÃOS QUE PRODUZEM SIGNIFICADO: SIGNIFICADOS CONSTRUÍDOS NO COTIDIANO.....	65
4.1 OS REDIRECIONAMENTOS DE OLHAR PARA COMPREENDER AS CULTURAS	66
4.2 DO PLANTAR AO COLHER: O PREPARO PARA A FEIRA	68
4.2.1 Antes de plantar é necessário entender quem eu sou no mundo.....	68
4.2.2 Diversificação da produção e qualidade de vida	72
4.2.3 Um pouco antes da feira: os cotidianos	75
4.3 SÁBADO DE MANHÃ: É DIA DE FEIRA	80
4.3.1 O espaço físico da praça.....	80
4.3.2 As mesas onde se comercializam os alimentos	81
4.3.3 O processo democrático do dia-a-dia.....	82
4.3.4 As “contradições” em meio a discursos	84
4.3.5 Formação de preço	85
4.3.6 Desafios cotidianos.....	86
4.4 O COTIDIANO DEPOIS DA FEIRA, NA VIDA	88
5. ENTRE PROSAS, ALIMENTO E RECIPROCIDADE	89
5.1 AS RELAÇÕES DE CONSUMO: PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES.....	90
5.2 A CONSTRUÇÃO DOS MERCADOS DE CONFIANÇA.....	94
5.2.1 As instituições parceiras e suas ações	96
5.2.2 Os consumidores e seu papel na confiança.....	100
5.3 O CONSUMO QUE GERA RECIPROCIDADE	102
5.3.1 Os Consumos.....	102
5.3.2 A Reciprocidade.....	103
5.4 A COESÃO QUE VEM DA FEIRA	107
6. MÃOS QUE FORMAM LAÇOS: FOTOETNOGRAFIA NA FEIRA DE ORGÂNICOS DE SANTIAGO/RS	111
6.1 PARA PODER DAR PODER A OUTRAS FORMAS DE LINGUAGEM	111
6.2 MÃOS QUE FORMAM LAÇOS: FOTOETNOGRAFIA DA FEIRA DE ORGÂNICOS DE SANTIAGO	112
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
8 REFERÊNCIAS	149

1. INTRODUÇÃO

DA POESIA E DA PESQUISA

*Escreve-se para compreender
E, raramente, compreende-se antes disso*

Educação. É disto que se trata este trabalho. Daí derivam-se os conceitos de extensão rural e as percepções aqui construídas a respeito da ciência (Ciência Agroecológica, diga-se de passagem). É a partir da visão de um educador que essa dissertação foi construída. E, uma vez que o processo de formação pessoal é um processo inacabado, me atrevo a dizer que assim também ocorre com a pesquisa. Ao adentrar na pesquisa, mergulhei a primeira vista num universo desconhecido (problematização), que aos poucos, através das leituras, experiências, práticas e prosas realizadas, foi se tornando cada vez mais conhecido (organização do conhecimento) e significativo (aplicação do conhecimento) (DELIZOICOV; PERNAMBUCO, 2011). É disto que se trata este documento, se trata da transformação pedagógica de ressignificar o olhar. E, apesar dos momentos pedagógicos, até o presente momento da entrega desta dissertação, não terem sido aplicados juntos aos sujeitos pesquisados, as quatro famílias de agricultoras e agricultores familiares da Associação de Produtores Orgânicos de Santiago, pode-se dizer que eles foram aplicados ao pesquisador, já comprometido com formas de retorno à realidade estudada. A aplicação do conhecimento adquirido ao realizar a pesquisa e escrever esta dissertação, certamente, já alterou algumas de minhas visões de mundo.

Apesar de perceber que para acontecer uma mudança científica se faz necessário muito estudo e rigidez teórica, também compreendo que os passos metodológicos devem estar sempre sendo revistos. Nesta dissertação sempre busquei respeitar as metodologias, mas não sem antes confrontá-las com a realidade encontrada e a formação pessoal de eterna construção e desconstrução. A própria ideia de que o conhecimento não pode ser gerado através da subjetividade, aqui foi refutada, para assumir uma ciência que analisa inclusive às percepções sensoriais do subjetivo que as dá voz.

No âmbito desta dissertação se entende de que o conhecimento é produzido a partir de múltiplos contextos, onde a visão de mundo do pesquisador sempre é levada em conta. Visão esta que estará em transformação, do início ao momento final da pesquisa, da geração da ideia

à apresentação do produto final desenvolvido. Neste sentido, jamais o conhecimento terá neutralidade, seja ela teórica, política e ideológica. Isto, no entanto, não faz dos conhecimentos construídos falácias científicas, mas apenas relembra ao leitor que tudo sempre deve ser analisado pelo ponto de vista dos autores que escrevem suas obras e o contexto histórico social e político em que estão inseridos. Quanto aos autores, esses devem estar a par das epistemologias que os guiam e das obrigações éticas que os dão impulso. O conhecimento, portanto, é uma via de mão dupla, daqueles que o escrevem e daqueles que o leem. Sendo a análise, a argumentação e a discussão dos dados, o elo que sustenta essa linha tênue, entre a construção de novos conhecimentos e o retrocesso da produção de pesquisas que nada falam. Pesquisar é arriscado e seguro ao mesmo tempo.

Deste modo, um dos pontos que alterei durante este processo de expressão da dissertação, está implícito na sua forma escrita, onde, ao invés de escrever na terceira pessoa do tempo verbal, apresento a escrita em primeira pessoa. Assim, já de antemão, alerto ao leitor que a percepção do *modus operandi* de “fazer ciência”, deste pesquisador em específico, está influenciado nas Ciências Sociais que já se utilizam amplamente desta forma linguística, com forte exemplo nos estudos da área da Antropologia.

Assim, eu, o autor que aqui vos escreve, possuo minhas primeiras bases teóricas científicas, através de seu curso de graduação em Agronomia, onde desempenhei a iniciação científica na área das Ciências do Solo. Talvez por isso, alguns hábitos de escrita demoram tanto a desenraizar e, talvez, perpetuem nesse trabalho sem que eu possa perceber, deixando aqui registrado este compromisso para maior aperfeiçoamento em futuros trabalhos.

A própria Agroecologia, que nesta dissertação compreendida enquanto ciência, permeou minha trajetória acadêmica, enquanto estudante/autor/pesquisador. Trabalhei do primeiro ao nono semestre do curso de Agronomia dentro da iniciação científica na área Ciência dos Solos e participei desde o seu sexto semestre do Grupo de Agroecologia Terra Sul¹ (grupo de extensão rural em Agroecologia). Finalmente no último, e décimo semestre do curso, ao me inserir em um projeto multidisciplinar, de ensino, pesquisa e extensão em Agroecologia, intitulado Centro Vocacional Tecnológico em Agroecologia,

¹ O Grupo de Agroecologia Terra Sul (GATS) é um grupo de estudantes que surgiu em abril de 2000. Com a proposta de estudar a Ciência Agroecológica através de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Vinculado ao Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural (DEAER), no Centro de Ciências Rurais (CCR), o grupo está sediado na sala 5119-A, prédio 44, Campus Sede da UFSM. Através de análise de suas atividades ao longo da trajetória o grupo pode ser caracterizado como um movimento de resistência dentro da UFSM, conduzido e organizado por estudantes, não ligado a um professor ou grupo de pesquisa em específico, apesar de estabelecer parcerias com vários professores, mantendo sua autonomia (SILVA e WIZNIEWSKY, 2017).

Agrobiodiversidade e Sustentabilidade Professor José Antônio Costabeber (CVT/UFSM)², onde realizei o estágio de conclusão de curso e trabalhei mais um semestre depois de formado, que decidi de vez voltar minhas intenções de pesquisa na Área de Extensão Rural. Durante este ano em que trabalhei no CVT/UFSM, o tive a produção acadêmica voltada para trabalhos de melhoramento participativo de milho crioulo, aumentando o contato com a realidade agrária dos municípios que estavam envolvidos no projeto, através de atividades desenvolvidas em conjunto com as Emater municipais parceiras do projeto. Durante o decorrer do mestrado o participei do Programa Agrícola³ e, ainda, iniciei e conclui o curso de Especialização em Educação do Campo e Agroecologia, do Instituto Federal Farroupilha Campus Jaguari.

Assim, através de projetos de extensão da UFSM como GATS, CVT, NEA e Agrícola, se apresentaram a mim e a outros tantos estudantes, o universo das feiras, e, em especial ao espaço intitulado Centro de Referência Dom Ivo Lorscheiter, onde ocorre semanalmente o Feirão Colonial⁴, e, anualmente, a Feira Internacional de Economia Solidária⁵. Em relação à Feira de Orgânicos do município de Santiago, obtive meus primeiros

² O Centro Vocacional Tecnológico (CVT) em Agroecologia, Agrobiodiversidade e Sustentabilidade Prof. José Antônio Costabeber executou ações de educação, pesquisa e extensão direcionadas à construção e socialização de conhecimentos e práticas relacionados à Agroecologia e aos Sistemas Orgânicos de Produção. Durante os anos de 2014 e 2015 o projeto articulou em conjunto com o esforço de diversas instituições comprometidas com o desenvolvimento regional sustentável e, assim sendo, com a conservação, preservação e/ou recuperação dos biomas Mata Atlântica e Pampa, na área do território gaúcho ocupada por 13 municipalidades que integram o Território da Cidadania Região Central do Rio Grande do Sul. Cabe aqui, também destacar que junto ao CVT várias atividades foram realizadas em parceria com o Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA) em Agroecologia, Agrobiodiversidade e Sustentabilidade Prof. José Antônio Costabeber. CVT e NEA possuem sua sede física no mesmo espaço, sala 4305, prédio 43, Campus Sede da UFSM.

³ O Programa Agrícola: Ações Educativas de Produção, Consumo e Comunicação no Feirão Colonial de Santa Maria/RS. Seu objetivo central está em Geral: Contribuir com a qualificação do Feirão Colonial envolvendo feirantes e consumidores a partir de discussões e planejamento conjunto de ações pautadas pelo conceito e aspectos de Soberania Alimentar, Patrimônio Cultural (saber-fazer das famílias produtoras) e consumo consciente, este último fundamental para a efetivação de ações de comercialização direta.

⁴ O “Projeto Esperança” surgiu em 1987, através de iniciativas da Arquidiocese de Santa Maria. Desde seu princípio, apresentou forte vínculo com a questão ecológica, buscando na autogestão, cooperativismo e sustentabilidade um novo jeito de solucionar os problemas sociais, entre eles, o desemprego, o êxodo rural, a fome, a miséria e a exclusão social. Seu início é marcado pelos Projetos Alternativos Comunitários (PACS), articulações de grupos comunitários e associações promovidas pela Cáritas/RS, UFSM e EMATER. Fruto destas primeiras organizações surgiu a “Cooesperança” (Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos vinculados ao Projeto Esperança), que mais tarde, em 1992, deu origem ao Feirão Colonial do Projeto Esperança/Cooesperança, realizado no espaço hoje denominado Centro de Referência Dom Ivo Lorscheiter. (PROJETO ESPERANÇA/COOESPERANÇA, 2016).

⁵ A Feira Internacional de Cooperativismo (FEICOOP) é um evento que ocorre anualmente, onde participam instituições de diferentes partes do Brasil e América Latina, denotando aí sua importância simbólica para um ponto de partida. Segundo o site do Projeto Esperança/Cooesperança, que é também um dos organizadores do evento, somente na edição de 2017, que ocorreu entre os dias 7 e 9 de julho, passaram 255 mil pessoas que representam “todos os estados brasileiros (mais de 500 municípios) e 20 países (África do Sul, Alemanha,

contados em atividades do CVT/UFSM. Estas aproximações iniciais foram essenciais para a escolha da pesquisa com enfoque no caso da Feira de Orgânicos de Santiago.

Ainda em tempo, logo no início do mestrado, durante a disciplina de Comunicação e Mediações Sociais, percebi a importância do desenvolvimento de produtos científicos em outras formas de linguagem, a exemplo da fotografia, vídeo, comunicação oral e poesia, para o desenvolvimento de uma ciência que seja cada vez mais o reflexo da realidade plural e heterogenia em vivemos, e, para que mais pessoas sejam alcançadas. Assim, percebi que o “Bernardo/poeta”, antes percebido como uma dimensão fora de minha vida acadêmica, não estaria desligado do “Bernardo/profissional”, um sendo complementar ao outro, como as diversas outras facetas que se criaram durante a vida. O autor, portanto, desenvolveu ao longo de sua trajetória, complexas teias de relações que estarão inegavelmente presentes neste trabalho. Pois a vida, em suas múltiplas dimensões, é o principal universo empírico que este trabalho apresenta.

1.1 IMERGINDO NA TEMÁTICA DA DISSERTAÇÃO

Para entendermos o caminho teórico trilhado até aqui podemos começar por uma apresentação mais ampla do que será declarado como grande objetivo desta pesquisa, as relações de reciprocidade que ocorrem dentro da Feira de Orgânicos de Santiago. Assim, começarei neste ponto falando do mercado em que a feira está incluída, para que depois se entendamos em que contexto as relações de reciprocidade acontecem no cotidiano.

Ao visualizar os mercados agrícolas em escala global atualmente, Ploeg (2011) identifica a presença de duas formas distintas: uma é formada por verdadeiros impérios alimentares, que controlam de maneira homogenia e hegemônica, toda a cadeia produtiva, desde a produção da semente, à comercialização de insumos agrícolas e agrotóxicos, até o direcionamento das cadeias de comercialização nos mercados globais de *commodities*; a outra forma é caracterizada por estruturas emergentes, compostas por uma série de novas instituições heterogêneas entre si e que possuem um forte viés de desvinculação da cadeia formada pelos impérios alimentares, a estes mercados Ploeg (2011) chama de mercados aninhados.

Nesse sentido, os conceitos de mercados de *commodities* e de mercados aninhados de Ploeg (2011), dialogam com vários movimentos sociais que buscam outro tipo de economia⁶, vide, os trabalhos que falam sobre economia da família (COELHO, 2009), economia do trabalho (CORAGGIO, 2009), economia feminista (COELHO, 2009), economia moral (LECHAT, 2009), economia para a vida (HINLELAMMERT; JIMÉNEZ, 2009), economia plural (LAVILLE, 2009), economia popular (ICAZA; TIRIBA, 2009), economia social (DEFOURNY, 2009), economia solidária (LAVILLE; GAIGER, 2009). O ponto em comum de todas essas economias, com os dois conceitos distintos de mercados globais identificados por Ploeg (2011), é o fato de buscarem por espaços em que elas possam caminhar cada vez mais afastadas da cadeia criada pelos impérios alimentares. Entre outras palavras, estes são estudos sobre outros tipos de economia que estão em contraposição à economia hegemônica capitalista, são, por assim dizer, estudos relacionados às economias contra-hegemônicas. Enquanto a economia hegemônica é marcada por princípios meramente monetários, onde as pessoas vivem para consumir, as economias contra-hegemônicas apresentam o consumo como uma forma de se contrapor ao mesmo processo e os princípios monetários se diluem junto aos princípios de vida das pessoas que vivem a economia no seu dia-a-dia.

A exemplo do que foi dito, o termo economia solidária passa a ser assim denominado primeiramente na França, para depois chegar na América Latina, nos inícios dos anos 1990 (FRANÇA FILHO; LAVILLE, 2004), tornando-se símbolo de luta conjunta com sindicatos, movimentos sociais, organizações não governamentais, partidos políticos, entre outras organizações por direitos no campo do trabalho (SINGER, 2002). No Brasil, a economia solidária ganha destaque em vários estudos ligados ao rural (RIBEIRO; GALIZONI; ASSIS, 2012; SABOURIN, 2014; SCHNEIDER; FALCKEMBAK; FRANTZ, 2007), sendo que, tanto cooperativas, associações e outras organizações, podem estar interligadas à economia solidária, se estas se enquadrarem nos seus princípios de solidariedade, inclusão, sustentabilidade e emancipação social (GADOTTI, 2008). No site do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (CIRANDAS, 2017) é possível se encontrar a descrição e o contato de 20.031 empreendimentos brasileiros de Economia Solidária, destes 1713 estão localizados no Rio Grande do Sul. Este é um fator que aponta a forte busca pela organização em rede desses empreendimentos.

⁶ O conceito de economia aqui será abordado numa perspectiva de relações. Sendo que em uma economia capitalista, que controla o mercado de *commodities*, todo o conjunto de relações existentes orbita em torno do lucro. E as outras economias citadas no texto, orbitam em torno da construção de relações humanas que buscam por equidade e justiça social.

Porém cabe também, aqui destacar, que existem organizações que, mesmo não estando diretamente ligadas às redes de economia solidária, podem estar próximas às suas lógicas econômicas, as feiras livres da agricultura familiar são um exemplo disto.

Sob a ótica dos circuitos de comercialização, podemos dizer que os alimentos que circulam nos mercados da economia solidária, estão dentro da denominação de circuitos curtos de comercialização. Silva e Deon (2015, p. 84), ao analisarem as cadeias curtas de comercialização realizadas no município de Santiago/RS, afirmam que as formas de comercialização ali representadas, legitimam “elementos institucionais próprios, que foram construídos a partir da interação entre os múltiplos agentes locais”, ainda segundo os autores os circuitos curtos geram uma conexão entre agricultores e consumidores, onde relações de interconhecimento e processos comunicativos são sustentados por confiança e reciprocidade.

É importante frisar que as pesquisas realizadas por Silva e Deon (2015) apesar de não se declararem estudos de caso de economia solidária, possuem em seu cerne vários pontos que o aproximem da sua lógica, como a solidariedade, a inclusão, a sustentabilidade e a emancipação social. Portanto, estudar mercados como os expostos por Silva e Deon (2015) não está longe de estudar uma forma de economia que se contrapõe à economia hegemônica, uma vez que o capital não é a única lógica que impera sobre tal sistema. Mesmo assim, não podemos chamar os mercados apresentados por Silva e Deon (2015) como mercados que estão dentro da lógica de economia solidária, uma vez que tal conceito esteja ligado a um histórico de lutas sindicais e organização nacional em rede, e, afirmar tal hipótese seria no mínimo um ato de invasão cultural e um desrespeito ao processo econômico criado localmente.

Finalmente, antes de compreender a lógica econômica e teorizar sobre um novo conceito ou teoria econômica que contemple as economias que emergiram no processo de contraposição à homogeneização de uma visão econômica meramente mercantil, faz-se necessário compreender e visibilizar economias que já acontecem e permanecem às margens, como se acontecessem dentro das mesmas lógicas. Assim, ao entender suas lógicas, pode-se planejar lógicas institucionais que ajam em conjunto com elas, e não sobre elas⁷, como ocorre

⁷ Ao expressar “agir com elas, e não sobre elas”, faz-se referência ao educador de maior renome no Brasil, Paulo Freire. Em seu livro “Extensão ou comunicação?”, Freire exemplifica e contextualiza, numa linguagem mais simplificada ao universo da Extensão Rural, a importância dos conhecimentos e saberes locais, e, como eles são importantes para um modelo dialógico de extensão rural. Na visão de Freire, a palavra “Extensão” deveria ser trocada por “Comunicação”, uma vez o extensionista (ou, melhor dizendo, comunicador) ao invés de levar o conhecimento até os agricultores, dialogaria com eles para só então, juntos, produzirem os próprios conhecimentos localizados. As discussões ali apresentadas são derivações de outras obras teóricas mais densas como clássico: “Pedagogia do Oprimido”. O modelo dialógico de Extensão Rural se contrapõe ao modelo difusionista de Extensão Rural.

normalmente em ações de extensão rural de caráter difusionista⁸. O que este trabalho se propõe é isto, compreender outras lógicas que influenciem na economia, mas que não necessariamente sejam lógicas econômicas monetárias, caso da reciprocidade.

1.2 O PROBLEMA DA PESQUISA

A partir da compreensão de que as lógicas econômicas que regem as relações estabelecidas em experiências de mercados aninhados são diferentes das lógicas econômicas que regem as relações estabelecidas em mercados de commodities, e; sabendo-se que a Feira de Orgânicos do município de Santiago se enquadra como uma experiência nas lógicas econômicas dos mercados aninhados, na tentativa de compreender e visibilizar essas economias e lógicas econômicas que já acontecem e que não podem permanecer nas margens, pergunta-se:

Como ocorrem as relações de reciprocidade na Feira de Orgânicos do município de Santiago / RS?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

- Compreender, a partir da visão dos feirantes, as relações de reciprocidade na Feira de Orgânicos do município de Santiago / RS.

1.3.2 Objetivos específicos

- Contextualizar a história dos feirantes e o motivo pelo qual os levaram a produzir e comercializar orgânicos;
- Interpretar os significados construídos por feirantes no cotidiano da feira;
- Identificar as relações de reciprocidade no contexto da feira;
- Construir uma narrativa fotográfica do caminho do alimento, da colheita ao consumidor final.

⁸ O difusionismo surgiu a partir da corrente teórica cuja principal obra literária foi escrita pelo norte-americano Everett M. Rogers, sob o título de “Diffusion of innovations” (1962). O modelo difusionista de Extensão Rural influenciou todo o processo Modernização Conservadora que ocorreu a partir da década de 1960.

1.4 ASPECTOS TEÓRICOS PRELIMINARES

1.4.1 Da (in)sustentabilidade à produção de alimentos orgânicos

O conceito de sustentabilidade foi construído por vários agentes que perceberam dentro do seu contexto de vida, inseguranças ambientais que foram causadas, principalmente, pela ação antrópica. Dentre alguns momentos históricos importantes, que construíram o que hoje se entende por sustentabilidade, podem-se destacar as seguintes frentes:

1.4.1.1 *Da Crise Socioambiental aos Movimentos Sociais*

A crise socioambiental é consequência de uma série de injustiças ambientais, que estão situadas dentro de um contexto de conjuntura de globalização neoliberal e de um sistema econômico capitalista (RAMMÊ, 2012). Desta forma, os padrões de justiça estão configurados dentro deste sistema social, que visa não somente a produção de riquezas, mas também para a determinação de um modo de vida cultural (BAGGIO, 2008).

Ao analisar os principais estudos teóricos contemporâneos sobre injustiça ambiental, na perspectiva de movimentos por justiça ambiental, Râmme (2012) indica as cinco principais causas de injustiça ambiental, sendo elas: [1] a transformação do consumo numa prática antropológica⁹, [2] a soberania dos mercados financeiros e o enfraquecimento do Estado¹⁰, [3] a segregação socioespacial¹¹, [4] a desigual aplicação da justiça socioambiental¹², [5] a neutralização da crítica potencial¹³.

A partir daqui pode-se reparar o tom antropocêntrico que os movimentos por justiça ambiental pautaram em suas causas, isto ocorreu muito pelo contexto em que eles estavam inseridos, pois a maioria dos movimentos surgiu em ocasiões que determinada população precisou se organizar para melhorar as suas condições de vida. Não cabe, porém, criticar as

⁹ O consumo aqui é encarado em uma perspectiva dentro da lógica consumista movida pelo sistema capitalista.

¹⁰ A hegemonia dos mercados acarreta na flexibilização dos direitos sociais, e, por consequência, o enfraquecimento de políticas voltadas ao enfrentamento de injustiças ambientais.

¹¹ Os mais ricos tendem a residir em áreas mais protegidas dos riscos ambientais.

¹² Aqui, Râmme (2012) comenta o fato da legislação ambiental, por muitas vezes, ser mais rígida quando se trata de agricultores familiares do que quando se trata do agronegócio e de grandes corporações industriais.

¹³ Neste ponto, Râmme (2012) cita os discursos “da poluição como um mal necessário ao desenvolvimento” e a prática das grandes empresas de “sanarem seus danos ambientais” ao criarem ações políticas simpáticas às comunidades, como forma de evitar manifestações que venham a questionar os danos ambientais.

pautas dos movimentos, mas sim mostrar que eles emergiram de situações onde os seus integrantes estavam em situação de risco real à saúde. Neste ponto, destacam-se os casos da fundação da *Love Canal Homeowners Association (LCHA)* em 1978 e o *Movimento Norte Americano Contra o Racismo Ambiental* com estopim em 1982, considerados precursores nos movimentos populares por justiça ambiental nos EUA (RÂMME, 2012). Em vista disto, o tom antropocêntrico dos discursos poderia ter ocorrido muito mais por uma questão em que o movimento precisava, naquele momento, lutar por questões urgentes, dentro do contexto em que estavam inseridos.

O estudo de Râmme (2012), por sua vez, tende a convergir com as causas estruturais da injustiça social e ambiental apontadas nos documentos finais da *Cúpula das Nações na Rio+20 por Justiça Social e Ambiental* (2012) por movimentos sociais e populares, sindicatos, povos, organizações da sociedade civil e ambientalistas. Das onze causas apontadas no documento, destacamos neste artigo:

[a] o sistema capitalista. [b] enxergar o ser humano como centro e não como parte de uma biodiversidade [c] a mudança na forma de entendimento da economia – uma economia não está a serviço das necessidades humanas e se converte somente em acumulação financeira. [...]. [i] o modelo neoliberal e a cultura do consumo.

Ao trazer essas quatro causas, apontadas pelo documento, destacamos a importância dada ao sistema capitalista, que dita a forma de pensar a economia dentro dos moldes neoliberais, e por sua vez a cultura do consumo, este ponto é importante para entendermos que a insustentabilidade está intimamente entrelaçada com sistema econômico hegemônico.

Também se destaca a segunda causa apontada no documento, onde começamos a perceber que a crítica outrora realizada ao movimento ambientalista pode estar sendo resolvida. Ao destacar que “enxergar o ser humano como centro e não como parte de uma biodiversidade” (CÚPULA DAS NAÇÕES NA RIO+20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL, 2012, p.5), podemos entender que as causas de lutas por justiça socioambientais estão deixando seu caráter antropocêntrico e adquirindo uma consciência próxima ao que se entende hoje por consciência ecológica.

1.4.1.2 *Dos avanços das ciências naturais*

Além dos movimentos sociais por injustiças ambientais, dentro da academia, uma série de avanços na ciência pode ser divulgado através de publicações científicas. Na tabela 1,

procurou-se destacar as principais obras de cientistas naturalistas que, de uma forma ou outra, ajudaram a divulgar e denunciar as consequências do desenvolvimento irrefletido. Muitas destas pesquisas ajudaram inclusive a construir bases, para o que conhecemos enquanto sustentabilidade.

Tabela 1: Contribuições dos cientistas naturais para a construção da agenda ambiental e consequente construção do conceito de desenvolvimento sustentável

Autor	Publicação (ano de publicação)	O que fala
Paul Bigelow Sears (1891-1990)	Livro: <i>Deserts on the march</i> (1935)	Retrata sobre um dos maiores desastres ambientais da década de 1930 nos EUA, as tempestades de vento e areia que ficaram conhecidas mundialmente por <i>Dust Bowl</i> . O livro se baseou em conceitos e análises oriundas da geologia, climatologia e botânica para correlacionar com as práticas agrícolas que influenciavam na erosão do solo e, consequentemente, a "produção de desertos".
Aldo Leopold (1887-1948)	Livro: <i>A Sand County almanac</i> (1949)	Publicado poucos meses após o falecimento do autor, o livro reuniu escritos inéditos e publicados, escritos em várias fases de sua vida profissional e de ativista ambiental. O autor registra mudanças naturais de origem antrópica, estabelecendo um conceito de "ética da terra". Nesta ética da terra o ser humano deveria estabelecer uma ética não apenas entre humanos, mas sim com os demais membros da "comunidade biótica".
Rachel Carson (1907-1964)	Livro: <i>Silent Spring</i> (1962)	Denuncia as consequências diretas e indiretas, na natureza e na sociedade, do uso indiscriminado dos agrotóxicos. Com isso faz a relação que ficou famosa ao dizer que a primavera ficou silenciosa com o desaparecimento de espécies de pássaros pelo uso de agrotóxicos. Apesar da correlação com os pássaros o livro também denuncia o efeito destes produtos na saúde humana.
Garret Hardin (1915-2003)	Artigo: <i>The tragedy of commons</i> (1968)	Sustentava a ideia de que no uso de recursos naturais de propriedade comum, o interesse individual, tende a prevalecer sobre o interesse coletivo, se este não tiver regras ao seu acesso de uso. O artigo dele gerou discussões que possibilitaram a criação de normas regulamentadoras para o uso de recursos naturais.
Paul R. Ehrlich (1932-)	Livro: <i>The population bomb</i> (1986)	O livro registra a questão do crescimento populacional do planeta ao estudar a reprodução dos seres humanos. Apesar de apresentar dados que são polêmicos, uma vez que seu estudo foi comparado com os estudos do economista político britânico Thomas Malthus (1766-1844), o autor apresenta um conceito de "capacidade de carga", conceito este que foi importante para o "conceito de sustentabilidade" apresentado pela Comissão Brundtland.
James E. Lovelock (1919)	Livro: <i>Gaia a new look at life on earth</i> (1979) Livro: <i>The ages of gaia</i> (1988)	Em seus livros aborda a ideia de que o planeta é como um grande organismo vivo, sendo ele, um sistema complexo e ativo, capaz de agir e reagir a alterações naturais e antrópicas. Apesar de vários pontos polêmicos, seus livros ganham importância por conseguirem mobilizar a atenção de milhões de pessoas para as causas ambientais.

Fonte: Adaptado de Drummond(2006)

1.4.1.3 As Grandes Conferências Mundiais

O conceito mais conhecido de desenvolvimento sustentável é o que está presente no Relatório de Brundtland, lançado em 1987, também conhecido como “*Nosso Futuro Comum*”. Nele o desenvolvimento sustentável é caracterizado como “aquele que atende as necessidades do presente sem colocar em perigo a possibilidade de que as gerações futuras possam atender as suas”. O Relatório Brundtland, por sua vez é uma resposta aos estudos publicados na Conferência de Estocolmo, em 1972, pelo Clube de Roma, conhecidos pelo nome de “*Limites do Crescimento*”. Ambos os estudos foram organizados por Donella Meadows e Dennis Meadows (MARTÍN e GONZALEZ, 1997).

Anos mais tarde, em 1992, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), organiza uma coletânea de artigos que debatiam e realizavam uma crítica ao Relatório de Brundtland, intitulado “*Meio ambiente e desenvolvimento sustentável: Mais além do Informe Brundtland*”, esses estudos foram essenciais para o debate ocorrido na “Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento Sustentável” (conhecida como ECO-92) e sequente construção da “Agenda 21”, que por sua vez, foi importante para a construção de agendas políticas ao redor do mundo (MARTÍN e GONZALEZ, 1997).

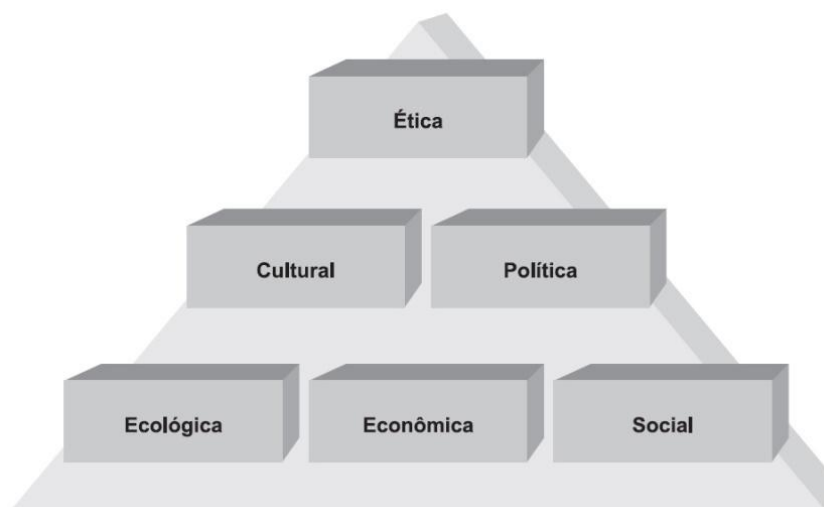
1.4.1.4 A sustentabilidade na Agroecologia

O modelo de desenvolvimento rural, adotado amplamente na extensão rural pela Modernização Conservadora, teve base na teoria da Difusão de Inovações (ROGERS, 1971), onde agricultores eram tidos como atrasados e responsáveis pelo atraso da sociedade. Neste contexto, a extensão rural possuía o papel de difundir os conhecimentos necessários aos agricultores, cabendo a estes, adotar as inovações produzidas pela ciência. O desenvolvimento é visto apenas como uma problemática econômica.

Baseados em muitas discussões do movimento ambientalista e da corrente teórica européia da Agroecologia, Caporal e Costabeber (2004) apresentam uma visão crítica ao modelo de desenvolvimento rural baseado na teoria de Rogers (1971). Neste contexto, ao se apropriarem das discussões acerca do conceito de sustentabilidade, os autores apontam para o modelo de desenvolvimento rural sustentável que se preocupa em estabelecer estratégias para uma agricultura que se preocupa com a sustentabilidade em múltiplas dimensões.

Para Caporal e Costabeber (2002), então, a sustentabilidade pode ser analisada de forma multidimensional, de modo a auxiliar nos processos de transição apoiados nos princípios da Agroecologia. Essas dimensões estão categorizadas em três níveis hierárquicos (figura 1), estando eles todos interrelacionados, no primeiro nível então encontramos as dimensões ecológica, econômica e social, no segundo nível encontramos as dimensões cultural e política, e, por fim, no terceiro nível encontramos a dimensão ética.

Figura 1: Multidimensões da Sustentabilidade



Fonte: Caporal e Costabeber (2002)

A dimensão ética acaba encontrando-se no topo em nossa pirâmide, pois é a partir dela que encontramos um caminho para todas as outras reflexões em torno da sustentabilidade. A ética, neste contexto da sustentabilidade e ligação com a agricultura, deve ser entendida através das relações das populações entre si, e das populações com a natureza. Alguns elementos que podem emergir dessas relações estão intimamente ligados à busca por soberania a segurança alimentar, a solidariedade entre povos, o direito ao acesso aos recursos naturais, a garantia à dignidade humana (CAPORAL E COSTABEBER, 2002; LEFF, 2014).

Realizar uma pesquisa exige comprometimento com a mesma e o universo pesquisado. A pesquisa possui em si, bases epistêmicas que a amparam e ajudam a construir conhecimentos. Logo, o comprometimento na pesquisa, passa pelas bases epistêmicas, por ela amparada. A Agroecologia, enquanto ciência (CAPORAL e COSTABEBER, 2002) também possui suas próprias bases epistêmicas.

Dentre os debates contemporâneos da ciência da Agroecologia apontados por Costa Gomes (2005) destaca-se a pertinência de um paradigma mais flexível, o que acarreta para

uma transição de uma ciência que supere a “modernidade” e a necessidade de articulação entre o conhecimento científico e cotidiano, articulação esta formada pela epistemologia natural, epistemologia evolucionista e epistemologia de participação.

Desta forma, existe a necessidade de um pluralismo epistemológico onde a produção do conhecimento deve ser considerada mais como domínio de reflexão do que de prática, ajudando a superar o reducionismo ainda dominante, a ideia da neutralidade dos pesquisadores e a falsa concepção de objetividade na ciência.

Resumindo, a Agroecologia, por ser uma ciência concebida entre o velho e o novo, atua nesse processo de transição, refutando a ideia de uma ciência despreocupada com o ambiente, para assumir o patamar de uma ciência baseada em uma ética ecológica¹⁴. Ou seja, podemos traçar um paralelo entre a própria ciência agroecológica e um dos seus conceitos mais conhecidos, o de transição agroecológica¹⁵.

Assim, essa primeira discussão para entender o que é sustentabilidade e o que é Agroecologia é necessária para que entendamos o cenário da produção de alimentos orgânicos como um caminho para uma sociedade sustentável. Não basta, portanto, produzir alimentos orgânicos sem atentar para o que se discute junto à sustentabilidade e à Agroecologia, caso contrário estaremos apenas transitando de um sistema de produção de alimentos convencionais com insumos químicos para um sistema de produção de alimentos orgânicos com insumos verdes.

¹⁴ Segundo Enrique Leff (2014) a Ética Ecológica é pautada pela saber ambiental. Assim, o saber ambiental busca dar sustentabilidade à vida, mudando o *olhar* do conhecimento em relação ao mundo, desta forma, o saber, o pensar e o conhecer acontecem e atuam *com* o mundo, não *sobre* ele.

¹⁵ O conceito de transição agroecológica proposto por Gliessman (2008) envolve o processo de conversão das práticas agrícolas convencionais (rumo à um redesenho do agroecossistema de forma que ele funcione baseado em um novo conjunto de processos ecológicos) e a interação desta com as condições de componentes sociais (equidade, qualidade de vida, satisfação, eficiência, estabilidade cultural) e componentes ecológicos (estabilidade, resiliência, saúde, permanência), de tal modo as mudanças ocorram em um sentido que busque a sustentabilidade.

1.5 PLANO DA OBRA

Esta dissertação está dividida em sete partes, sendo um capítulo de introdução, um capítulo de metodologia, três capítulos que mesclam a teoria com o universo empírico pesquisado, um capítulo que apresenta uma narrativa fotoetnográfica, e o capítulo de considerações finais. Desta maneira, o capítulo 1 (Introdução) já foi apresentado; o capítulo 2 (Criando Laços: Notas Sobre a Metodologia) se dedicará a esmiuçar a metodologia do trabalho de pesquisa, o capítulo 3 (Mãos que Contam Histórias: Os Orgânicos em Santiago) discorrerá sobre a contextualização da história dos feirantes até o momento atual, apresentando assim, os motivos pelos quais os levaram a produzir e comercializar orgânicos; o capítulo 4 (Mãos que Produzem Significado: Significados Construídos no Cotidiano) abordará temas que ocorrem no cotidiano dos feirantes, para assim interpretar os significados que ali foram construídos; o capítulo 5 (Entre Prosas, Alimento e Consumo) apresentará algumas considerações a respeito do consumo e da reciprocidade no contexto da feira, identificando como ocorrem as relações de reciprocidade a partir da feira; e por fim, o capítulo 6 (Mãos que Formam Laços: Fotoetnografia na Feira de Orgânicos de Santiago/RS) apresentará, de forma visual, o caminho do alimento, partindo do momento da colheita até chegar ao consumidor final, sendo que neste, o fio condutor da narrativa serão as mãos que conduzem o alimento, de um ponto ao outro.

2. CRIANDO LAÇOS: NOTAS SOBRE A METODOLOGIA

*E agora, sim, agora
No presente, presente!
Quero fazer ciência
Com amor
Com emoção
Com poesia
Com imagem, luz e som
De mãos dadas
Porque solitário
Não mais!
Não mais!*

2.1 METODOLOGIA-BASE

O processo de construção do conhecimento exige uma reflexão do pensamento que já estava anteriormente enraizado (preconceitos, alienações, colonizações), implica um esforço de autoconhecimento, de conhecimento do mundo, e de si com o mundo. O conhecimento para ter “validade científica” irá depender das bases epistemológicas adotadas pelo pesquisador. A Agroecologia, enquanto ciência (CAPORAL; COSTABEBER, 2002) está baseada em um pluralismo epistemológico (COSTA GOMES, 2005) que dialoga com os conhecimentos gerados a partir do viés tradicional da ciência, construída sobre os pilares de uma base epistemológica moderna, e os saberes populares, construídos sobre a base das experiências de diferentes culturas e sociedades. Nesta dissertação, portanto, a Agroecologia abraçei enquanto ciência, a fim de construir conhecimento com o auxílio dela. Para isto, busquei realizar um trabalho de tradução de desenvolvimento, trabalho e produção, conforme Santos (2002).

Conforme Boaventura de Souza Santos, o trabalho de tradução de experiências de desenvolvimento, trabalho e produção está dentro do campo da Sociologia das Ausências e das Emergências e:

“trata-se de diálogos e conflitos possíveis entre formas e modos de produção diferentes. Nas margens ou nos subterrâneos das formas dominantes – o modo de produção capitalista e o modelo de desenvolvimento como crescimento infinito – existem como disponíveis ou

como possíveis, formas e modos de economia solidária, alternativa, do desenvolvimento alternativo às alternativas ao desenvolvimento: formas de produção eco-feministas ou gandhianas (*swadeshi*); organizações econômicas populares (cooperativas, mutualidades, empresas autogeridas, associações de micro-crédito); formas de redistribuição social assentes na cidadania e não na produtividade; experiências de comércio justo contrapostas ao comércio livre; lutas pelos parâmetros de trabalho (*labor standards*); o movimento anti-*swetshop* e o novo internacionalismo operário”(2002, p.259-260)

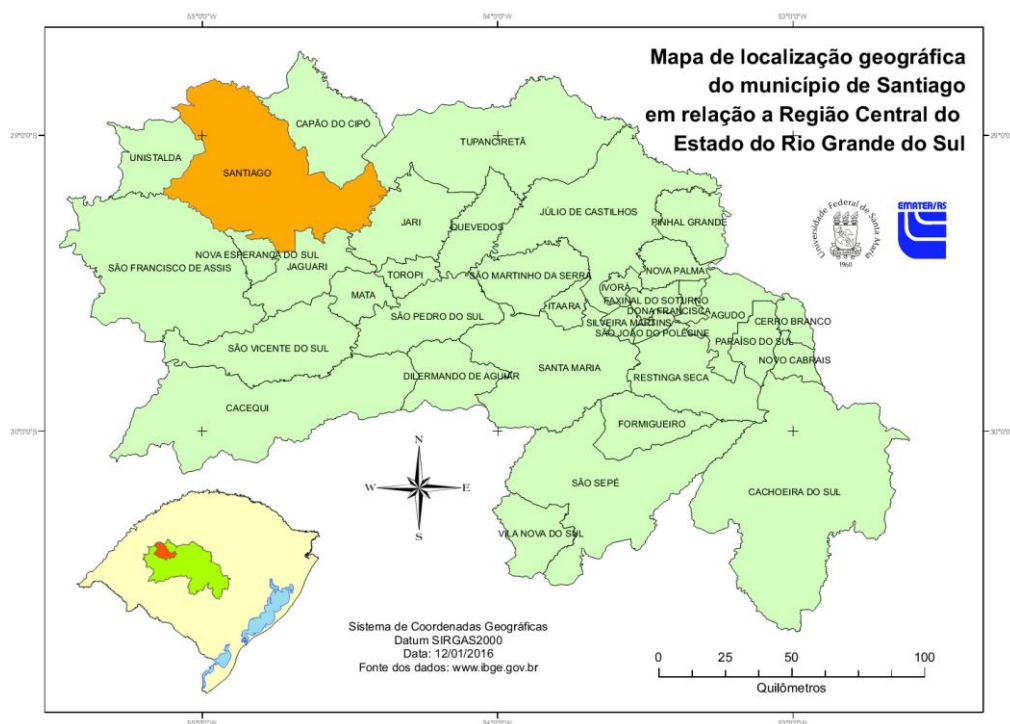
Em harmonia com a orientação epistemológica e com a intenção de compreender, a partir da visão dos feirantes, as relações de reciprocidade na Feira de Orgânicos do município de Santiago / RS foi utilizada a abordagem de estudo qualitativa, que se concentra em interpretar os significados que não são visíveis no mundo, mas que podem ser expostos, interpretados e explicados pelos pesquisadores (MINAYO, 2009).

Em conformidade com o trabalho de tradução de desenvolvimento, trabalho e produção e da abordagem de estudo qualitativa, foi empregado o estudo de caso. Os estudos de caso exploram temas e fenômenos em seu contexto real tentando atribuir relações causais indo além de apenas descrever as situações pesquisadas, possuem a característica de não poderem realizar extrapolações empíricas e poderem realizar extrapolações teóricas. A pesquisa utilizou um estudo de caso único, de apenas um caso, e combinado com múltiplas técnicas de coleta de dados (GRAY, 2012). No contexto da pesquisa, a Feira de Orgânicos de Santiago foi considerada como um único caso. A localização do município de Santiago, dentro do estado do Rio Grande do Sul, pode ser visualizada conforme a figura 2.

Para constituir o corpus empírico da pesquisa, foi realizada amostragem por meio de estudo de caso único de meio institucional com seleção das amostras seguindo critérios intencionais (PIRES, 2010). Os critérios intencionais convergiram em torno do caso da Feira de Orgânicos de Santiago, sendo eles: [1] a escolha pelo município de Santiago, em decorrência da característica cultural dos moradores de consumir produtos nas feiras locais, uma vez que o município sedia, semanalmente, três espaços de feiras livres com produtos oriundos da agricultura familiar local, sendo que, dois desses espaços possuem sua produção baseada de acordo com a agricultura convencional e um desses espaços possui produção baseada na agricultura orgânica. As três feiras ocorrem em diferentes locais e dias da semana, sendo que, cada uma delas ocorre duas vezes por semana, totalizando seis feiras por semana, de segunda à sábado; [2] a existência de uma feira apenas com produtos orgânicos e agricultores certificados; [3] a possibilidade de estudar um grupo de pessoas que vivenciam as diferentes dimensões da sustentabilidade no seu dia-a-dia.

Dessa maneira, os critérios intencionais me conduziram, primeiramente, à Feira de Orgânicos de Santiago, e, por consequência, às quatro famílias de agricultores familiares feirantes que foram os fios condutores da experiência que esta pesquisa abordou. Foi a partir da fala deles, e de como eles entendem os seus processos de significação que a pesquisa procurou caminhar.

Figura 2 – Localização do município de Santiago, em relação à Região Central do Estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: Silva (2016, apud MIOLA, 2015).

De acordo com o estudo de caso foram utilizadas diversas técnicas de coleta de dados, dentre elas, podemos citar a entrevista e observação, como dados primários, e a pesquisa bibliográfica e documental, como dados secundários.

Primeiramente, os dados secundários foram coletados através da pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Sendo que, segundo Gil (2002) a pesquisa bibliográfica é caracterizada por ser desenvolvida com materiais já elaborados, sejam eles livros ou artigos, e a pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica, com a diferença de trabalhar com fontes documentais, ou seja, fontes que não tenham recebido o devido tratamento analítico por fontes bibliográficas. Nesta fase da pesquisa, se priorizou pelo aprofundamento teórico da temática escolhida para a pesquisa e pela coleta e análise de documentos já produzidos no entorno do ambiente da Feira de Orgânicos de Santiago.

Na sequência os dados primários foram coletados através de observação direta intensiva, que, segundo Marconi e Lakatos (2003), é realizada através das técnicas de

observação e entrevista. A observação é uma técnica que possibilita a coleta de dados a partir dos sentidos do pesquisador, nesta pesquisa foi realizada a técnica de observação estruturada, não participante, individual, efetuada na vida real (MARCONI e LAKATOS, 2003). A entrevista consistiu na técnica em que o pesquisador tem a possibilidade de conversar diretamente com os sujeitos pesquisados a fim de obter informações de determinado assunto ou tema, ainda segundo a classificação sugerida por Marconi e Lakatos (2003), foram realizadas entrevistas não-estruturadas, focalizadas, onde não há uma ordem de perguntas, mas sim um roteiro de tópicos relativos ao problema que se deseja estudar. Também, junto à coleta de dados foram capturadas imagens fotográficas, de acordo com a metodologia da fotoetnografia, proposta por Achutti (2004).¹⁶

Em relação aos aspectos éticos da pesquisa, cada entrevista foi assegurada pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e demais aspectos legais existentes (BRASIL, 2012). Desta forma, para apresentar sigilo, todas as pessoas apresentadas aqui nesta dissertação receberão nomes fictícios.

Os dados coletados durante toda a trajetória da pesquisa, por fim, foram analisados e interpretados por meio da metodologia de análise de conteúdo (GOMES, 2009). Onde, a análise (ou explicação) pode ser considerada como a tentativa de evidenciar as relações que ocorrem entre o fenômeno estudado e outros fatores, e a interpretação é encarada como o esforço intelectual para atribuir significações à explicação aos resultados encontrados durante a pesquisa (MARCONI e LAKATOS, 2003).

2.2 INSERÇÕES NO CAMPO EMPÍRICO

A inserção no campo empírico de pesquisa se apresentou em várias etapas até o momento da conclusão de coleta de dados.

Antes mesmo antes do início do mestrado, quando a pesquisa estava sendo pensada para ser proposta para a seleção no Programa de Pós Graduação em Extensão Rural, o pesquisador conheceu a Associação de Produtores Orgânicos de Santiago, em uma atividade desenvolvida junto ao NEA/UFSM no dia 15 de setembro de 2015, em uma oficina sobre Produção de Mudas e Sementes Ecológicas, que ocorreu em conjunto com Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santiago, a Rede de Agroecologia EcoVida e a Emater Municipal de Santiago.

¹⁶ Maiores detalhes à respeito desta metodologia podem ser conferido na seção: “2.4.4 A metodologia de construção da narrativa fotoetnográfica”

O primeiro contato com a Associação após o início do mestrado, ocorreu no dia 07 junho de 2016, durante a realização do 1ª Seminário Regional de Agroecologia, promovido pela APOS, Rede de Agroecologia EcoVida, Emater Municipal de Santiago e Prefeitura de Santiago. Durante o evento, o pesquisador participou junto com os estudantes do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural, realizando uma atividade da disciplina de Comunicação e Mediações Sociais, atividade esta que gerou, mais tarde, a elaboração de exposição fotográfica e construção de um vídeo, ambos denominados “A terra a gente faz”¹⁷. Durante a participação do seminário, também foram realizados os acordos iniciais para a realização da pesquisa junto à agricultora presidenta da APOS.

Em formato de retorno, a exposição fotográfica e o vídeo, construídos durante o 1º Seminário Regional de Agroecologia, foram lançados no dia 27 de outubro de 2016 no X Seminário de Formação em Agroecologia, promovido pelo Grupo de Agroecologia Terra Sul, no Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Maria. No mesmo dia, a agricultora Betânia, junto ao seu filho Breno, representando a APOS, vieram palestrar contando sobre a sua experiência na área de produção de orgânicos.

Destaco aqui, a importância da professora Gisele Martins Guimarães e do professor Clayton Hillig, ministrantes da disciplina de Comunicação e Mediações Sociais, disciplina esta que foi essencial para a construção metodológica que trouxe a linguagem da fotografia para esta dissertação, algo ainda não convencional nos ambientes que transito.

As observações junto à Feira de Orgânicos de Santiago aconteceram de agosto à dezembro de 2017, sendo que de agosto à outubro a feira foi visitada uma vez por mês, e novembro e dezembro, a feira foi visitada duas vezes por mês. Para estas, estabeleceu-se a metodologia de acompanhar a feira, desde sua abertura, próximo às 7:30 horas da manhã, até seu fechamento, próximo às 12 horas, utilizando deste período para realizar a observação direta.

Em quatro finais de semana, entre novembro e dezembro, além das observações que já vinha realizando junto à feira, também realizei o acompanhamento do cotidiano de cada uma das quatro famílias que trabalham na feira, desde o momento de colheita dos produtos até o momento da comercialização em feira. Estas observações, realizadas em finais de semana diferentes para cada família, se iniciaram na sexta-feira para as famílias A, B e C, e na quinta-

¹⁷ O vídeo pode ser visualizado na plataforma web de vídeos YouTube, através do link <https://youtu.be/fbprbMIC2yY>

feira, para a família D, todas completando seu período de observação no sábado pela manhã, no momento de comercialização da feira.

Durante as observações realizadas no cotidiano fora da feira, optei por trabalhar junto com os agricultores no processo de organização, até o momento da feira. Para isto, me alimentei e dormi nas casas das famílias, junto com as famílias, acompanhando seus cotidianos. Nestas ocasiões também realizei as fotografias para o capítulo fotoetnográfico e as entrevistas que utilizei ao longo de todo este estudo.

Devido ao fato do tipo de entrevista escolhido (entrevistas não-estruturadas, focalizadas, onde não há uma ordem de perguntas, mas sim um roteiro de tópicos relativos ao problema que se deseja estudar), notei que ganhei uma liberdade maior para deixar a conversa fluir durante o ato da entrevista. Por este motivo, talvez o leitor tenha um estranhamento quando perceber que estou incluso nos trechos de entrevista citado ao longo da dissertação. Quando acontecer de minhas falas aparecerem destacadas nos trechos das entrevistas citadas ao longo do trabalho, isso significa que provavelmente eu tenha conduzido para que a conversa fosse por aquele caminho. Como a entrevista é uma via de mão dupla, eu não poderia deixar de estar impresso nela quando assim necessário, afinal também entendo que minhas falas acabaram sendo resultadas de minha própria dissertação.

2.3 DIRECIONANDO OLHARES: A METODOLOGIA DE CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA FOTOETNOGRÁFICA

2.3.1 A fotografia que conta histórias

A fotografia, por si só, já se provou importante na história da humanidade. Seu valor simbólico, sua capacidade de comunicar através de imagens, extrapola o limite das fronteiras linguísticas, a ponto de possibilitar a comunicação entre universos culturais distintos.

Depois que decidi que iria orientar uma parcela do trabalho através da metodologia descrita por Achutti (2004), procurei retrabalhar meu olhar para encontrar significados nas obras fotográficas de outros artistas. Perceber que a imagem conta através dos detalhes e entender que o subjetivo nos faz enxergar aquilo que estamos preparados para interpretar, só me fez perceber a beleza e a responsabilidade do trabalho que estava me propondo a fazer.

Assim, após começar o meu trabalho de campo encontrei o documentário chamado “O Sal da Terra” (2012), nele a importância e o potencial da expressão da fotografia se

encontram expressos através da exposição dos retratos da vida profissional que se entrelaçam com os retratos da vida pessoal do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. Durante sua trajetória de vida, após estar formado em Economia e ser exilado do país durante o regime militar, Sebastião Pinheiro descobre na França uma linguagem que mais tarde passou a ser sua forma de linguagem mais poderosa, a fotografia (O SAL DA TERRA, 2015).

Ainda em mesmo documentário, destaco uma fala de Sebastião Salgado que a relembra a natureza particular da percepção do fotógrafo:

Se você reunir vários fotógrafos num mesmo lugar, cada um fará fotos diferentes. Isso porque, com certeza, eles veem de locais diferentes, muito diferentes. Cada um desenvolve a forma de ver em função de sua história. (O SAL DA TERRA, 2015)

Famoso por fotografar diversas culturas e populações ao redor do mundo, este profissional deixou uma marca em seus registros fotográficos, mostrar a natureza humana em sua condição mais real, e por muitas vezes, mais violenta. Assim, suas fotos abordaram várias faces humanas que foram invisibilizadas e deixadas à míngua, nos processos de guerra ao redor do globo terrestre. Por ter conhecido tais histórias contemporâneas da realidade, Sebastião chegou a perder a fé na humanidade, não reconhecendo mais sentido em seu ofício (O SAL DA TERRA, 2015).

Cansado mentalmente pelas experiências que conheceu, o fotógrafo voltou para casa, após longos anos de trabalho e, junto à sua família, realizou em área particular, ações de recuperação de uma floresta de Bioma Mata Atlântica. Estas ações, conforme foram se concretizando e dando resultados, deram nova inspiração ao fotógrafo. Dessa inspiração surgiu o trabalho intitulado “Gênesis”. Esta obra fotográfica marcou a carreira do fotógrafo, agora com uma nova perspectiva do mundo, mostrando histórias de lugares intocados pela natureza humana. A partir desta obra, o artista se mostra parte do mundo, e, sendo parte do mundo, preocupa-se em mantê-lo vivo (O SAL DA TERRA, 2015).

No capítulo 6 desta dissertação apresento uma narrativa fotoetnográfica do caminho do alimento, da colheita ao consumidor final. Mas afinal, o que é esta narrativa fotográfica e o que ela se propõe e como ela se apresenta. Para tais dúvidas metodológicas, tomei como base a metodologia proposta por Achutti (2004). Segundo o autor, a fotografia:

é um ato intencional determinado pelo ponto de vista particular daquele que olha e adota uma certa posição frente à realidade. Uma fotografia é a materialização do olhar, é o discurso de um olhar (ACHUTTI, 2004, p. 111).

A metodologia de Achutti (2004) trata a partir da fotoetnografia em campo, os procedimentos iniciais, o trabalho em equipe, a iluminação, a seleção de fotografias e algumas questões de deontologia. O termo “deontologia” (do grego: *deonta* - dever e; *logos* - razão), foi proposto por Jeremy Bentham, em obra publicada em 1834 (BAPTISTA, 2011). Atualmente, a deontologia contempla o universo moral e ético de uma determinada profissão:

“funcionando como vetor de orientação e coesão identitária, e, ao mesmo tempo, como vetor de responsabilização pública numa perspectiva de salvaguarda dos interesses dos destinatários da atividade profissional” (BAPTISTA, 2011. p.10).

2.3.2 Justificativa para novos olhares

Vários foram os modelos teóricos de desenvolvimento adotados como orientadores técnicos para apontar os direcionamentos que a extensão rural deveria adotar em suas matrizes de atuação. Dentre eles, podemos citar o desenvolvimento rural (ROGERS, 1971), o desenvolvimento local (ABROMOVAY, 2000), o desenvolvimento territorial (ABROMOVAY, 2000), o ecodesenvolvimento (SACHS, 1986), o etnodesenvolvimento (STAVENHAGEN, 1985), o desenvolvimento rural sustentável (CAPORAL; COSTABEBER, 2004), e, mais recentemente, o bem viver (GUDYNAS, 2011), que, diferentemente dos outros citados anteriormente, é considerado uma alternativa ao desenvolvimento. Todos estes “tipos” de desenvolvimento implicam em diferentes orientações teóricas, e, conseqüentemente, práticas.

Um ponto em comum, em todos os modelos de desenvolvimento, está no uso de ferramentas da área de meios de comunicação como estratégia para alcançar os objetivos de cada matriz teórico-prática de desenvolvimento. O que muda, basicamente, são as intencionalidades por trás dos meios de comunicação e o entendimento teórico sobre o que é comunicação e o papel das mídias neste meio.

Paulo Freire teorizou sobre este ponto em seu livro “Extensão ou Comunicação?” (1983)¹⁸ onde associou o termo “extensão”, da extensão rural, como o ato de estender algo a alguém, implicando em um ato de falta de diálogo e de invasão cultural, fazendo clara crítica ao modelo difusionista de desenvolvimento rural. Com esta crítica, o autor propõe a

¹⁸ Sua primeira edição data de 1969.

substituição do termo “extensão” pelo termo “comunicação”, chegando numa lógica de comunicação rural, ou seja, a mudança de termos serviria para dizer que todos aqueles que trabalham desenvolvendo o meio rural, deveriam trabalhar numa perspectiva educadora, participativa e dialógica, tomando os devidos cuidados para não desrespeitar as culturas locais.

No mesmo sentido, Lima (2001) apresenta em seu trabalho oito modelos teóricos de comunicação¹⁹, sendo que em cada um deles, o significado do que são meios de comunicação, como funcionam, para que funcionam e para quem funcionam, vai depender da orientação teórica dos sujeitos protagonistas das experiências de comunicação. Assim, a partir da compreensão da importância de utilizar outras formas de comunicação, e da experiência empírica construída ao longo do processo de pesquisa, trago no último capítulo da dissertação uma narrativa fotoetnográfica.

Segundo Achutti (2004, p. 109),

Uma narrativa fotoetnográfica deve se apresentar na forma de uma série de fotos que estejam relacionadas entre si e que componham uma sequência de informações visuais. Série de fotos que deve se oferecer apenas ao olhar, sem nenhum texto intercalado a desviar a atenção do leitor/espectador.

Nesse sentido, dividi o capítulo fotoetnográfico em três partes: “PRAÇA”, “CAMINHO” e “MÃOS”. Cada qual com sua parte na construção dos significados capturados pelas imagens em sequência. A primeira parte, denominada “PRAÇA”, apresentando o local onde ocorre a feira durante todos os sábados pela manhã, contextualizando, assim, o espaço onde ocorrem as relações entre os indivíduos. A segunda parte, denominada “CAMINHO”, inicia a narrativa do caminho do alimento, apresentando o cotidiano das famílias a partir do ponto da colheita até o momento em que a feira é montada. A terceira parte “MÃOS”, finaliza a narrativa do caminho em que o alimento acompanha o agricultor passando-o para o consumidor, na feira. Tanto na segunda quanto na terceira parte (“CAMINHO” e “MÃOS”), procurei fazer das mãos o elo narrativo entre as fotografias, tendo no local onde elas se encontram um especial destaque significativo.

Assim, é a partir das mãos das agricultoras e agricultores, que vivenciam a experiência da Feira de Orgânicos de Santiago, que a sequência narrativa representa o meu olhar construído ao longo das múltiplas vezes em que a feira foi por mim vivenciada durante o

¹⁹ Os modelos teóricos abordados pelo autor são: manipulação, persuasão, função, informação, linguagem, mercadoria, cultura e diálogo.

trabalho de campo. O olhar aqui é retratado de forma intencional, subjetiva e cheio de significados.

2.3.3 A fotoetnografia em campo e os procedimentos iniciais

Segundo Achutti (2004) faz-se necessário mergulhar no universo do campo de pesquisa e se distanciar um pouco da técnica para compreender o olhar que se deseja fotografar. Desta forma é importante se sentir à vontade no ambiente em que se está, e o ato de fotografar deve ser apresentado de forma natural, tendo em mente qual a sequência que deseja apresentar no local. Assim, a fotografia não pode ser tomada por uma transcrição visual, mas sim como a construção da narrativa de determinada realidade. É no local de observação que a narrativa deve ser percebida, “é lá, em campo, que todas as intenções visuais do antropólogo devem ser resolvidas de forma a produzir fotografias que ofereçam uma ‘leitura’ tão clara quanto possível” (ACHUTTI, 2004, p. 113).

Desta forma, ao iniciar a imersão no campo de pesquisa, foi necessário primeiro me tornar conhecido pelos sujeitos que ali se encontram. Portanto, não comecei a fotografar nos primeiros finais de semana de observação. Foi necessário que os sujeitos da pesquisa estivessem à vontade com a minha presença enquanto pesquisador. Desta forma, só comecei a fotografar a partir do momento em que me senti à vontade para isso, antes de fotografar me certifiquei de explicar a todos as minhas intenções no processo de fotografia, a metodologia e as câmeras que eu iria utilizar.

Antes de fotografar procurei então observar e conhecer a narrativa que me era dada no cotidiano da feira. O período de observação antes de fotografar também foi o período que construí laços com os agricultores e consumidores da feira, para perceber a narrativa tentei me fazer parte dela, assim construí meu olhar para iniciar o processo de fotografar.

As fotografias começaram a ser capturadas na terceira ida ao ambiente da feira, sendo que na segunda ida à feira o livro aqui citado como metodologia-base para a construção desta narrativa fotoetnográfica foi levado aos sujeitos da pesquisa, para que eles pudessem visualizar a ideia que seria com eles desenvolvida.

Cumprindo assim o que Achutti (2004) afirma, onde na pesquisa fotoetnográfica é necessário esclarecer às pessoas fotografadas o que se deseja realizar com o seu trabalho de campo, reafirmar sua posição de pesquisador e distinguir seu trabalho do trabalho jornalístico.

O repórter fotográfico – que ao contrário do etnógrafo, geralmente está de passagem – impõe desde a sua chegada a máquina fotográfica como um elemento de mediação entre ele e os outros. Geralmente ele estabelece uma distância necessária que não é a distância para o etnógrafo. [...] O etnógrafo deve, portanto, retornar a campo repetidas vezes, unicamente para observar, entrar em contato com as pessoas, conhecê-las melhor, impregnar-se de seu universo (ACHUTTI, 2004, p. 114)

Assim, o ato de fotografar, é apenas uma parte do trabalho. É necessário estabelecer um diálogo entre sujeitos pesquisados e sujeito pesquisador, e é através desse diálogo que o pesquisador conseguirá visualizar as situações que serão fotografadas. Dialogar, fotografar, observar e anotar, são situações que ocorrem ao mesmo tempo durante este tipo de processo de pesquisa (ACHUTTI, 2004).

O próprio fato de trabalhar em equipe é uma das discussões que o autor realiza ao descrever sua metodologia, abordando que há obras etnográficas na linguagem do cinema que relatam a necessidade de trabalhar em equipe, devido a grande carga de trabalho que vem junto ao processo, porém, ele frisa que para isto é necessário que a equipe compartilhe do mesmo olhar, o que por si só, já é um grande limitante, devido à grande carga de subjetividade que ocorre durante o processo. Apesar da dificuldade, trabalhos do tipo não só possíveis como já foram feitos. Mesmo assim, o autor relata que há trabalhos que defendem o trabalho individual (ACHUTTI, 2004). Dentro deste trabalho, tanto à construção teórica, como a parte prática foram realizadas de forma individual.

2.3.4 Iluminação e escolha da câmera

De uma maneira geral, “a luz está diretamente relacionada com a percepção dos volumes, a profundidade de campo, a ideia de espaço e a qualidade da cor” (ACHUTTI, 2004, p. 115). Assim, a iluminação de uma cena, é de fundamental importância, devido à qualidade da imagem, o uso do flash é desaconselhado devido à possibilidade de alterar a composição que está composta durante o procedimento fotográfico, porém não é considerado um impedimento, dependendo das condições de iluminação que ali se encontram. Durante o trabalho de campo não foi necessário utilizar-se do flash, porém, durante o tratamento digital das fotos, recursos na edição de fotos foram utilizados para compor a imagem, como: configurações de corte; configurações de matiz e saturação; e configurações de brilho e contraste.

Foram utilizadas duas câmeras para realizar as fotografias. [1] Em fotos realizadas à curtas distâncias, onde era possível realizar uma maior aproximação física entre a câmera e os sujeitos fotografados, foram realizadas fotografias com a câmera do smartphone de modelo “Moto G 2”, com a câmera configurada para captar fotografias de 6 megapixels. A câmera do smartphone foi utilizada na maioria das situações em que o pesquisador fotografou sem o auxílio de zoom e durante todos os momentos em que as fotos foram tiradas na casa dos agricultores, devido a possibilidade de intercalar entre tirar fotos e trabalhar junto com os agricultores. [2] Em fotos realizadas à longa distância, com o auxílio da ferramenta de zoom óptico, tornando possível realizar fotografias a maiores distâncias físicas entre a câmera e os sujeitos fotografados, foram realizadas fotografias com a câmera digital de modelo “Fujifilm Finepix S2980”, com a câmera configurada para captar fotografias de 14 megapixels. Esta câmera foi utilizada para situações em que se exigiam maiores distâncias, devido à possibilidade do uso da ferramenta de zoom óptico de até 18 vezes que a câmera permite. Geralmente as fotos tiradas com esta câmera permitiram captar a relação entre agricultores e consumidores.

2.3.5 Seleção das fotografias e algumas questões de deontologia

A seleção das fotografias inicia no momento em que elas são capturadas pelas câmeras fotográficas. Isso ocorre, pois ao fotografar, deve-se ter em mente o objetivo final que se deve ter alcançado. Para isso é preciso não ter pressa e entender que as fotografias irão surgir ao longo das repetidas vezes em que se está a campo, assim, também é preciso, ir mostrando o trabalho para os sujeitos da narrativa, ao longo do processo (Achutti, 2004). Durante esta pesquisa, o processo de retorno foi facilitado pelo uso do smartphone, e a apresentação através dele das imagens capturadas aos sujeitos da pesquisa.

A seleção das fotografias é realizada de forma permanente e a organização dos dados deverá fazer com que estas constituam um todo, em uma narrativa completa, assim Achutti (2004. p, 117), comenta que:

À medida que sua pesquisa avança, ele vai substituir algumas delas, trocar outras de lugar, acrescentar novas, tendo como objetivo final a coerência de um conjunto de imagens. As fotos que não foram bem-sucedidas poderão ser substituídas por outras que serão tiradas durante a próxima visita em campo, não constituindo, portanto, um problema muito grave para a narração final. [...] A bem dizer, com a fotografia, não é necessário respeitar a

continuidade; podem se acrescentar em uma mesma sequência, fotos tiradas um outro dia sem alterar sua coerência.

Outro ponto importante, é apresentar elos que ligam uma foto à outra, para assim construir a narrativa. Sempre que possível, durante a narrativa construída neste processo de pesquisa, utilizou-se as mãos dos sujeitos pesquisados como o elo entre as fotografias, isso porque durante o processo de pesquisa, compreendeu-se que, a partir das mãos, as relações são estabelecidas no cotidiano dos agricultores. Assim, após encontrar essa narrativa das mãos, que as fotos foram sendo selecionadas, primeiramente a campo e após, no computador.

Desta forma, ao selecionar as fotos, faz-se necessário pensar em todos os aspectos éticos que estão ali implícitos. Segundo Achutti (2004), pensar a respeito da deontologia significa respeitar o direito dos outros, e o direito de ser ou não fotografado. É preciso que as fotografias sejam consentidas e desejadas pelas pessoas fotografadas. Ao fotografar o pesquisador deve mostrar respeito ao imaginário das pessoas em relação às fotografias, e para isto deve primeiro, se propor a conhecê-las.

3. MÃOS QUE CONTAM HISTÓRIAS: OS ORGÂNICOS EM SANTIAGO

AS MÃOS DE MEU PAI

(Mario Quintana)

*As tuas mãos têm grossas veias como cordas azuis
sobre um fundo de manchas já da cor da terra
- como são belas as tuas mãos
pelo quanto lidaram, acariciaram ou freíram da
[nobre cólera dos justos
Porque há nas tuas mãos, meu velho pai, essa
[beleza que se chama simplesmente vida.
E, ao entardecer, quando elas repousam nos
[braços da tua cadeira predileta,
uma luz parece vir de dentro delas...
Virá dessa chama que pouco a pouco, longamente,
[vieste alimentando na terrível solidão do mundo,
como quem junta os gravetos e tenta acendê-los
[contra o vento?
Ah! como os fizeste arder, fulgir, com o milagre
[das tuas mãos!
E é, ainda, a vida que se transfigura as tuas mãos
[nodosas...
essa chama de vida – que transcende a própria
[vida
... e que os Anjos, um dia, chamarão de alma.*

Palavras-chave: histórias, motivo, canais de comercialização

A Feira de Orgânicos de Santiago ocorre todos os sábado pela manhã, na Praça Moisés Viana, desde outubro de 2013. Formada por um grupo de agricultoras e agricultores que estão organizados em estrutura associativa, a história da feira e de seus feirantes está marcada pela trajetória de vários indivíduos e o incentivo de instituições locais. Assim, este capítulo busca contextualizar esta história e os motivos que levaram estas pessoas a produzir e comercializar orgânicos.

3.1 HISTÓRIA DA CIDADE DE SANTIAGO

Santiago é o nome do município localizado no interior do estado do Rio Grande do Sul, ao sul do Brasil. Fica localizado a 416 quilômetros da capital do estado, Porto Alegre. O município conta com uma área de 2.413,133 km² e população de 49.071 habitantes. O município faz divisão política com os municípios de Bossoroca, Capão do Cipó, Tupanciretã, Jari, Jaguari, Nova Esperança do Sul, São Francisco de Assis, Unistalda e Itacurubi. A vegetação nativa do município possui área de Bioma Pampa e Bioma Mata Atlântica. Segundo a classificação climática de Köppen e Geiger o clima é do tipo Cfa, clima subtropical com verão quente (IBGE CIDADES, 2018).

Conforme, detalhado em sua tese, Silva (2016) remonta que até o final da década de 1980, o município tinha quase que exclusivamente sua agropecuária baseada na produção de bovinos de corte e ovinos. Porém, atualmente, essas produções foram sendo substituídas e ganhando equivalência com os cultivos cereais, com destaque para a produção de soja no verão e trigo no inverno.

O município também apresenta outras produções animais importantes, como o leite e a produção de mel. Outras criações animais, como suínos e aves, são produzidas para autoconsumos em produção familiar. Outras produções importantes na agricultura familiar incluem milho, fumo, feijão, mandioca, frutas e hortaliças. Entre as frutas e hortaliças também é possível identificar agricultores especializados em determinados cultivos que abastecem os circuitos varejistas e agricultores diversificados que abastecem os circuitos de venda direta (SILVA, 2016).

Conforme aponta Silva (2016), a formação da estrutura de produção e comercialização de frutas e hortaliças em Santiago pode ser explicada a partir de sua história de ocupação de terras e consequente formação do espaço urbano, como mostra na tabela 2.

Tabela 2 – História de ocupação de terras e formação de espaço urbano de Santiago

Momento Histórico	Acontecimento
Século XVII	Gado bovino trazido pelos Jesuítas Paraguaiois se reproduz e espalha pelos campos do Pampa.
	Concessão de Sesmarias a militares e servidores do Império para garantir a posse e a defesa da Colônia Portuguesa, que vieram com as guerras. (pecuária extensiva vira atividade econômica)

	Regiões consideradas devolutas, devido à suas limitações geográficas de relevo acidentado são destinadas à colonização de imigrantes.
1888 - 1891	Instalação da Colônia de Jaguari e Criação do Núcleo Colonial Ernesto Alves, que mais tarde se deslocaria da atual sede do município de Jaguari para se aproximar das fazendas e sedes de Santiago.
	Dicotomia de Paisagem condiciona a colonização e atual composição agropecuária: - <i>Parte Norte e Nordeste do município</i> - Antigas fazendas provenientes das áreas de sesmarias, atual região de soja; - <i>Parte Sul e Sudeste do município</i> - Descendentes dos Núcleos Coloniais, maior densidade populacional, produção agrícola diversificada.
1930	Construção da Estação Férrea do Município.
1937	Instalação do Hospital de Caridade de Santiago.
1938	Santiago é elevada à categoria de cidade.
1969	UFSM funda no município a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santiago, com os cursos de Letras e Estudos Sociais, atual Campus da Universidade Regional Integrada (URI).
De 1940 à 1980 a população rural passou de 31% à 80%	A formação do consumidor e a demanda por frutas e verduras é resultado do aumento da população urbana, favorecida por três motivos: [1] pelo exército, que ao estabelecer base física de quartéis na cidade, trouxe militares de outras regiões do Brasil; [2] o surgimento do funcionalismo público, criando empregos que não são ligados diretamente à produção de alimentos; [3] a vinda fazendeiros que vieram residir na cidade para possibilitar o estudo aos filhos ou em busca de oportunidades políticas.

Fonte: Adaptado de Silva (2016)

Os circuitos curtos de comercialização existentes na cidade, conforme Silva (2016) são divididos em:

- **Venda direta** - Interação agricultor e consumidor de maneira direta, no estabelecimento rural ou fora dele, onde agricultor é responsável por transmitir informações do alimento ao consumidor, podendo ou não ter um intermédio de associação ou programas governamentais. Aqui se enquadram, as vendas no estabelecimento rural, a Feira da Vila

Nova, a Feira de Orgânicos, a Feira do Ginásio, a Feira do Pêssego, a Feira do Hortomercado, o Programa Nacional de Alimentação Escolar, as Vendas na Rua / Entregas Domiciliares, as Vendas na Rua / outras cidades.

- **Venda indireta** - Comercialização por meio de único intermediário, onde a transmissão de informação ocorre por intermédio de um terceiro, seja este, outro produtor, uma cooperativa, uma associação, restaurante ou mercado local. Aqui se enquadram os Restaurantes e Varejistas Locais.

Desta forma, podemos perceber, através das diversas formas de comercialização, já consolidadas no município de Santiago, uma característica cultural e organizacional onde os circuitos curtos de comercialização possuem força na economia local, de tal forma que o município ganha destaque quando comparado a outros de sua região.

3.2 HISTÓRIA DA FEIRA

Começando o atendimento ao público consumidor em outubro de 2013, a atual Feira de Orgânicos de Santiago iniciou suas atividades antes que as famílias possuíssem a certificação orgânica. Desta forma, inicialmente, a feira era chamada de Feira Agroecológica²⁰. Neste período, as agricultoras e os agricultores precisavam falar que seus produtos estavam em processo de busca pela certificação orgânica e todos os alimentos ali oferecidos eram produzidos de maneira sustentável. A certificação só aconteceu após o grupo se organizar enquanto associação e aderir ao processo de Certificação Participativa, efetivado em conjunto com a Rede de Agroecologia EcoVida, que realiza certificação via Organismos Participativos de Avaliação de Conformidade Orgânica (OPAC). O selo de certificação orgânica foi conquistado pela associação em torno de um ano e oito meses depois de sua formação, em junho de 2015. Após a certificação, então, a feira pode ser chamada de Feira de Orgânicos, sendo a primeira feira de orgânicos do município.

²⁰ O termo “Feira Agroecológica” muitas vezes é utilizado para indicar aos consumidores que os agricultores seguem os princípios da Agroecologia, porém ainda não possuem o selo de conformidade orgânica, segundo Lei 10.831/2003 e, respectivo, Decreto nº 6.323/2007. Porém, isso não quer dizer que a Feira Agroecológica é um estágio anterior à Feira Orgânica, ou, que a palavra “Orgânico” é mais confiável que a palavra “Agroecologia”. Na literatura, “Orgânico” e “Agroecologia” possuem significações diferentes. O fato é que aqui o uso da palavra “Orgânico” implica em restrições legais, pois existe um registro para o uso apropriado da palavra, desta forma, os termos “Feira Agroecológica” são utilizados substitutos aos termos “Feira Orgânica”, até o momento em que os produtores entrarem em conformidade com a legislação que rege o uso do selo.

A Feira de Orgânicos de Santiago é composta por agricultoras e agricultores associados na Associação de Produtores Orgânicos de Santiago, certificados via OPAC pela Rede EcoVida de Agroecologia. Durante a pesquisa acompanhou-se quatro famílias (famílias A, B, C e D), porém destaque o grupo possui seis famílias associadas, sendo que as duas famílias não acompanhadas (família da Elvira e da Fernanda), são de famílias que geralmente não participam da feira por possuírem outras atividades de trabalho.

3.2.1 As primeiras organizações

Betânia- Segundo o ex-prefeito, fazia quatro anos que eles deixavam uma verba pra ser montada essa feira, né. E nunca se conseguia, nunca se conseguia. Faltava pessoas interessadas, eles levavam as pessoas pra conhecer a produção em outras localidades, as feiras, mas o interesse sempre vinha por terra.

De acordo com os relatos dos agricultores, a associação iniciou em um momento que várias ideias e pessoas se aproximaram na busca por uma conquista em comum:

Carla - Então assim ó. Antes a gente já tentava a certificação de orgânicos, né. Porque a gente já tinha o morango orgânico. Então a gente vendia pras pessoas. "Ah, é orgânico, é orgânico". Mas a gente queria uma prova, uma certificação. Então a gente ia até a Emater, e conversava com o técnico que nos ajuda hoje, e ele explicava: "Ah, mas é muito difícil, é muito difícil. Pois é, tenho que ver, é muito caro, pá pá pá...". Aquela coisa toda, né? E então, a gente viu assim ó, quando mais gente surgiu procurando os orgânicos, no caso a Elvira, né? A Elvira e a Fernanda compraram a propriedade e já queriam os orgânicos, né. E aí já veio a Betânia, e tinha o Antônio que também já vinha procurando a Emater, né. Pra essa questão orgânica, e daí a coisa andou, né.

Talvez até o próprio fato da Elvira e da Fernanda já terem, já serem de Universidade, serem de curso, terem formação, né. Isso tudo deu um diferencial, né. E eu acho que pegou também um momento ali da prefeitura, né. Porque eles queriam, eles queriam algo novo, algo mais, né.

Cláudio - A prefeitura tinha interesse em fazer essa...

Carla - Então a coisa fluíu.

Pesquisador - Sim é uma série de coisas que acontecendo junto ali

Carla - Porque tu vê, nós já plantava desde 2007 e só em 2013 que a gente foi aparecer mesmo...

Pesquisador - Pra certificação chegar em 2015

Carla - Exatamente

Segundo o Antônio, ele participou de várias palestras e cursos que mencionavam algum tipo de agricultura de base ecológica, antes do início da associação, sendo que estes eram sempre promovidos pela Emater em conjunto com a Prefeitura. Assim ele contou que no inverno de 2013, participou de uma viagem, promovida pela Prefeitura e Emater, até Porto Alegre, para conhecer a Praça da Redenção em Porto Alegre. Desta viagem, todos os agricultores que foram estavam convidados para participar de reuniões na Emater para produzir orgânicos em Santiago, porém somente o Antônio e outro agricultor compareceram nestas reuniões.

Pesquisador - Teve uma reunião entre essa viagem no Parque da Redenção e abertura da feira, né?

Antônio - É. Aí teve uma reunião aí depois teve outra reunião. Aí sim. Reuniu todos, todo mundo que [formaram a feira]... Eu não conhecia a Betânia, eu conhecia a Elvira, mas a Betânia não. Eu não conhecia o Daniel. Daí fizeram a reunião, daí nos se reunimo ali na Secretaria [de Agricultura], aí fechou o esquema pra nós abrir.

Pesquisador - Que foi uns 45 dias antes de abrir?

Antônio - Aproximadamente... E nós começamos pela transição e na procura de como certificar. Pra não dar mosquedo. Aí até formalizar a associação demorou bastante. Nós já fazíamos a reunião, a visita, a ata e discutia o estatuto.

A partir da abertura da feira, em 04 outubro de 2013, foram realizadas reuniões mensais nas propriedades das famílias envolvidas na Associação. Assim, em conjunto com essas reuniões, eram realizadas as visitas de vistorias nas propriedades e a construção do Estatuto da Associação. Até o Estatuto ficar pronto foram necessárias oito reuniões, totalizando oito meses de trabalho pensando e discutindo sobre isto. Nestas reuniões, Emater e Secretaria de Agricultura estavam presentes para auxiliar no que fosse necessário.

Assim, antes da Associação conseguir a certificação pela Rede EcoVida de Agroecologia, em junho de 2015, a feira funcionou com o “título” de feira ecológica:

Pesquisador - Aí já falavam pras pessoas que a feira a proposta era virar de orgânicos

Daniel - Nós no princípio, explicava que era pra tornar orgânico, por causa que pra ser orgânico tu tem que ter certificado, né. Nós divulgava que era agr.. ecológicamente correto, né?

Pesquisador - Ah, sim sim... Era uma feira ecológica de primeiro?

Daniel - Sim, sim. Era uma feira ecológica. Porque nós estava num período de transição pra certificar. Porque na verdade, pra ti dizer que é orgânico tu tem que provar que é né. E se tu não tem como dizer que é, tu não é. Como tem muita gente aí que dizem. "Ah, o meu é

orgânico." Não podem dizer que são, né. Tu pode dizer que é ecológico, tu não pode dizer que é orgânico.

3.3 HISTÓRIA DOS FEIRANTES

Ao apresentar a história das feirantes, serão apresentados quatro pontos: [1] a *caracterização da família*, que apresentará rapidamente os sujeitos inseridos na pesquisa, e qual a sua posição em relação ao agroecossistema e a produção, para isto as informações também foram sintetizadas na figura 3; [2] *as estratégias de comercialização e os canais de venda* discorrem sobre alguns momentos da história que foram importantes para se entender o contexto atual da produção, assim como apresenta uma síntese dos canais atuais de comercialização, essa mesma síntese, somada à produção total da propriedade (orgânica e não orgânica) que também pode ser conferida, em síntese, na figura 3; [3] *um pouco da história da família*, mostra um pouco da trajetória até o ponto em que estamos, aqui se priorizará por uma narrativa de contextualização que ajuda a entender alguns “porquês” que serão apresentados mais a frente no trabalho; [4] *motivos para produzir e comercializar orgânicos*.

3.3.1 Família A

3.3.1.1 Caracterização da família

A Família A é composta por quatro integrantes: Ana (mãe) é casada com Antônio (pai), possuindo dois filhos, Anderson e André. Todos residem dentro do agroecossistema. Atualmente, Ana e Antônio trabalham juntos, sendo responsáveis pela produção e comercialização dos orgânicos na família A (figura 3). Os dois responsáveis foram entrevistados durante o processo de pesquisa.

3.3.1.2 Um pouco da história da família

O Antônio nasceu em Santiago, e a Ana em Nova Esperança do Sul. Ambos nasceram no interior, porém a Ana se mudou para a cidade junto com a família ainda quando criança. Os pais do Antônio eram trabalhadores rurais e moravam junto às propriedades dos patrões até que conseguiram com a ajuda da família adquirir alguns hectares para ter sua própria

propriedade, hoje os pais do Antônio residem em uma casa ao lado da casa do casal, mas possuem área e produção separada e independente da Família A. Os pais da Ana quando vieram para a cidade deixaram de ser agricultores, enquanto o pai dela virou mecânico chapeador, sua mãe cuidava da casa e, quando fez 40 anos voltou a estudar e concluiu o Ensino Médio pelo EJA, hoje ela é trabalha na prefeitura de Nova Esperança do Sul, e é visitadora pelo programa Primeira Infância Melhor.

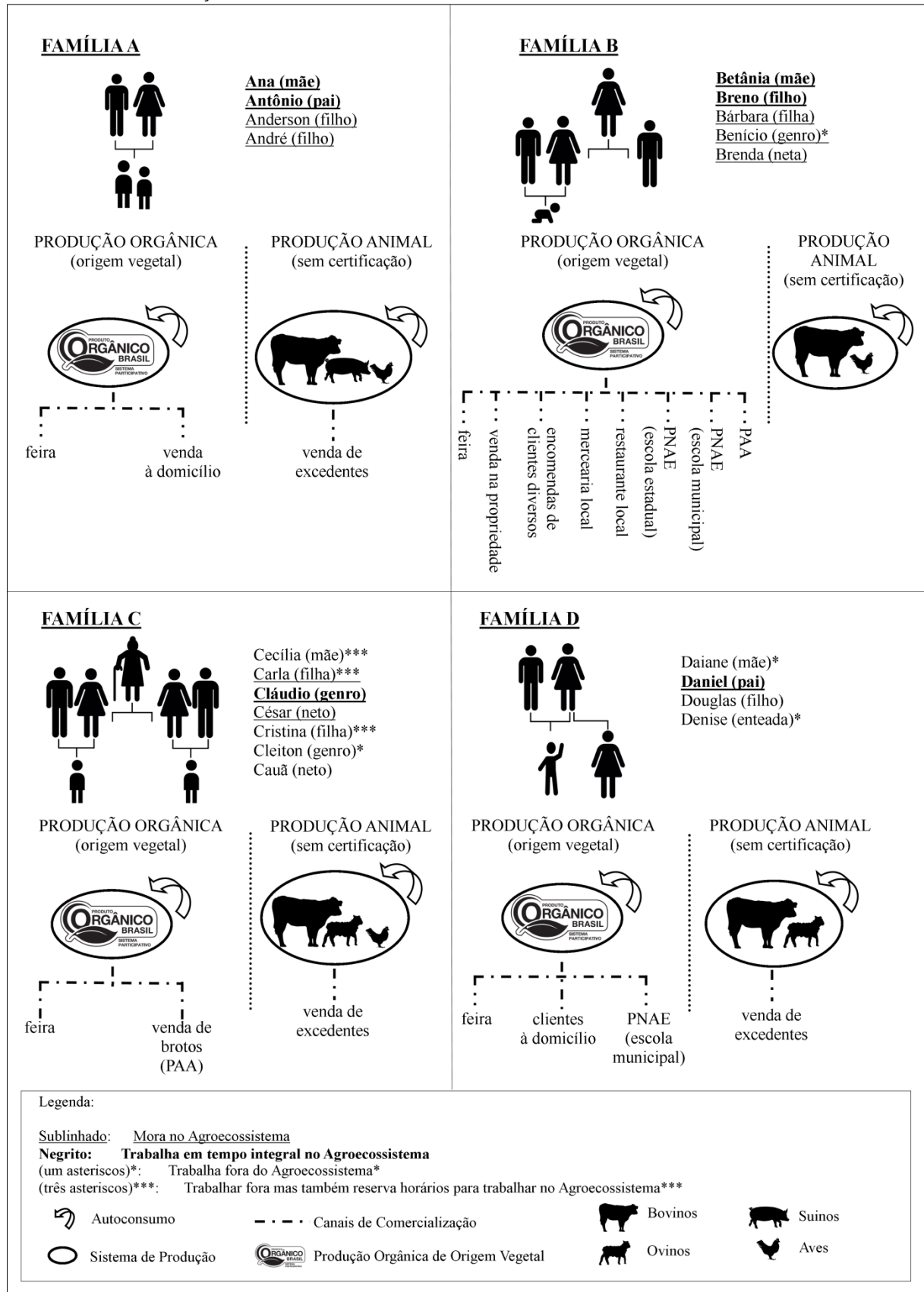
A Ana, após concluir o ensino médio tinha pretensão de fazer um curso superior, mas na época, devido às dificuldades existentes, precisou permanecer na cidade e assim, decidiu fazer um curso de Técnico em Contabilidade que havia no seu município. Neste período começaram a surgir problemas de saúde relacionados à sua coluna no qual precisou fazer algumas cirurgias. Em meio às complicações com a saúde da coluna e o desenvolvimento do curso técnico, ela ainda trabalhava numa loja de comércio no município.

Ao completar os vinte e um anos, em 1999, o Antônio saiu da casa dos pais e foi trabalhar na indústria de curtume que existe em Nova Esperança do Sul. Em março de 2000 a Ana e ele começaram a namorar. No final de 2003, o Antônio após economizar um montante de capital, larga seu emprego no curtume e compra alguns hectares próximos à casa dos pais em Santiago. Em janeiro de 2004, acontece o casamento do casal quando a mudança definitiva dos dois ocorre para a propriedade onde moram atualmente.

Ao casar, o plano do casal constituía em o Antônio plantar e começar a vender alimentos de porta em porta em Santiago:

Antônio - Aí em 2004 já começamos produzindo. Aí por fevereiro março nós começamos a fazer feiras nas casas. Aí a gente foi buscar informação na Emater, a Emater não, como se diz, em termo de orgânica, a única coisa que se tinha, se sabia de sulfocálcica e de bordalesa, nada mais do que isso. Aí a gente apelou pelo convencional pra trabalhar, com secante e adubo químico, daí, como trabalhando com as lavouras velhas, né. Melhorando elas aos poucos, no outro ano nós já fizemos uma boa de uma safra, no ano de 2004/2005, foi uma boa safra, aí nós já começamos a trabalhar no inverno e aí foi melhorando a questão da feira, daí eu comprei uma carroça em 2005.

Figura 3 – Estrutura familiar, identificação dos indivíduos por nome fictício, a produção, o autoconsumo e os canais de comercialização de cada família.



Fonte: elaborado com base nos dados do autor

Já a Ana começar a produzir artesanato, em função de ser uma atividade em que ela poderia trabalhar dentro dos seus limites:

Ana - Na realidade teve toda uma função depois da cirurgia, começou a me doer, me doía o ombro, aquela coisa, eu não tava aguentando assim, na época. Daí eu vim pra casa. E aqui eu fui fazendo as coisas no meu tempo, só que no início eu trabalhei de artesanato. E aí eu migrei de uma coisa para a outra, mas artesanato é supérfluo, então tu tem que ter aonde vender, não é todo mundo que gosta. Tu tem que estar sempre se reciclando também, tem que estar sempre com coisas novas. E aí como o Antônio começou a ter com a feira e eu resolvi a ajudar ele nesse segmento. Eu parei porque aqueles artesanatos davam uma função e de repente fica meses com uma coisa que tu fez ali. Até o pessoal gosta, mas aí [vender é difícil]...

A feira comentada tanto na fala do Antônio e da Ana, se refere às vendas domiciliares que são feitas pelo Antônio, durante todas às sextas-feiras, desde 2004. Durante o seu trajeto, começou vendendo oferecendo de porta em porta, para depois, aos poucos ir adquirindo clientes certos. Com propriedade à 12 km da sede do município, no início o Antônio ia à cidade transportando seus produtos em uma bicicleta, depois, por volta de um ano e meio depois, em 2005 adquiriu uma carroça, e depois, por volta de três anos utilizando a carroça, no ano de 2007 adquiriu uma caminhoneta.

Antônio – Deu uns dois anos, três anos... Três anos. Três anos de carroça, mais ou menos. E sempre na sexta feira. Daí de carroça quando a gente via a previsão do tempo que ia clarear no sábado, algum[a vez ou outra] eu ia no sábado, mas às vezes a gente, como se diz, se largava daqui o tempo trovejando e voltava com chuva.(risos) Daí depois mais tarde a gente conseguiu a comprar a caminhoneta, daí a coisa melhorou. A Ana começou a ir comigo, daí. Porque até de carroça no começo ela começou a ir, mas daí como engravidou do Gabriel, daí já não, não, não foi mais comigo. Porque, tipo assim, nós ia na rua, e ia naquela cliente que a gente já tinha e batia nas outras portas, né. Pra arrumar mais clientes. E daí foi funcionando. Porque daí quando nós tivemos a caminhoneta, daí, bah, foi uma beleza aquilo ali. Muita gente pedia. "Ah não, pode cruzar aqui?". "Cruza aqui na sexta feira que eu venho e tal aqui." E a coisa foi melhorando.

Em 2007 nasceu o primeiro filho do casal, Anderson, e em 2011, o segundo, André.

A mudança dos veículos com o passar do tempo, possibilitou que a renda da família aumentasse pela quantidade de produtos que era possível transportar. Além disso ouve um acréscimo na qualidade de vida, devido a diminuição da onerosidade do momento da venda.

Antônio - É a questão é que, tipo assim, ó. Nós vinha de uma renda mínima ali. Que eu levava produto de bicicleta pra vender. Dai quando tu consegue um meio de transporte melhor, que foi no caso a carroça, começou a melhorar a renda, né. Levar mais produto, coisas assim, começou a melhorar a renda. E daí depois, quando, conseguimos a caminhoneta, daí melhorou mais ainda. Como se diz, tu tinha o gasto de combustível e coisa, mas, tu levava muita coisa. Melhorou. E tu fazia o trabalho, tu chegava pra descansar em casa, tu não pegava chuva, tu não se molhava, ou se molhava pouco. E aí a coisa começou a deslanchar.

Logo antes da feira de orgânicos, em 2012 aconteceu a oportunidade de comercializar na Feira do Hortomercado:

Antônio - Eu acho que foi em 2012 que nós.. Eu até me inscrevi em 2009 na feira do produtor, ali do horto, e me parece que foi em 2012 que saiu um box na terça-feira de tarde. Daí nós começamos a ir lá, mas daí não... Na terça além de ser um pouco menos movimento, não valia a pena ir de caminhoneta pra vender de tardinha lá um pouco. Vendia muito pouco. Daí como tava a questão do orgânico ali. Quando deu o orgânico que deu a feira da praça do orgânico eu saltei de lá do horto e vim pra ali. Daí nós começamos ali na do orgânico.

3.3.1.3 *As estratégias de comercialização e os canais de venda*

Atualmente, a família possui dois canais de comercialização, sendo eles a feira de orgânicos, que ocorre aos sábados pela manhã, e as vendas à domicílio, que ocorrem às sextas-feiras também pela parte da manhã. (figura 3).

3.3.1.4 *Motivos para produzir e comercializar orgânicos*

Tanto o Antônio quanto a Ana já tinham morado no interior. E antes de decidir casar, algumas razões pesaram para que os dois decidissem voltar ao campo. A decisão de voltar, naquele momento também estaria representando o momento de transição entre a vida de solteiros e a vida de casados. Desta forma, o Antônio conta como tomou a decisão de sair de seu emprego na cidade de Nova Esperança do Sul, e voltar a morar perto dos pais em Santiago:

Antônio - Ali a questão era que eu trabalhei no cortume. E graças a Deus, eu trabalhei um tempo e peguei um cargo de chefia, encarregado de setor. E aquela história, quanto maior a altura que tu tá, maior é o tombo, né. Se tu bobear, qualquer problema ali, tu é demitido. E aí eu vi muitos colegas ali sair. E aí, tipo, tu ganha um bom salário ali na região, tu ganha um bom salário. E o que é bom tu acostuma rápido. Se tu tem um bom salário, tu não quer sair dali. Se tu tá ganhando três salários, pra sair dali ganhar um e meio ou um. Daí o que é que tu vai fazer? No mesmo segmento, o tempo que eu trabalhei ali, foi um acúmulo, com grande ganho de conhecimento. Pra mim foi uma coisa muito boa trabalhar lá. Mas pra mim sair dali, onde é que eu vou conseguir um emprego do mesmo tipo? É na região do Vale dos Sinos, ou na região de Franca em São Paulo. que é região de cortume. E trabalha como coureiro calçadista. E daí tu começa a olhar a televisão, andando na rua, assaltos, tu entrega tudo e leva um tiro ainda. Daí depois tu vai pra uma cidade dessas, tu constitui família, e, até tu pode pensar em um dia voltar. Mas tu não vai voltar. Porque teus filhos vão nascer lá, vão gostar de lá, vão crescer lá, e daí não tem, tu tá fadado a viver lá. Daí eu pensei muito nisso. [...] Outra coisa que eu pensei foi no mundo. No mundo tá tudo muito bom, tudo muito na boa assim, a tecnologia avança, mas o alimento, se tu tem um alimento bom, de qualidade, o primeiro beneficiário é tu e o teu excesso tu vende. Primeira coisa, se tu vai pra um lugar onde tu pode produzir, tu vai ter qualidade de vida, tu vai produzir teu alimento, e, garantia do mínimo, tu tem

Voltar então para o Antônio representava uma promessa de estabilidade em longo prazo, que o seu emprego não poderia dar. Em relação à Ana, além deste aspecto da segurança e estabilidade familiar, o seu problema de saúde relacionado à sua coluna foi um ponto forte para a tomada de decisão:

Ana - Porque, na realidade, naquela época, eu tava sem conseguir trabalhar praticamente, por questão de saúde. Assim, o joelho inchando, eu não conseguia cumprir o horário, eu precisava sentar um pouco. Daí eu pensei, eu fiz um curso de artesanato, e eu pensei, se o Antônio ia trabalhar nessa área, eu pensava, "Eu ajudo no que eu puder e aí eu faço o artesanato e aí eu faço o meu horário". Foi uma das coisas que pesou bastante. Daí eu pensei: "Eu vou pra fora, eu vou fazer o meu horário, eu não vou ter que ficar das oito ao meio dia e da uma às sete da noite, ali tipo em pé, abaixa e levanta". Porque se tu tá trabalhando [contratada] não tem como. E tipo assim, eu fiquei em laudo um tempo, aí depois da cirurgia, eles me deram alta. Aí o doutor disse: "Ah, já foi feita a cirurgia, não interessa, né". Tipo: deu, pronto, tchau. E me deram alta e eu não tava conseguindo trabalhar, não tava aguentando o horário. Porque tu não pode parar [no horário de trabalho]. Tu tá em empresa, tu tem que seguir ali. E aí foi o que a gente pensou. Que daí eu vim pra fora e realmente, eu trabalhei um tempo, um bom tempo em artesanato, só que acabou que a gente mudou porque, só é difícil tu vender, tu só vende pra quem tem com o que comprar.

Produzir orgânicos veio muito junto com o pensamento de que era necessário trabalhar e se manter saudável durante a vida. Ao saber dos problemas que poderia ter com o contato direto com agrotóxicos, Antônio sabia que necessitava achar formas de produção sem depender deste tipo de produto.

Antônio - É que tipo, tu começa a assistir televisão e tu sabe que o veneno faz mal. Então, primeira coisa é que o veneno faz mal. Então, quanto menos químico tu ingerir, tu trabalhar, melhor. Era uma coisa que empolgava muito. E a gente via as pessoas trabalhando, e, a gente conhecia uns que plantavam a fundo de quintal e trabalhando tiravam uma safra bonita de tomate numa estufinha. Daí a gente foi pensando, pensando. Mas só que era cara e coragem, né. Nem dinheiro tinha.

Ao saber da existência de orgânicos, Antônio manteve-se curioso às experiências que lhe eram apresentadas, e assim, depois disso sua busca por conhecimento manteve-se constante.

3.3.2 Família B

3.3.2.1 Caracterização da família

A Família B é composta por cinco integrantes: Betânia (a mãe), Breno (o filho), Bárbara (a filha), Benício (o genro) e Brenda (a neta). Todos residem dentro do agroecossistema. Dona Betânia e Breno residem em uma casa e Bárbara, Breno e Brenda residem em outra casa ao lado. Atualmente, Betânia e Breno trabalham no agroecossistema, enquanto Bárbara se dedica a criar sua filha que ainda não completou o seu primeiro ano e Benício trabalha na cidade (figura 3). Durante o processo de análise desta dissertação, foram entrevistados Dona Betânia e Breno, responsáveis pela produção e comercialização de orgânicos na família B.

3.3.2.2 Um pouco da história da família

Natural de Santiago, Dona Betânia nasceu e passou sua infância e adolescência em área próxima ao seu atual local de residência, no distrito do Boqueirão. Disposta a construir seu futuro, iniciou curso superior em Contabilidade, mas não chegou a concluir, pois os filhos

nasceram e ela precisou optar pela família. Junto com a família foi morar na região metropolitana de Porto Alegre (RS). Onde trabalhou em vários ofícios.

As primeiras experiências de comercialização de alimentos ecológicos aconteceram no período de 1998 à 2002. Onde Dona Betânia e sua família tinham um sítio no município de Torres (RS). Na ocasião a produção começou com o objetivo de suprir a alimentação olerícola de autoconsumo. Foi então, quando a produção começou a ter excedentes, que se enxergou uma oportunidade de complementar a renda, e, a partir daí, tornar-se um negócio. Neste período dona Betânia tinha uma lancheria e seu esposo era gerente de uma loja.

Em 2002, a família B voltou para Santiago. Foi nesse momento que planejaram morar no sítio onde atualmente moram, dentro deste planejamento incluía-se o que plantariam e como venderiam. Porém a ideia não se concretizou na época.

***Betânia** - (O sítio) era do meu tio na época. Aí depois o pai comprou, e agora eu arrendei dele. Em (novembro de) 2012 que eu vim pra cá que eu arrendei ele. Aí em 2013, dia 23 de abril de 2013, que eu vim morar aqui.*

O projeto de retornar para Santiago, ter uma propriedade para morar, produzir e viver é muito antigo dentro de dona Betânia. A própria ideia de morar onde ela mora hoje, demorou no mínimo dez anos para se concretizar, desde a sua primeira tentativa que não deu certo na primeira vez até o momento em que conseguiu concretizar o sonho tão planejado, dia 23 de abril de 2013. Aqui cabe o destaque à data, devido à importância significativa que lhe foi dada pela agricultora que conta sua história.

***Pesquisador** - São datas importantes pra vida, né?*

***Betânia** - Eu acho que são. Porque são datas que marcam a vida da gente. O dia que tu veio, o dia que tu... Que a gente veio pra Santiago de volta foi em novembro de dois mil e doze. E aí que nós começamos a ver isso aqui. Foi aí é que se começou a se tornar realidade esse sonho que tava engavetado, né. Bah!*

A Betânia é muito analista e pragmática, por isso acaba pensando sempre em soluções para os problemas que chegam nela. Durante as conversas, percebeu-se que ela sempre ao falar, contextualiza a situação e como está o seu campo de visão, apresentando sempre uma análise mais crítica, porém visionária, das possibilidades que se apresentam a ela.

Junto ao sonho da Betânia, alguns fatos que ocorreram na vida de Breno, seu filho mais velho, deram um impulso para que o retorno ao distrito do Boqueirão acontecesse. Entre

2002 a 2005, enquanto a família morava na cidade de Santiago, Dona Betânia e seu esposo trabalhavam na cidade e seus filhos, Breno e Bárbara, estudavam em uma das escolas públicas do município. No ano de 2005, a família recebe o diagnóstico de que Breno estaria com um tumor cancerígeno em seu cérebro e, a partir deste fato, a família retorna para residir na região de Porto Alegre para buscar tratamento.

Enquanto inicia seu tratamento, Breno também começa a trabalhar na área do comércio, assumindo funções de vendas e, desenvolvendo suas habilidades com os clientes, subindo posições dentro da empresa onde trabalhava. A partir de então, começou a sonhar com o próprio negócio.

Em 2008 inicia o curso superior em Biologia, onde para participar de um concurso de trabalhos dentro da universidade, movido pela ideia da mãe de produzir orgânicos e a sua ideia de ter uma empresa, escreve um projeto sobre as possibilidades que poderiam derivar das suas ideias unidas. Conforme diz Breno:

Foi aí que eu comecei a pesquisar e ver que era um bom nicho de mercado essa produção de orgânicos. E as pessoas que se deram bem, ficando bem e coisa e tal, com as reportagens. Então, como eu tinha, digamos assim, um sonho de ter a minha empresa, de ser um grande empresário, eu tinha que ver uma coisa pra mim. [...] Porque nós tinha a ideia do sítio aqui, e a única que eu acrescentei, nesse projeto, foi a produção de luz solar e combustível. Produção de combustível, no caso com decomposição do lixo orgânico.

Em 2009, Breno troca de curso, saindo da Biologia e ingressando na Administração. Foi também no ano de 2009, que após quatro anos e muitos altos e baixos na sua luta para superar o câncer, após parar com o tratamento para “*ver como o seu organismo iria reagir*” (segundo, Breno e Betânia, essa foi a frase usada pelo médico para dizer que não sabia quanto tempo Breno teria de sobreviver), Breno recebe o diagnóstico de que o tumor havia desaparecido.

O Breno é sonhador e esperançoso, e por ter uma carga de experiência de vida, sempre quando vai falar e dar opiniões, fala através de um exemplo, de uma de suas histórias vividas, sempre iniciando uma de suas histórias com um “*é que assim ó*”. Dentre os sujeitos pesquisados é o mais novo.

3.3.2.3 *As estratégias de comercialização e os canais de venda*

Dona Betânia teve sua primeira experiência de venda de olerícolas no ano de 1998, quando morava na cidade de Torres. Na época tinha um sítio em Torres, e produzia para o autoconsumo. No momento em que sua produção começou a gerar excedentes, precisou achar uma forma de escoar seus produtos e assim complementar sua venda. A forma que encontrou para abrir seu primeiro canal de comercialização ela conta na sequência:

Betânia - *Eu cheguei no mercado pra vender e eles tinham fornecedores convencionais ali do Passo de Torres²¹. E eles [os donos do mercado] tavam com as alfaces muito feias. Aí eu cheguei e disse: "-Bah, mas como tão feias essas alfaces". E ela disse assim ó: "-É, mas tu tem mais bonito pra vender?". "-Tenho e a minha é agroecológica". E aquilo veio, instintivamente, sem...*

Pesquisador - *Sim, já tinha ouvido o nome na outra feira lá na Redenção²².*

Betânia - *Já veio assim, do nada. E aí eu disse pra ela: "-Ah, a minha é diferente porque é agroecológica". E aí foi aí que eu abri meu primeiro canal de venda. Dos produtos, lá. E aí foi que eu tive que correr e fazer uma etiqueta (risos). Meu produto era agroecológico. Aí eu disse assim: "O meu vem embalado e etiquetado!" Olha que baita...*

Pesquisador - *Antes de ter a embalagem e a...?*

Betânia - *Antes de ter a etiqueta e antes de ter a embalagem. E como ela me pediu para o outro dia, uma caixa de cada alface, aí eu me obriguei a sair correndo e fazer uma etiqueta. E naquela época não era que nem hoje, que tu bota um programa no computador e que sai né. E comprei a embalagem, eu me lembro que comprei a embalagem de pão furadinho pra botar.... Pensa! (risos)*

Atualmente, a renda da família é toda da produção. Quando vieram para Santiago, em 2012, sabiam que queriam viver no agroecossistema e dali tirar o seu sustento, assim, quando a mudança ocorreu em 2013, iniciou-se o processo de estruturação para a produção. De início com algumas cabeças de gado para autoconsumo, a feira de orgânicos, em outubro de 2013, foi o primeiro canal de comercialização para as hortaliças. No início da produção, todos na família ajudavam a produzir e comercializar. Por volta do ano de 2015, Dona Betânia se divorcia. E a partir do final de 2016, apenas ela e seu filho se dedicam a produção e comercialização.

²¹ Município do estado de Santa Catarina que faz divisão político-geográfico com o município de Torres (RS).

²² A Feira Ecológica da Redenção acontece desde o ano de 1989, na Rua José Bonifácio em Porto Alegre (RS) (clicRBS, 2009).

Os canais de comercialização que hoje estão estruturados estão divididos, em oito, conforme mostra a figura 3, sendo eles: a feira, vendas na propriedade, encomendas de clientes locais, uma mercearia local, um restaurante local, venda para escola estadual através de contrato, PNAE (Programa Nacional de Merenda Escolar), PAA (Programa de Aquisição de Alimentos)²³.

3.3.2.4 *Motivos para produzir e comercializar orgânicos*

A Betânia sempre teve uma mente muito ativa para pensar em planos de futuro e a ideia de plantar para alcançar sua independência econômica é um dos planos antigos dela. Ainda em Torres, a ideia de plantar orgânicos surgiu da observação de duas experiências:

[1] as plantações de tomate e pimentão que observava pela estrada : **Betânia** - *Lá em Torres acontecia o seguinte ó, que eles tinham produção de tomate e pimentão, era o que mais se produzia lá. E a quantidade, e quando a gente passava lá na estrada assim ó, a quantidade de veneno, que eles colocavam, era impressionante o cheiro, sabe? E aí eu pensando, né. Eu trabalhava com a horta, né. Mas eu é que na horta não vou botar veneno, né. Porque... Pensa né, se o cheiro é ruim, imagina o gosto.*

e,

[2] a Feira de Redenção em Porto Alegre: **Betânia** - *É. Peguei pela feira da... Aquela mais antiga, lá de... da Feira da Redenção, né. Que eu já visitava e que sabia que os produtos lá eram agroecológicos, né, No caso, da Feira da Redenção já eram orgânicos, eles tem uma certificação, né. E aí comecei a estudar o assunto.*

Depois, mais tarde, outra motivação forte que fez a família ter mais vontade de plantar orgânicos se deu com o fato do câncer que se desenvolveu no Breno. Na época do tratamento

²³ O atual Programa Nacional de Merenda Escolar (PNAE) teve sua origem na década de 1940, mas é na década de 1950 que se estrutura como Programa Alimentação Escolar (PAE) com a Campanha de Merenda Escolar, passando a assumir o seu nome atual em 1979. Com o objetivo de proporcionar uma parte da alimentação aos matriculados de toda a Educação Básica de alunos matriculados em escolas públicas, filantrópicas e em entidades comunitárias conveniadas com o poder público. O programa ainda instituiu que no mínimo 30% dos seus recursos passados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) sejam destinados à aquisição de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar (BALEM, 2015). O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) foi criado em 2003, dentro de um grupo de políticas estruturantes do Programa Fome Zero, visando implementar ações no âmbito de políticas agrícolas e de segurança alimentar e nutricional. Seu objetivo está voltado para melhorias ao acesso de alimentos às pessoas em vulnerabilidade social e alimentar, por meio de compra governamental de produtos da agricultura familiar e distribuição para entidades socioassistenciais (ASSIS, PRIORE e FRANCESCHINI, 2017)..

vários médicos o aconselharam a ter em sua alimentação baseada nos alimentos orgânicos, devido à sua baixa imunidade fisiológica:

***Breno** - E aí a gente, durante o tratamento, também que meio que impulsionou essa ideia de nós fazer esse negócio dar certo, porque eu precisei de produtos livres de agrotóxicos, porque minha imunidade baixou demais e eu não poderia comer qualquer coisa. E aí, o que é que aconteceu, a gente quase não achou e quando achou era caríssimo.*

3.3.3 Família C

3.3.3.1 Caracterização da família

A Família C é composta por sete integrantes. Dona Cecília, que é mãe de Carla e Cristina. Carla é casada com Cláudio e tem um filho chamado César, Cristina é casada com Cleiton e tem um filho chamado Cauã. Apenas Carla, Cláudio e Cesar moram no Agroecossistema onde se produz os alimentos orgânicos. Além de morar e trabalhar na propriedade, Carla é professora de Geografia no município de Santiago. Cláudio dedica seu tempo integral para trabalhar no agroecossistema. Dona Cecília e Cristina, apesar de residirem na cidade reservam horários na semana para trabalhar na produção. A produção de brotos da família acontece em sala apropriada na cidade, de forma que este sistema está devidamente estruturado dentro do plano de manejo da produção orgânica da família (figura 3).

3.3.3.2 Um pouco da história da família

A história da Família C na produção de orgânicos está diretamente ligada com a história da produção de morangos, que por muito tempo foi o principal alimento orgânico, por eles produzidos. Seu começo inicia antes da produção de morangos neste agroecossistema, na propriedade do pai da Carla, anos antes.

A propriedade onde, atualmente moram a Carla, o Cláudio e o seu filho, César, era dos pais do Cláudio

Carla - Na verdade, desde lá o tempo do pai. Até, sempre foi engraçado, depois se tu pedir pra mãe contar a história ela conta melhor. A questão do Mário, que é da Emater, né. Ele foi lá embaixo e orientou o pai e a mãe como plantar morango, o que tinha que fazer, e o

espaço, e o canteiro e tudo mais. E nós já queria plantar orgânico, e ele deu risada: “Não tem como produzir morango orgânico, é impossível.” Porque ele planta também, ele planta hortaliças e morango também. Inclusive tem o Zé, né. Ele é lá da propriedade do Mário, né.

Cláudio - É o Zé faz serviço lá.

Paulo - O Zé faz serviço por lá e diz que lá naquela região eles botam muito produto. E... Eu sei que nós colhemos. Colhemos muito morango, só que ficou pro consumo né. A gente que acabou consumindo. Vendemos um pouco e consumimos. Mas eram lindos os morangos. Só que daí a gente ficou sem funcionários lá em baixo e abandonou os morangos, né. E ficou por isso. E, depois a gente tentou a voltar aqui em 2007, né.

Desde 2007, a produção de morangos se manteve com o cultivo de 1000 mudas por ciclo produtivo.

Carla - A gente entrou em contato com [pessoas que trabalham com morango na cidade de] Feliz, depois São Francisco de Carla que tinha saído no jornal uma notícia de uma variedade [de morango] mais pro verão, que produzia mais tempo. Então a gente foi em busca, né. Então a gente nunca procurou assim, a Emater aqui mesmo né. A gente foi por conta. E, e daí depois a gente sempre mudando de lugar né (sobre o local de plantar dentro da propriedade). Daqui a gente fazia uma rotação, pra não esgotar o solo e só que a gente sempre quis ampliar e nunca conseguiu, né. Continuamos até hoje nas 1000 mudas né. Porque daí envolve mais gente também.

Na casa da dona Cecília, localizada na cidade, montou-se uma sala com ambiente controlado ideal para a produção de brotos, parte importante da renda da família.

3.3.3.3 *As estratégias de comercialização e os canais de venda*

Os canais de comercialização utilizados pela família C estão divididos entre a produção orgânica de origem vegetal e produção animal sem certificação. Na produção orgânica, a maioria dos brotos, que são cultivados em ambiente controlado, possui comercialização voltada para a venda institucional do PAA, o restante da produção cultivada no agroecossistema, possui como único canal de comercialização a feira de orgânicos.

A produção animal, que não está contemplada no processo de certificação, possui algumas unidades de bovinos de cria e ovelhas laníferas, com venda de excedentes, e algumas aves de postura para autoconsumo (figura 3).

3.3.3.4 *Motivos para produzir e comercializar orgânicos*

Plantar para comer, então, naturalmente, planta-se sem veneno:

Carla - Acho que não foi intencional, foi natural. Foi bem natural sim. Não que tivesse aquela intenção, "Vamo plantar orgânico", sabe? Pra aparecer como orgânico, a ideia é, "Vamo plantar orgânico porque é o melhor", sei lá, acho que é isso aí. Porque a ideia inicial era, "Vamo plantar pra comer", e aí o que sobra vamos vender né. Porque de mil mudas não tem como consumir tudo né.

Renda adicional:

Cláudio - Ah, é. Não adianta ter um capital, digamos, a chácara, né, não adianta ter um capital e não ter um retorno, e não ter nada. Então, alguma coisa tem que entrar, em dinheiro, eu quero dizer, né. Alguma coisa tem que entrar né, alguma coisa o cara tem que fazer né.

A significado do nome da propriedade, “Vila da Floresta”, acaba também revelando-se um dos motivos, não só de produzir e comercializar orgânicos, mas também de morar ali.

Carla - Bom, por isso que assim, ó. Por isso a ideia era a da Vila da Floresta, né. A ideia era a de reunir todo mundo. Pra não ficar essa coisa: "Ah, eu tô lá porque é onde precisam de mim". Estaria todo mundo próximo, né. Tentando ajudar um ao outro, como pode, né. Tem a casa ali vazia, né, poderia servir pra mãe e tudo. Mas é que tem mil e outro fator, né, Não adianta. O próprio fato da minha irmã, pra ela vir morar ali, só se tivesse o marido, junto, né. Então, depende de muita coisa ainda pra dar certo.

3.3.4 **Família D**

3.3.4.1 *Caracterização da família*

A Família D é composta por quatro integrantes. Casado com Daiane, Daniel tem uma enteada chamada Denise e um filho chamado Douglas. Daniel é o único integrante da família que reside a maior parte da semana no agroecossistema onde produz. O restante da família

mora na cidade. Daiane é professora aposentada e atualmente se dedica a cuidar de seu lar, Daniel é estudante do Ensino Médio e Daiane não mora com eles (figura 3).

3.3.4.2 *Um pouco da história da família*

Natural de Santiago, Daniel nasceu e passou sua infância e parte da adolescência, aos dezesseis começou a trabalhar em uma oficina mecânica na cidade, onde trabalhou até os seus quarenta e seis anos.

Apesar de morar e trabalhar na cidade Daniel nunca se desprende totalmente do campo e estabeleceu uma relação de parceria com seu irmão e seus pais que tinha permanecido no campo, indo aos finais de semana para propriedade e ajudando a criar alguns animais.

O retorno ao campo começou a acontecer após a distribuição da herança entre os filhos:

***Daniel** - O pai tinha 130 hectares. Aí eu herdei 20 hectares. Porque eu peguei dois terrenos na cidade né. E aí eu peguei menos terra que os meus irmão. E essas duas hectares que é onde tem minha casa aqui, essas aqui eu comprei. Aqui era dos meus tios, daí. Aí eu comprei duas hectares. A minha (área) era mais lá embaixo. Aí fica mais ruim de fazer casa, né. É mais baixo, mais fundo. Aí eu fiz aqui, pertinho da água e tudo né.*

Com a intenção de produzir na sua área, em abril de 2008, Daniel faz seu primeiro financiamento no banco para plantar 750 pés de laranja e 850 pés de bergamota, nas entrelinhas plantava alimentos para autoconsumo, sem se preocupar muito com práticas culturais, pois, segundo ele, a ideia inicial para este investimento era a de cultivar espécies que poderia cuidar nos finais de semana. Como não tinha muito tempo para realizar práticas culturais e monitorar pragas e doenças, seu Daniel plantava de forma convencional, aplicando agrotóxico quando era necessário. No quarto ano, após o plantio, em uma geada que se formou no dia 23 de junho de 2011, todas as folhas das árvores de laranjeiras foram perdidas. Nesta ocasião foi na Emater, para conseguir informações sobre o que proceder com a sua plantação.

***Daniel** - Foi daí que eu fui lá na Emater, aí (o técnico) disse, "Não, se não brotar não tem perigo". Aí mês de julho, fez um calorzinho, brotou. Aí a primeira geadinha que veio*

matou. Diz ele: "Se não brotar não tem perigo." Mas brotou. Mas, aí tudo bem. Foi daí que eu mudei lá.

Na ocasião, Daniel perdeu toda a plantação de laranjas e permaneceu apenas com as bergamotas, que não tiveram dano no referido evento climático. Com a morte dessas árvores, Daniel percebeu que deveria diversificar sua produção para outras espécies e mudar de estratégia, com isso não replantou nenhuma das laranjeiras. Após a ocasião resolveu plantar algumas parreiras e, mais tarde, somente após entrar na associação de orgânicos, resolveu iniciar sua produção olerícola.

Sua história com a produção orgânica ocorre maneira gradual. Já tendo uma inclinação à procurar por produtos naturais para utilizar em seus cultivos, encontrou assunto com o atual técnico da Emater que trabalha na produção de orgânicos no município:

Daniel - *Porque a gente se conversava, o guri (filho) do técnico da Emater também tava no karatê com o meu guri, né. Eu já era conhecido dele. E a gente ia conversando, né. Sobre Óleo de Neem (Nim), esses produtos natural.*

Pesquisador - *O guri do técnico da Emater tava no Karatê?*

Daniel - *Tava no karatê, né. Eram colegas de aula. Aí ele me ligou. "Tá surgindo uma feira, assim, assim." Eu não pensei, sei lá me deu um estalo, eu não pensei. Eu disse sim na hora. E eu digo: "Óh!". Eu fiquei pensando, pensando. Eu digo: "Óh! Sabe de uma coisa, vou mesmo, vou encarar". Aí fizeram uma reunião e aí eu fui. Tu sabe que eu acho que era pra ser mesmo.*

O convite para participar da feira veio em 2013, quando antes da reunião de formação da associação. Porém, como ainda trabalhava na cidade, Daniel se comprometeu com o grupo a realizar a transição agroecológica, primeiro comercializando a produção de bergamotas, que era o seu único produto disponível no momento, e, com o tempo ele iria se organizar para se estruturar e produzir outras coisas. Assim, para organizar o seu local de produção e conseguir sair de seu emprego na cidade sem afetar a vida financeira de sua família, Daniel demorou em torno de um ano para frequentar efetivamente a feira aos sábados.

Daniel - *Mas todo o negócio no começo, se tu não tiver persistência tu desiste, né. Principalmente, na agricultura. Se tu não tiver um pouco de resistência, tu não... Porque tem gente que começa e abandona em seguida. Não adianta.*

3.3.4.3 *As estratégias de comercialização e os canais de venda*

Atualmente, Daniel possui três canais de comercialização dentro da produção orgânica, sendo eles: as vendas à domicílio, a feira e o PNAE. Sendo que às vendas à domicílio ocorrem na sexta-feira à tarde, a feira aos sábados, e o PNAE nas segundas-feiras.

Dentro da produção animal, Daniel possui alguns bovinos, que segundo ele, são sua poupança. Ele planeja melhorar algumas áreas de pastoreio no futuro para que possa no futuro garantir desta produção “uma renda segura”, assim como a produção orgânica é atualmente (figura 3).

3.3.4.4 *Motivos para produzir e comercializar orgânicos*

Daniel - Tem gente que chama nós de louco. "Ah, esses loucos aí que plantam orgânicos". "Olha! Vai abandonar a oficina pra plantar verdura". Deixa o louco quieto aqui. O que interessa é que com o tempo a minha saúde e aqui ó [fazendo sinal com as mãos indicando que também está falando de dinheiro], que eu sei que uma hora entra.

A oficina era um local de trabalho onde seu Daniel constantemente se estressava, seja por negociações do preço do seu trabalho com os clientes, seja por dores no corpo devido à mal posicionamentos que as manutenções em veículos exigiam. Segundo ele, todo dia tinha um problema relacionada à um dos dois motivos acima apresentados que ele precisava resolver.

Daniel - Outra coisa que é interessante que, eu tenho problema de desgaste nas bacias, nas cartilagens, né. A médica mandou que não é pra mim trabalhar agachado, e aqui eu trabalho quatro hora a mais que na cidade, às vezes. E canso menos do que quando trabalhava na oficina.

Pesquisador - E na oficina trabalhava muito agachado?

Daniel - Sim, agachado, deitado no chão, trabalhava apertado, forceja mal, tudo torto. E aqui não, tu trabalha teu corpo.

Pesquisador - Tu consegue controlar o lugar onde tu vai fazer a força. Tu se adapta...

Daniel - E cansa, tipo, na oficina, né. Normalmente, tu chega no fim da tarde e é um estresse só, né. É cada dia parece que vai defender, é diferente, né. É carro. Aí, comecei a pensar nisso aí. "Tu sabe de uma coisa? Vou mesmo". Na hora alí, podia ter dito sim. Mas não tava formado o grupo ainda. Só tava formada a reunião né.

Aí comecei a pensar: "Sabe o seguinte, vou encarar mesmo." E aí até hoje não me arrependi de nada.

3.4 DAS REDES QUE SE FORMAM

Foram várias as vezes em que a trajetória das pessoas apresentadas neste capítulo mostrou que elas já tentaram começar a produzir orgânicos em outros momentos da sua vida. Porém, antes de que a associação entre eles ocorresse de forma efetiva, muitos obstáculos se apresentaram em sua trajetória. Assim, através desse capítulo foi possível perceber a importância da organização de agricultores em conjunto com agências de assistência técnica e poder gestor público, imprensa local, consumidores e pesquisadores, uma vez que a experiência dos orgânicos em Santiago só começou a acontecer quando houve um incentivo e interesse por parte da Emater e da Prefeitura de Santiago de forma combinada. O papel dessas redes que se formam entre a Prefeitura, a Emater, agricultores e consumidores, aparecerá em melhores detalhes nos próximos capítulos desta dissertação.

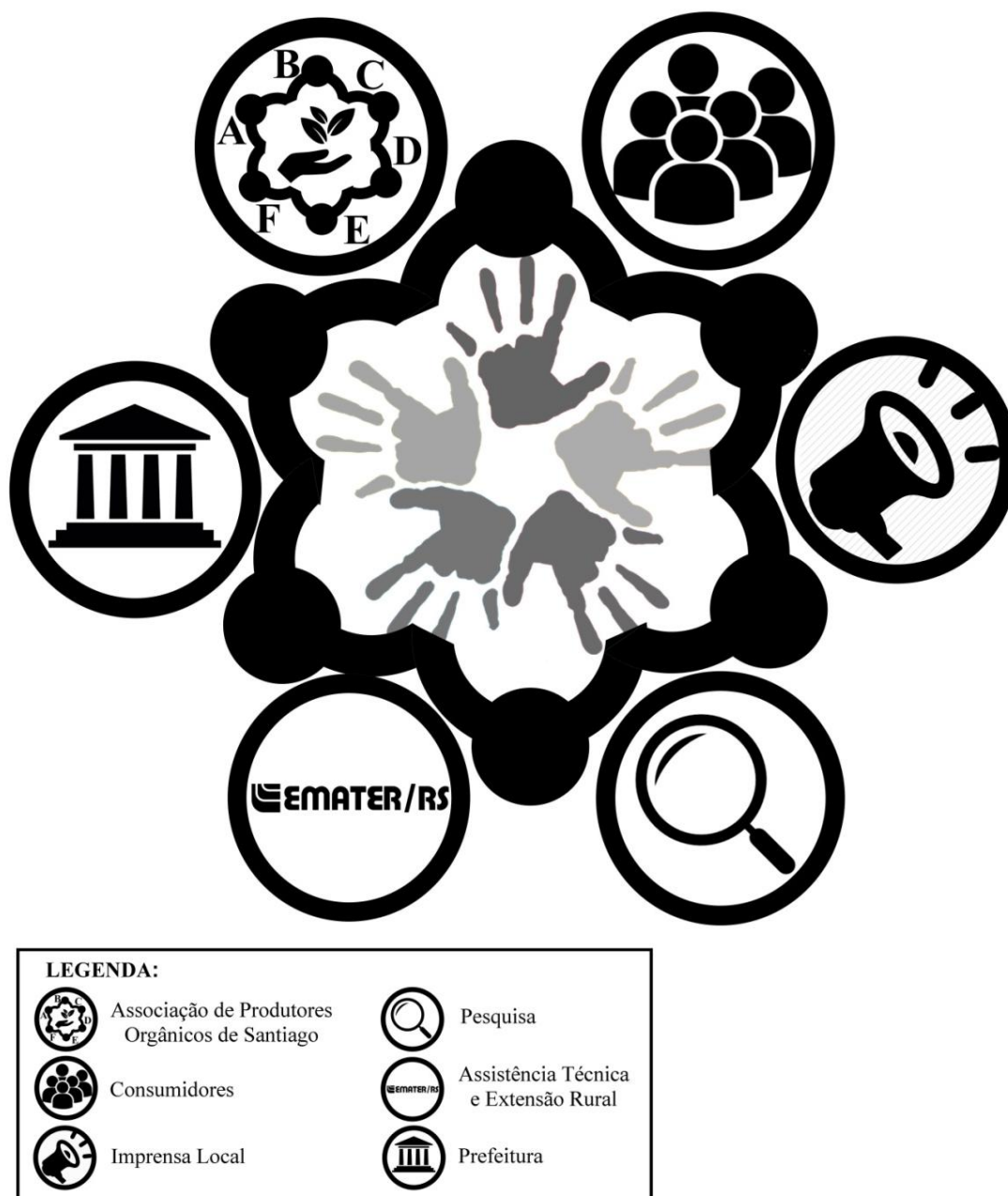
Assim, para encerrar este capítulo, trago na sequência do texto, duas figuras que sistematizam graficamente as redes de cooperação interna entre as famílias associadas (figura 4) e de cooperação local à agricultura orgânica (figura 5).

Figura 4 - Rede interna de cooperação entre as famílias associadas.na Associação de Produtores Orgânicos de Santiago



Fonte: elaboração do autor

Figura 5 - Rede local de cooperação à agricultura orgânica no município de Santiago/RS



Fonte: elaboração do autor

4. MÃOS QUE PRODUZEM SIGNIFICADO: SIGNIFICADOS CONSTRUÍDOS NO COTIDIANO

DOMINGO DE FEIRA

(Cecília Meireles)

*Nesse caminho de Alcaçoba,
Nos arredores do Mosteiro,
eu sei que o mercado da praça
dura quase o domingo inteiro.*

*Vejo lábios, vejo braços
- por um momento persigo-os;
de repente, os mais exatos
perdem sua exatidão.
Se falo, nada responde.
Depois, tudo vira vento,
e nem o meu pensamento
pode compreender por onde
passaram nem onde estão.*

*Minha família anda longe.
Mas eu sei reconhecê-la:
um cílio dentro do oceano,
um pulso sobre uma estrela,
uma ruga no caminho caída como pulseira,*

*um joelho em cima da espuma,
um movimento sozinho
aparecido na poeira...*

*Mas tudo vai sem nenhuma,
noção de destino humano,
de humana recordação.*

*Minha família anda longe.
Reflete-se em minha vida,
mas não acontece nada:
por mais que eu esteja lembrada,
ela já se faz esquecida:
não há comunicação!*

*Uns são nuvens, outros, lesmas...
Vejo asas, sinto os passos
de meus anjos e palhaços
numa ambígua trajetória
de que sou o espelho e a história.*

*Murmuro pra mim mesma:
“É tudo imaginação!”*

Mas sei que tudo é memória...

Palavras-chave: cultura, cotidiano, significado

É a partir do reconhecimento do esforço e do trabalho de cada agricultor e a partir do reconhecimento da importância de produzir e consumir alimentos orgânicos, que os significados são construídos. Desta forma, imergindo na cultura, este capítulo busca conversar sobre um pouco do cotidiano dos agricultores de Feira de Orgânicos de Santiago, e os significados que emergem dele.

4.1 OS REDIRECIONAMENTOS DE OLHAR PARA COMPREENDER AS CULTURAS

A cultura e a mente são os dois objetos mais importantes escolhidos para tentar construir uma ciência dentro da antropologia e psicologia. A mente cria, busca, preserva e usa sentido para construir o mundo, assim, a cultura é criada pela mente daqueles que estão imersos nela (GUEERTZ, 2001).

Nosso cérebro encontra-se em nosso corpo e nossa mente encontra-se em nosso mundo. Cérebro e cultura evoluíram reciprocamente, ou seja, os mundos físico, biológico e social se entrelaçam, formando teias de significado entre si. A cultura não é nada mais do que a interpretação de onde o homem está amarrado a essas teias que ele próprio teceu. (GEERTZ, 1989; GUEERTZ, 2001)

Essas teias se entrelaçam entre os indivíduos que nela vivem, de modo que ao compartilhar o ambiente também acabam por compartilhar experiências, normas e padrões para construir sentido em seus mundos.

Neste ponto percebemos a importância de conhecer as sociedades a partir dos relatos individuais. Cada mente e cérebro se desenvolvem de acordo com características únicas, cada pessoa possui sua visão de mundo e se relaciona com os seus de acordo com suas experiências individuais (GUEERTZ, 2001). O que faz com que não exista apenas uma cultura dentro de uma determinada sociedade, mas várias culturas que dialogam entre si, formando uma teia de relações.

Ao abordar estudos sobre cultura em sociedade rurais em seu estudo conhecido pela publicação “Os parceiros do Rio Bonito”, Cândido (2001)²⁴ aborda o conceito de cultura rústica para ir além das questões de localização que a palavra “rural” nos remete. Desta forma, o uso do termo “rústico” nos remete ao relacionamento dos indivíduos com o isolamento, nos remete à relação que o indivíduo desenvolve com a “cultura urbana”, pois se entende que esta influencia a existente no ambiente rural e vice-versa, exprimindo modo de ser e tipo de vida. Este estudo quando traduzido para a atualidade nos mostra que o rural cada vez mais se entrelaçou com o urbano.

Porém a cultura rústica abordada por Cândido não é mais a mesma, intensas transformações ocorreram nos meios de comunicação e transporte no rural, o que fez com que novas relações sociais fossem capazes de ressignificar elementos previamente estabelecidos.

²⁴ O estudo foi realizado entre os anos de 1947 e 1954. A primeira edição do livro “Os parceiros do Rio Bonito” foi publicada em 1964.

Uma das relações que, atualmente, possibilita novas pontes entre rural e urbano são as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). As TICs, como internet e telefones celulares, são uma realidade no mundo contemporâneo e cada vez mais interferem nas decisões e espaços de sociabilidade da vida rural (GUIMARÃES et al., 2015).

O estudo da cultura tem grande destaque na antropologia, nas palavras de Oliveira (1996) “o olhar” é uma dos pilares fundamentais do trabalho do antropólogo, sendo os outros dois “o ouvir” e “o escrever”. Para o autor, caso um desses três pilares não for devidamente treinado, seu trabalho estará comprometido. O olhar nesse contexto deve ser domesticado para estar sensível a coisas que antes da bagagem teórica da antropologia não eram perceptíveis, dessa forma, o olhar passa a identificar fatores que antes pareciam invisibilizados pelo olhar do senso comum do cotidiano.

Cada uma das histórias que escutei e observei durante o tempo de imersão no campo de pesquisa possui suas próprias particularidades. Todas com muita força, superação, determinação e um desejo intenso de viver. Algumas histórias mais sonhadoras, outras com mais experiência pra manter o pé no chão e tomar decisões que não gerem consequências já vividas, mas todas com esperança. Ao desenrolar destes quase seis meses visitando o ambiente da feira, sendo que nos três primeiros meses uma vez por mês, e nos três meses seguintes, praticamente todos os finais de semana, com um aumento gradual na medida em que os laços de confiança eram gerados entre estudante/pesquisador e sujeitos do cotidiano pesquisado.

Para Agnes Heller o estudo do cotidiano passa pelo estudo das ações da vida particular das pessoas (1987, p. 19, tradução nossa):

Para reproduzir a sociedade é necessário que ser humanos particulares se reproduzam a si mesmo como seres humanos particulares. A vida cotidiana é o conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos seres humanos particulares, os quais, por sua vez, criam a possibilidade da reprodução social.

Assim, a vida cotidiana no particular se reproduz em seu próprio mundo, diretamente, e em conjunto com a sociedade, de modo indireto. Ou seja, existe um pequeno mundo particular a cada pessoa onde as relações de vida ocorrem de forma direta, e um grande mundo da sociedade, onde a vida particular é afetada de forma indireta (HELLER, 1987). Desta forma, o homem particular, a qual Agnes Heller fala, não existe de isolado de outros em sua vida cotidiana, sendo que suas ações afetam e são afetadas pelos outros que compartilham

seus espaços, e é a partir das relações entre estas pessoas que ocorrem as individualidades podem se rearranjar em formas coletivas da sociedade.

O cotidiano desta forma se apresenta no dia a dia, interagindo e fazendo parte do trabalho, da moral, da religião, da política, da ciência, arte e filosofia. A partir dessas experiências emergem os *saberes*²⁵ que decidem as escolhas de ações cotidianas (HELLER, 1987). De forma mais próxima, Certeau et al (2012) aborda a temática mostrando como ela ocorre entre o morar e o cozinhar, abordando o cotidiano como tudo aquilo que é dado no dia a dia, as situações que são encaradas, as pessoas com quem se encontra, os desafios que são tomados, e quem cada um acaba sendo. Fazem parte do cotidiano as memórias olfativas do almoço ao ser preparado, os gestos que são repetidos sob determinados contextos, os hábitos de consumo adquiridos, os trajetos que viram parte do cotidiano, as obrigações morais para consigo e o seu mundo, e o conforto dos espaços privados, onde a morada se apresenta como lugar da vida.

Antes de acompanhar os significados, que se constroem durante a feira, foi necessário perceber como esses agricultores se planejam e como eles se constroem em suas vivências para chegar à feira, do plantar ao colher. A feira inicia no planejamento de quem planta, no preparo da terra, no plantio, nos tratos culturais, durante a colheita e organização dos produtos até chegar à praça nos sábados de manhã.

4.2 DO PLANTAR AO COLHER: O PREPARO PARA A FEIRA

4.2.1 Antes de plantar é necessário entender quem eu sou no mundo

Antes da escolha do plantar, observei que as quatro famílias possuem bem delimitado em suas trajetórias o momento em que escolheram retornar ao campo e fazer dele parte de suas vidas pessoais e profissionais. Este ato caminha junto com as observações de mundo de cada uma das agricultoras e de cada um dos agricultores, saber onde está incluído e qual o seu propósito dentro deste local parece ser algo trabalhado em suas mentes. E, apesar de nunca se estar pronto e acabado, um sentimento de que o mais difícil já passou parece prevalecer durante suas falas e atitudes.

²⁵ O próprio livro de Michel Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol (2012), “A Invenção do Cotidiano (2. Morar, cozinhar)”, aborda vários saberes que se manifestam no cotidiano entre a compra do alimento e a hora da alimentação, através do saber-fazer.

Seu Daniel nasceu na região da propriedade onde atualmente trabalha, lá passou sua infância e parte da adolescência, com dezesseis anos foi para a cidade trabalhar numa oficina mecânica onde trabalhou até os quarenta e seis anos. Mas a memória sempre permaneceu, segundo ele, as lembranças ajudaram na hora de retornar e trabalhar em tempo integral na parcela da propriedade que um dia foi dos seus pais:

Ah, já ajuda. Nas noção de como lidar na terra, até como pegar, como usar uma ferramenta, né. Claro que pouco que se pegou, mas é como pegar uma enxada, como lidar com o trator, como abrir um buraco pra segurar um palanque. Se o cara nunca trabalhou nessa área fica mais difícil, né. Mas pra mim... Eu era acostumado quando eu era novo.

Mesmo morando na cidade, uma vez que a propriedade era dos seus pais, seu Daniel nunca deixou de frequentar a localidade, porém, seu local de trabalho era na cidade, e até que retornasse para trabalhar no campo, seus momentos de estar na casa dos pais eram muito mais momentos de descanso, do que de trabalho, propriamente dito. Junto aos pais morava o irmão, então em meio a uma relação de parceria a memória podia ser exercitada nos fins de semana.

***Daniel** - É, mas o cara não esquecia, porque virava e mexia eu tava sempre aqui fora, na casa do meu irmão que fica aqui perto, tava sempre ajudando ele. Eu nunca saí fora (totalmente), eu tinha um gadinho aqui, a gente vinha cuidar, vinha os fim de semana.*

O saber fazer, aprendido no cotidiano da infância e reforçado pela memória de Daniel nada mais é do que um conjunto de gestos que tem um objetivo de utilidade e uma intenção operatória. Seu Daniel seguiu lembrando-se de como era trabalhar com agricultura e pecuária durante a sua vida, mesmo após trabalhar tantos anos na cidade, pois em sua consciência, aquilo tinha um significado que era importante ser lembrado, caso contrário seria esquecido.

O gesto se decompõe numa sequência ordenada de ações elementares, coordenadas em sequência de duração variável, segundo a intensidade do esforço exigido, organizada segundo um modelo aprendido de outra pessoa ou por imitação (alguém me mostrou como fazer), reconstituída de memória (eu a vi fazer), ou estabelecida por ensaios e erros a partir de ações vizinhas (acabei descobrindo como fazer). A habilidade de adaptar o gesto às condições de que se conseguiu pôr em prática e em evidência aquele saber-fazer exatamente como deve ser feito. Quer se trate de domínio culinário ou de outro tipo de transformação material feita com uma determinada intenção, o gesto é antes de tudo uma técnica do corpo (CERTEAU et. al, 2012. p. 273).

A memória de Betânia também foi importante para a sua produção orgânica, uma vez que passou a infância no ambiente rural, algumas lembranças de como sua mãe produzia fizeram com que ela, naturalmente, reproduzisse algumas de suas técnicas e se encaminhasse para uma produção livre de agrotóxicos e agroquímicos sintéticos. Uma passagem durante nossa conversa merece destaque:

Betânia - *E a minha mãe mesmo tinha uma horta muito bonita pra fora, e aí, tu sabe... Ela nunca usou veneno e sempre usou esterco, né. Isso eu me lembro quando eu tinha três, quatro anos, tem coisas que a gente não esquece, né. E eu me lembro que ela juntava de carrinho de mãos os estercos, nem era carrinho de mão naquela época, era de carreta, e amontoava tudo num canto assim. E aí ela adubava a horta dela, e ela tinha verduras lindas, né. Então, por que não, né? Eu acho que isso aí também a gente vem meio no sangue, né. Na... Sei lá...*

Pesquisador - *Pega a memória, né?*

Betânia - *Pega a memória. Não sei, todo mundo me pergunta assim: "Como é que tu começou lá". Me pego pensando: "Pois é, como é que eu comecei?", né?! "Por que eu não botei veneno?"; "Por que eu não usei adubo químico?". Sei lá. Acho que instintivamente, né. Que a gente vai fazendo as coisas.*

Já a descoberta do agricultor como profissão na vida do Breno, filho de Betânia, aconteceu só depois que ele foi morar na atual propriedade, foi no dia a dia que ele se percebeu envolvido pelo que já planejava com sua família há tempos. Sua personalidade de querer crescer junto com sua família, que vislumbrou, no atual lugar de atuação, o futuro que sempre planejou. Aos poucos, Breno busca por questões profundas como “Quem eu sou?”. E ao se afirmar agricultor, significa para si, todo um orgulho que é fruto do seu trabalho diário.

Quando me perguntam eu podia dizer assim ó: “Ah, eu sou estudante de administração.”; “Sou estudante de agronomia.”. E eu digo assim: “Ah, eu sou agricultor!”. A maioria das pessoas tem vergonha de dizer: “Olha, eu sou agricultor!”. Entende? Eu sei que tem amigos meus, que os pais são plantador de soja, ou eles são plantador. Aí eles dizem assim: “Ah, eu sou agricultor plantador de soja!”; [ou], “Não, eu sou criador de gado!”. Agora vê se um dos que produzem hortaliças [dizem]: “É, eu sou produtor!”. E mesmo assim tem uns que produzem gado tem vergonha de dizer que são agricultores, ou que moram pra fora, ou coisa assim. Como eu vou te dizer, é um preconceito muito grande.

O ser agricultor, para Breno, parece ter muito a ver com o entendimento do seu papel no mundo, mais do que profissão, está implicado numa opção de vida. E aqui a palavra opção ganha destaque, uma vez, que a opção demarca a trajetória das quatro famílias pesquisadas, que vivenciaram outras possibilidades de trabalho e escolheram trabalhar no campo. Breno se enxerga como agricultor e dá ênfase nisso, pois junto à sua mãe, trabalha muito para fazer com que seu sonho desse certo. E ao dar exemplo de pessoas que conhece, e não dizem com a mesma força dele que são agricultores, se depara talvez com uma realidade construída no imaginário subjetivo das pessoas que moram na cidade, o imaginário de que apenas são bem sucedidos na vida os produtores de soja e os criadores de gado.

O município, por estar localizado em área do Bioma Pampa, adquiriu uma “vocação”²⁶ para a criação animal, como no restante da área de mesmo bioma, devido às pastagens nativas características de sua vegetação. Além disso, a criação animal está relacionada à grandes extensões de terra e riqueza, dando em si, um significado de riqueza financeira. Já, nos últimos anos, com a expansão da soja no Bioma Pampa, a soja recebeu o mesmo significado da criação animal em relação    situação econômica de quem produz. Os demais agricultores de hortaliça, porém, apesar de serem bem valorizados culturalmente no município, não apresentam a mesma imagem, em relação    sua situação financeira, quando comparados aos produtores de soja e criadores de gado. Talvez isso justifique a resposta de Breno, uma vez que ele se enxerga no mesmo patamar que os demais agricultores, nem acima, nem abaixo, mas igualmente grande.

Outro exemplo a respeito disso, surgiu na sequência da entrevista, quando a Betânia comentou sobre como essa mentalidade do que    ser agricultor ocorre em outras propriedades do município. No exemplo, ela contextualizou uma conversa que teve com outro agricultor do município, também envolvido no universo da olericultura:

***Betânia** - Ele me disse assim: "Ah, eu disse pra minha filha, que ela não quis estudar e vai ter que ser agricultor". Eu disse "Como assim, não quis estudar e vai ter que ser agricultor? Hoje em dia o agricultor tem que no mínimo estudar, ter o conhecimento, n  . Uma base, n  ."*

²⁶ Aqui a palavra vocação aparece entre aspas pois se trata de uma alegoria para ir direto ao ponto da explicação. Sabe-se que as culturas, animais ou vegetais, tradicionalmente produzidas em cada região variam muito de acordo com os processos de ocupação da terra e as características edafoclimáticas. O caso de Santiago não é diferente.

Com isso, Betânia, mostra o que ela entende por ser agricultora, e o que ela espera do seu filho ao ser agricultor. Deixar de estudar não é uma opção em sua mentalidade. Sempre há a busca pelo conhecimento durante o seu dia a dia, e apesar de nem sempre o estudo ocorrer de forma formal, ele ocorre no cotidiano, pesquisando livros na internet, ligando para outros agricultores que também plantam, conhecendo novas realidades. Tudo isso é necessário na mentalidade da agricultora. E, uma vez que tem em sua personalidade um traço muito forte de comunicação e cooperação, a agricultora tenta, a seu modo, mostrar a todos que é preciso estudar muito para sempre melhorar e oferecer produtos de qualidade. Ela também deseja que o Breno estude, mas que estude para melhorar e facilitar as suas vidas na hora de encontrar informações sobre a produção orgânica.

A expectativa da Betânia, em relação ao seu filho se desdobra no desejo que ele também tenha a mesma oportunidade que ela teve de optar ser agricultora. Querer que ele estude e vivencie experiências e estudos, para assim seguir tendo a opção de trabalhar com o que trabalham da melhor forma que achar possível. Isso é denotado em momentos em que ela fala orgulhosamente de sua própria trajetória.

***Betânia** - Eu sou agricultora por opção, não por falta de opção, então quando tu sai fora, trabalhando outras coisas, que tu faz outras coisas, eu acho que tu vem com ideias diferentes, e como tu já viu empresas diferentes, e que tu trata a tua propriedade como empresa, né. Então tu tem essa visão do empreendedorismo, que tu tem uma empresa, que isso aqui é uma empresa, que tu que dar lucro, que tem que gerar.*

***Pesquisador** - Tu trabalhou em Porto Alegre, tu tem toda a visão de lá, que tu tá trazendo pra cá...*

***Betânia** - Exatamente. A parte de marketing, eu trabalhei muitos anos na área de marketing, então isso aí te dá uma visão de propaganda muito grande, né. Te dá uma visão de propaganda, que tu precisa expor o teu produto, que tu tem que embalar, que tu tem que deixar ele apresentável, pra conquistar o teu cliente, né. E isso não é qualquer pessoa que tem. Não é pra... É só pra aquela pessoa que realmente sabe o que quer né? O que tá fazendo.*

4.2.2 Diversificação da produção e qualidade de vida

Diversificar a produção é uma estratégia para manter a segurança da estabilidade financeira dentro da propriedade, da mesma forma que é sinônimo do aumento de carga de trabalho. Como o cotidiano de cada uma das famílias acaba sendo muito diferente, onde

alguns apresentam dedicação exclusiva para produção, e outros se dividem entre outros cotidianos. A escolha de diversificar ou não, acaba trazendo um significado diferente no modo de pensar entre as famílias. Enquanto para uma família diversificar pode ser sinônimo de maior estabilidade financeira, de maior resiliência na produção da propriedade, para outra família pode remeter rapidamente ao aumento da mão de obra exigida pelo maior número de atividades consequentes das atividades policulturais. Assim, não podemos associar sempre a diversificação como algo positivo, pois é preciso lembrar que a diversidade de produção aumenta a carga de trabalho da família. Afirmar que diversificar é sempre a solução para a estabilidade é desconsiderar as outras atividades que as famílias podem ter em suas vidas pessoais e profissionais, dentro ou fora da propriedade.

Daniel, por exemplo, tem investido a maior parte do seu tempo para trabalhar em sua propriedade, assim, sua renda depende dos frutos gerados a partir dali. Assim, ao falar sobre diversificação de produção, ele encara o trabalho como um investimento do seu tempo e garantia de que alguma de suas produções vai lhe dar retorno, mesmo com intempéries.

***Daniel** - Aí é que entra, aquilo de novo, a questão de diversificar a tua produção, né. Aí tu tem várias vértices, como se diz assim, pra não perder. Porque de todo o trabalho, alguma coisa tu vai perder, um ano vai uma coisa, no outro não vai dar outra. Então é relativo. Então não é eu só plantar isso e vou depender só disso. [...] Então é outra fonte de renda. Ao invés de só aqui, eu vou ter uma outra [renda]. Por isso que eu digo, a propriedade, se tu não diversificar é complicado sobreviver, né. Agora se tu diversificar tu ganha dinheiro.*

A perda de alguma produção é algo comum quando se trabalha na agricultura, pois vários são os fatores que podem causar a perda da produção, seja uma geada, um temporal, o excesso ou a falta de chuva, uma doença na planta ou inseto predador. Entender que nem sempre é possível contornar estes riscos faz parte da experiência de ser agricultor.

Porém, quando não se tem um tempo integral para ser dedicado à produção, diversificar pode ser sinônimo de excesso de carga de trabalho. Carla nos lembra disso, uma vez que boa parte de seu cotidiano é destinada às atividades da escola onde leciona. Por isto mesmo, a estratégia de diversificar a produção é recente em sua família.

***Carla** - A gente tem essa questão de trabalhar em outros envolvimento, então pra nós tava tranquilo ter só o morango. Era aquela época e pronto. Embora ele envolva e comece a envolver... A gente planta, por exemplo, em maio. Vai até dezembro, por aí, né. Mas pra*

nós tava tranquilo, né. Digamos assim. [...] Só que a gente começou a ver que a feira tava...

Cláudio - *A feira necessitava de mais.*

Carla - *Então, a gente começou então... Então vamos tentar né, vamos expandir pra outro... Pra não deixar esfriar. Então, em nome da associação a gente começou a (diversificar).*

Para a família de Carla e Cláudio, diversificar a produção tem muito mais uma relação com a vontade de ver a feira crescer. E ao observar a demanda da feira, a diversificação de produtos foi algo necessário à continuidade do espaço.

Mesmo mencionando que ultimamente a carga de trabalho tem sido um ponto limitante ao aumento da sua produção, Carla também comenta da sua qualidade de vida com certa frequência no seu cotidiano. Ao observar este ponto, resolvi apontar este questionamento no momento da entrevista.

Pesquisador - *Em relação à qualidade de vida, o morar aqui?*

Carla - *Depois pergunta pro meu filho, então. (risos). Pergunta pra ele o que ele acha até. Tô curiosa, até. Mas ele sempre diz: "Ah, coisa boa morar aqui fora". Esses dias ele me dizendo assim, ele teve aula sábado, "Ai, mãe. Eu passei a manhã inteira com a dor de barriga. Mas eu fui lá no pátio na hora do recreio, peguei uma folha de árvore. Cheirei aquela folha... Ai, melhorei, mãe. Acho que era o que tava me faltando". (risos). Mas ele sempre diz, "Como é bom morar pra fora. Tá aqui pra fora". E, ele, ele vem e começa a pregar essas coisas de qualidade, sabe. Mas a tal de internet que é um problema.*

Ao associar a qualidade de vida diretamente com a resposta do filho, Carla demonstra a importância do seu filho nas suas escolhas cotidianas. Assegurar sua educação vinculada ao meio em que vive é algo que ocorre quase que naturalmente. Por ser agricultora e professora de Geografia, o cuidado e a atenção com o meio ambiente e com as pessoas que habitam nele perpassam pelos processos de educação do filho. Assim, percebe-se em sua fala o orgulho de contar a história de que seu filho percebe que a vida dele tem qualidade ao morar onde mora. E neste ponto finaliza com outra preocupação de um ponto que acha importante, mas no momento encontra-se indisponível dentro da família, o acesso à internet.

Ao antecipar as ambições do filho, o acesso à internet, aqui aparece como um dos pontos inerentes à qualidade de vida no futuro da família, porém destaca-se que o sinal de telefonia móvel se apresenta como um problema, que na visão da família já deveria ter sido resolvido, dado o avanço da tecnologia. Assim, destaca-se que das quatro famílias em que se

vivenciaram as experiências aqui expostas, apenas a família B possui internet, sendo que o uso desta se apresenta de forma essencial dentro dos canais de comercialização e sua respectiva divulgação e propaganda. Nas famílias A e D a necessidade de internet não foi mencionada, uma vez que o sinal de telefonias móveis se apresentou como um problema de maior dimensão.

Ainda falando sobre a qualidade de vida, Daniel aponta isto ao responder o porquê de ter trocado seu ofício de mecânico na cidade, por seu ofício de agricultor no campo.

***Daniel** - É!... Abandonei a oficina. E os cara perguntam: “Por quê?”. Qualidade de vida... e... Eu em qualidade de vida eu incluo tudo, né? Saúde, não se incomodar, o lado financeiro também. No começo é difícil, mas depois que tu tiver uma estrutura mais ou menos montada, tu tira bem mais que na oficina.*

Qualidade de vida, para Daniel representa as suas ambições ao trabalhar no campo, dentre elas saúde (física e mental) e estabilidade financeira. Daniel encara o trabalho dentro do agroecossistema como o seu trabalho de vida. Tornou-se claro no tempo em que se vivenciou sua realidade, que trabalhar naquele local, é uma das coisas que lhe traz tranquilidade, o que, conforme os relatos que contou do seu antigo trabalho como mecânico era algo que praticamente inexistia.

4.2.3 Um pouco antes da feira: os cotidianos

Uma vez que a Feira de Orgânicos de Santiago ocorre todos os sábados pela manhã, por uma questão de logística, é possível imaginar que todo o ritual de preparo é realizado no dia anterior. Mas como esse processo é feito, em que momento se começa a pensar na feira, como isso faz parte do cotidiano das pessoas que se envolvem com a produção do alimento? Para entender um pouco mais de perto desta realidade vivida pelas pessoas, que nesta dissertação são os sujeitos da pesquisa, acompanhei de perto as quatro famílias que pesquisadas na Feira de Orgânicos de Santiago, onde cada família foi visitada em um final de semana diferente.

As conversas que ocorreram, nesse meio tempo, se revelaram trocas de experiência ricas ao mesmo tempo em que deram a dimensão contextual de suas vidas, que ali permeavam entre as espécies cultivadas de hortaliças e as espécies espontâneas de outros vegetais, estas

por sinal, se comunicavam com os agricultores apenas pelo fato de existir, apontando características do solo²⁷.

4.2.3.1 Família A

O cotidiano da Ana e do Antônio é sempre bem intenso entre quinta-feira e sábado. Por questões de organização, como vendem sua produção na sexta-feira, através das entregas domiciliares, e no sábado, através da feira de orgânicos na praça, quinta-feira é dia de colher para o que será comercializado na sexta-feira pela manhã, e sexta-feira colhe-se o que será comercializado no sábado pela manhã. Nos dois dias em que a comercialização ocorre o casal levanta às 05:00 horas da manhã. Enquanto o Antônio sai na sexta-feira de manhã para comercializar os alimentos através do formato de entrega domiciliar a Ana fica em casa e já começa os preparativos de colheita para a Feira de Orgânicos que acontece no sábado pela manhã. Em época de ano escolar, a Ana ainda prepara o almoço para os dois filhos que estudam no período da tarde.

O itinerário de entrega dos alimentos de Antônio na sexta de manhã já possui uma organização bem delineada, uma vez que este é o canal mais antigo de comercialização deles, desde 2003. A “feira da sexta-feira” como eles denominam, tem seus clientes fixos e é parte importante no planejamento do cotidiano da família, como afirma Antônio na seguinte citação:

***Antônio** - Sim, já tenho os clientes certos. E daí aquela questão, tu tem um produto bom, aquele cliente avisa o vizinho, e aí já chega o vizinho e tu vende pro vizinho. Tu já tá parado ali, já cruza um e já te compra alguma coisa, e já pede pra ti cruzar lá na casa dele. Tipo assim, ó, eu comecei a delinear um trajeto, né, sé é muito fora do meu trajeto, eu já nem atendo aquele dali se não tu não tem horário. Aí tu chega de meio-dia e tu não fez tudo. E como se diz, meio-dia tu tem que estar livre pra já estar voltando pra poder colher pra Sábado.*

²⁷ Dentro da Agroecologia, as espécies vegetais que brotam espontaneamente no solo, são chamadas plantas indicadoras. As plantas indicadoras são assim chamadas, pois, ao conhecê-las, conhecem-se as suas condições básicas para sobrevivência, ao saber estas condições, se saberá as condições que o solo está fornecendo às plantas. Vários pesquisadores da área da Agronomia já realizaram trabalhos com este direcionamento, porém, sempre que possível, faz-se necessário relembrar o grandioso trabalho realizado pela pesquisadora Ana Primavesi (2016) durante sua vida, ao defender uma agricultura adaptada aos solos tropicais brasileiros.

Sexta, no período da tarde, Antônio e Ana, trabalham juntos na colheita e processamentos pós-colheita. A colheita pelo período da tarde se inicia após as 15:00 horas por causa do sol e se estende até o final da tarde. Ainda no campo, os alimentos são lavados e armazenados em embalagens que ajudem a proteger sua limpeza e sua estrutura física. Após colheita, ao serem transportados até a casa, o trabalho de separação dos produtos, por maço ou peso é realizado. Até deixar tudo organizado para o dia seguinte é comum trabalhar até depois das 23:00 horas na sexta-feira.

No sábado, após voltarem da feira, o horário da tarde é reservado para organizar-se a casa e prepará-la para o cotidiano da nova semana que se inicia. Todas as etapas de plantio até a colheita são realizadas entre os dias que restaram.

4.2.3.2 *Família B*

O cotidiano de preparação para a feira ocorre na sexta-feira durante todo o dia, na família B, onde Breno e Betânia trabalham juntos, todo o tempo. Procura-se colher nos horários de temperatura mais amena e menor incidência solar, porém é comum que seja necessário trabalhar em horários que o sol ainda esteja forte. Reserva-se ao trabalho de colheita e início do processo de lavagem: o turno da manhã; a partir da meia-tarde (a partir das 15:00 horas ou 16:00 horas, dependendo da luz solar e da quantidade de trabalho a ser executado) ao final da tarde. Durante a noite, realizam-se os trabalhos mais refinados de beneficiamento pós-colheita, como a pesagem e embalagem dos alimentos. É comum este processo se estender até depois das 23:30 horas.

Ainda durante a noite, os primeiros produtos são armazenados no veículo da família. Alguns produtos mais delicados são sensíveis são armazenados no veículo apenas na manhã de sábado, antes da partida até o local da feira. Na manhã de sábado, Betânia e Breno acordam às 06:00 horas, para tomar café, e devido aos cuidados com a propriedade, Betânia e Breno optaram por deixar sempre alguém em casa, assim, na maioria das vezes, apenas Breno tem ido à feira:

Pesquisador - *E na feira, geralmente tem ido o Breno agora, né?*

Betânia - *É tem o Breno. Somos só eu e ele, né. Alguém tem que ficar em casa trabalhando. A gente brinca que alguém tem que ficar em casa produzindo. Na verdade, a ideia é essa né. E como a gente não pode deixar a propriedade sozinha.*

Pesquisador – *Por quê?*

***Betânia** - É perigoso, a gente tem maquinário, tem tudo, né. E outra coisa, a gente tem irrigação pra ligar, tem coisas pra cuidar. Aí, quando a gente vai sair fica difícil porque tu sai naquela coisa: "Será que fizeram?"; "Fizeram isso?"; "Será que ligaram essa irrigação?" Né? Então é um cuidado que tu tem que ter com a tua horta também. Se sair todo mundo, alguém tem que (estar por aqui). E como sou eu e ele o responsável por isso, alguém tem que cuidar, né.*

Então, por volta das 07:00 horas de sábado, Breno se desloca para a sede do município de Santiago em direção à feira de orgânicos.

4.2.3.3 *Família C*

Na família C, o cotidiano de professora da Carla se mistura ao cotidiano de agricultora. De segunda à quinta-feira, ela leciona no período da manhã e da tarde em uma escola estadual no município. Durante a semana, enquanto está lecionando, seu esposo cuida do filho e da casa pela parte da manhã, e, pela parte da tarde, trabalha nas atividades da horta e da criação animal. Na sexta-feira, a Carla tem o seu horário para planejamento de atividades de aula. Desta forma, ela realiza todas as tarefas que precisa fazer fora do horário de aula durante a noite, nos outros dias da semana, e, reserva a sexta-feira para as atividades de preparação para a Feira de Orgânicos no sábado pela manhã.

Os horários de colheita e beneficiamento dos alimentos variam de acordo com a quantidade de produtos disponíveis. Mas geralmente se reserva a sexta-feira, como nas famílias A e B, aqui já mencionadas. Assim, durante o período da manhã e da tarde é reservado para a colheita. O período do final da tarde até a noite é reservado para limpeza e demais procedimentos de pós-colheita são realizados, a exemplo da pesagem e embalagem dos produtos. Geralmente procura-se trabalhar até no máximo 22:00 horas.

Cabe aqui ressaltar a união no trabalho que ocorre na família C. Uma vez que, residem na propriedade Carla, Cláudio e César (o filho), não é incomum que tanto dona Cecília, sua mãe, quanto Cristina, sua irmã, passem a sexta-feira a tarde e início da noite para ajudar nas atividades de preparação da feira.

No sábado, procura-se acordar por volta das 06:00 horas, realizar a refeição do café e sair de casa um pouco antes das 07:00 horas. Atualmente, as responsáveis pela feira são a Carla nos dias em que não necessita lecionar, ou sua irmã, Cristina, nos sábados em que Carla precisa dar aula.

Carla - Sábado é feira e às vezes escola. De tarde, a gente já se organiza pra semana. Limpa a casa. Essas atividades. E domingo ainda tem a colheita do broto. Tem o broto na cidade. Que a mãe realiza lá, né.

Por muito tempo Dona Cecília era a responsável pela comercialização dos produtos na feira, porém, devido a um problema na coluna, desde agosto de 2017 precisou se ausentar da feira para poder cuidar de sua saúde.

Uma vez que a família também tem a produção de brotos que é realizada em ambiente esterilizado na casa da mãe, na cidade, algumas atividades da propriedade também ocorrem no município, sob responsabilidade de sua mãe, Dona Cecília. Às atividades coletivas junto à produção de brotos, destacam-se as colheitas realizadas nos domingos. Recorda-se aqui uma frase dita por Dona Cecília, quando estávamos à mesa, em um almoço que foi realizado em sua casa: “Família que trabalha unida, permanece unida”.

4.2.3.4 Família D

O cotidiano do Daniel ainda está se organizando aos poucos. Foi a partir de 2017 que ele começou a ter uma estabilidade na produção para os seus canais de comercialização. Por sua família residir na área urbana do município, ele acaba dividido entre a propriedade rural, onde trabalha e dorme a maioria dos dias da semana, e a casa na cidade, onde residem seu filho e esposa. Conforme o trecho abaixo do seu relato:

Daniel - É eu vou uma vez ou duas na semana, na cidade. Vou conforme [é preciso], né. Mas o tempo maior que eu fico é aqui. Eu vou mais por necessidade mesmo. Mas assim, eu vou mais que eu já faço uma coisa só né. Tem a família lá, já levo as coisas pra vender. [...] Às vezes vou a tardinha volto no outro dia. Isso aí não tem um [padrão]...

Sua organização para a feira de sábado já se inicia na quinta-feira, quando colhe alguns alimentos que são menos perecíveis, e resistem mais tempo após a colheita, caso dos tubérculos e frutos. Na sexta-feira são feitas as demais colheitas que não puderam ser feitas no dia anterior, assim como o seu devido processamento. Ao contrário das outras três famílias de agricultores, Daniel volta para a cidade já na sexta-feira ao final da tarde, para passar a noite com a família. No caminho para a casa da família, passa na residência de alguns clientes e realiza entregas à domicílio. Quando necessário termina de embalar e pesar alguns alimentos na sua casa da cidade.

Sábado, após a feira acabar, Daniel almoça na sua casa da cidade junto à sua família e retorna à tarde para o agroecossistema, pois tem que organizar os produtos que são entregues ao PNAE na segunda-feira pela manhã.

Alguns pontos importantes a todas as famílias, durante os seus cotidianos de preparo da feira diz respeito à anotação, organização e controle das quantidades que foram colhidas e suas respectivas vendas após a feira.

4.3 SÁBADO DE MANHÃ: É DIA DE FEIRA

4.3.1 O espaço físico da praça

Antes de abordar alguns pontos individuais e coletivos referentes à associação e execução da feira, acho importante abordar algumas observações em relação ao espaço da praça onde acontece a feira, numa tentativa de tentar retratar a história que vive ali adormecida, história esta que convenientemente pode voltar a ser lembrada vez ou outra por cidadãos do município. Um breve passeio pela Praça Moisés Viana apresenta, a quem caminhe com o olhar mais atento, a imagem de várias gestões de poder público que atuaram na cidade e que tentam deixar para a posteridade sua marca física, em forma de monumento, placa ou calçada construída. É possível perceber informações, que tentam comunicar aos que passam por ali, quem foram os responsáveis por tais obras públicas e o que eles queriam que fosse lembrado. Naturalmente, muitas dessas histórias acabam passando despercebidas. O fato é que a praça fala por si própria. E, através dela, outras histórias de pessoas que passaram pelo poder público do município desejam perpetuar-se através do tempo.

Apesar de, no momento não ousar explanar uma análise e interpretação sobre o poder que a praça exerce na memória e, consequentemente, na política de gestão pública da cidade, assim como, na própria feira em si, destaco que estes pontos foram observados durante as vivências de campo, e, mesmo com a minha dificuldade teórica de entrelaçá-los a esta pesquisa, simplesmente não mencioná-los seria uma atitude um tanto conformista. Desta forma, para fomentar futuras discussões, deixo abaixo uma citação do sociólogo e historiador austríaco Michael Pollak (1992), que aborda algumas questões relacionadas à construção da memória de um povo, e como os governantes, a partir dela, podem acabar se organizando para beneficiar-se disto.

A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo. (POLLAK, 1992. p. 203, 204)

De tal forma, a feira, que semanalmente faz parte da praça, também é, e possivelmente será, símbolo de poder que poderá ser resgatado no futuro, em outros discursos de outros sujeitos. Neste ponto, deixo registrado minha preocupação em redigir um texto que tente captar a memória da feira através da fala dos sujeitos que fazem dela possível de acontecer durante todo o sábado, desde que foi aberta, os agricultores.

4.3.2 As mesas onde se comercializam os alimentos

Logo no primeiro dia de campo, nos primeiros momentos de observação, direcionei meu olhar às mesas de exposição dos produtos. As mesas, à primeira vista, me deram a impressão de que elas formavam um limite invisível entre agricultor e consumidor, onde feirante apresentava seu espaço (na parte de trás da mesa) e tinha o controle sobre esse espaço seguro para atender seus clientes, como se mesa e feirante fossem um só. Porém, com alguns minutos de observação essa impressão de parede invisível, do agricultor versus consumidor, em relação à mesa, se apresentou equivocado revelando outras relações. Assim, logo percebi que, ora o agricultor fazia o contorno na mesa, para tomar o lugar do consumidor e junto a ele ajudar a apresentar e escolher os produtos, ora um consumidor atravessava esse limite invisível e ficava posicionado no lugar outrora estabelecido como do feirante.

As mesas que antes me deram a impressão de que parecia um muro de proteção entre agricultor e consumidor, passaram a ter nesse segundo momento de observação uma fluidez, uma vez que percebi que os agricultores sempre que achavam que era necessário mudavam de lugar e atuavam no outro lado da mesa, para ter maior contato com o consumidor e mostrar mais de perto um produto ou conversar sobre algum outro assunto que ali surgia. O mesmo

aconteciam com alguns consumidores que estavam mais habituados a frequentar a feira, passando “para o outro lado da mesa” nos momentos que assim julgavam interessante para melhorar sua experiência de comprar na feira.

As mesas, apesar de estarem sob a responsabilidade de seus devidos agricultores, vez ou outra passavam pela tutela do agricultor da mesa do lado. Esses momentos acontecem sempre em que é necessário abandonar a mesa para realizar alguma atividade rápida nas redondezas, seja ir até o carro, seja para ir a alguma loja e pagar uma conta. Nesses momentos em que a mesa estava sob responsabilidade do agricultor da mesa vizinha, este se responsabilizava por ajudar na venda, caso alguém aparecesse. Logicamente, esses momentos só acontecem nos horários em que a feira está menos agitada, pelas últimas horas da manhã. As mesas me parecem agora menos estáticas e mais fluidas. O senso do coletivo parece prevalecer na ajuda mútua entre as famílias que ali trabalham juntas.

4.3.3 O processo democrático do dia-a-dia

A democracia na feira ocorre como um processo em construção contínua, sempre se renovando e autoafirmando. Neste processo de democratização o grande problematizador é o cotidiano. Um bom exemplo para ilustrar isso apareceu em uma das conversas informais realizadas durante o processo de observação. A história me foi contada como sendo um caso hipotético dentro da feira, porém é possível que alguns pontos do caso tenham ocorrido realmente. O importante aqui, portanto trata a natureza do exemplo de linha de raciocínio exposto pelo agricultor. A seguir tenta-se retratar a história da maneira que me foi contada:

A feira já tinha algumas normas quando um dos feirantes realizou a sua inserção na feira. Assim, quando dispôs seus produtos na sua mesa pela primeira vez, com o intuito de iniciar suas vendas e cativar clientes este feirante começou a anunciar que na banca dele, seu produto era "mais docinho". Esse tipo de anúncio gerou um pouco de desconforto naquele momento. (reconstrução da organização da história ouvida com as palavras do autor)

É claro que, se formos analisar pelo ângulo de quem já está a mais tempo na feira, isso parece um ultraje, uma vez que todos ali também vendem alimentos orgânicos, e, teoricamente, todos os produtos teriam esse atrativo do "mais docinho", sendo que seu anúncio poderia significar que ela estaria tentando concorrer mostrando uma superioridade do seu produto frente ao dos outros feirantes. Esta modalidade de anúncio é comum em outros

moldes de comércio que tem por base a competição. Porém, se formos analisar do lado do novo feirante, este "ultraje" talvez não tenha acontecido de forma intencional, uma vez que as lógicas de comercialização da feira são diferentes das lógicas de comercialização de um tipo convencional de varejo de alimentos com livre concorrência, portanto, o ato de anunciar que o produto era "mais docinho" não significava o mesmo para os dois feirantes, enquanto feirantes estabelecidos estavam inseridos em uma lógica cooperativa, o feirante novo precisava se adequar a nova realidade, já que ele só conhecia a lógica competitiva. Um segundo ponto, que é possível que tenha acontecido, reside no fato de que o produto que era apresentado com esta característica poderia ser o único naquele espaço e naquela manhã de feira, uma vez que é comum que isso aconteça, devido a diversidade de fatores que podem ocorrer durante a produção.

A resolução aconteceu ao final da manhã de feira, quando ambos os envolvidos, feirantes estabelecidos e feirante novo, discutiram a situação, mostrando ao novo feirante, o porquê de sua atitude de marketing não condizer com as normas construídas no espaço da feira. Após isso, o novo feirante possuiu a possibilidade de ressignificar seu gesto e aprender como funciona o senso de equidade na feira. Aqui ninguém precisa dizer que o produto é "mais docinho" que o do colega. (reconstrução da organização da história ouvida com as palavras do autor)

Observou-se que esse tipo de ressignificação é um ato contínuo no espaço, uma vez que sempre se tem algo a aprender no coletivo. Moacir Gadocci (2009) comenta sobre esse processo pedagógico que acontece em ambientes que trabalham seguindo os princípios da economia solidária, sendo que para ele não se concebe uma economia solidária sem uma cultura solidária. Assim, através de relações de reciprocidade, de respeito e de entendimento aos traços culturais próprios de cada indivíduo, a cultura solidária se apresenta com o desafio de combinar essas diversidades.

Neste caso, pode-se ver como algumas diretrizes da economia solidária se estabelecem entre os feirantes, onde há o surgimento do problema, seguido por sua discussão e análise, desfechando em uma resolução construída entre seus pares. Isso tudo, para que, ao final de cada sábado de feira, nenhum feirante saia prejudicado por causa de um outro feirante, mostrando na prática o significado da palavra cooperação. Aprende-se a cooperar no coletivo.

4.3.4 As “contradições” em meio a discursos

As contradições dos discursos são fatos que ocorrem em meio ao cotidiano. Porém, isso não deve ser levado sob um ponto de vista negativo, que tenta quebrar tudo o que foi construído ao longo processo, bem pelo contrário, isso deve ser encarado como parte do processo. Mais importante do que condenar “contradições”, faz-se necessário percebê-las e contextualizá-las, torná-las visíveis para problematizá-las, e só então, após o diálogo decidir o que deve ser feito.

O próprio uso do plástico junto ao processo de venda dos alimentos é um exemplo que pode dar vida ao que foi dito sobre contradições. Ora, uma vez a feira de orgânicos estabelecida, o senso comum facilmente levaria a pensar que o ideal seria apenas o uso de sacolas de tecido (“retornáveis”), ou sacolas de papel (fornecidas pelos feirantes). Porém, se nem todos levam a sua própria sacola para carregar alimentos, os feirantes precisam fornecer um meio para que os consumidores transportem o alimento. Considerando que a feira acontece ao ar livre, praticamente exposta às intempéries do meio ambiente, uma sacola de papel além de tornar o custo do produto mais caro também não seria a ideal em situações de chuva, pelo risco de molhá-las e, por consequência inutilizá-las.

Outro exemplo, ainda com relação ao plástico, está no seu uso em embalagens de alguns alimentos. A própria acelga (*Beta vulgaris*), recebe tratamento especial em relação ao seu pós-colheita na propriedade da Dona Betânia. Segundo ela, a embalagem de plástico que é envolvida no vegetal serve para conservar o seu sabor e tempo de prateleira, uma vez a acelga é mais saborosa enquanto fresca. Além disso, observam ela e seu filho, que os clientes gostam de ver o produto com uma melhor apresentação. O morango (*Fragaria* × *ananassa*) também possui uma embalagem própria e específica, pois é muito sensível, o que faz da sua comercialização *in natura* sem a presença de embalagem adequada praticamente impossível.

Porém, o que é importante de ser enfatizado, é o fato dos agricultores conhecerem as suas limitações e estarem constantemente as problematizando. Assim, as decisões acabam sendo tomadas de acordo com a realidade encontrada em cada momento, nunca definitivas, e sempre abertas a novas problematizações. Estas, por consequências, acabam ocorrendo naturalmente no espaço da feira, seja com a conversa entre os agricultores, seja com a conversa entre agricultores e consumidores. A motivação e a busca por melhorar o espaço da feira é algo constante, sendo que o exercício da autoconsciência é algo comum naquele espaço, de modo que as pessoas que ali trabalham conhecem as suas possibilidades e limitações.

4.3.5 Formação de preço

Pensar sobre qual o preço que será comercializado o alimento no momento da feira é praticamente um exercício importante no cotidiano das agricultoras e agricultores. Várias são as influências externas consultadas até que um preço seja decidido. Carla tenta explicar que até tenta-se parecer com os preços dos supermercados convencionais, mas nem sempre é possível:

***Carla** - Porque assim ó, o nosso preço, por exemplo, não dá pra dizer que ele é mais caro, [ou que] ele é o mesmo preço do mercado, a gente [até] procura manter os preços do mercado.[...] O problema é quando o mercado lança promoção. E daí, "ah,, 50 centavos, não sei quanto". Daí, se eles (os clientes) chegam lá: "Pô, mas tá tanto no mercado". Mas daí o que acontece, é quando tá quase estragado o produtos, aí eles tem que lançar a promoção, pra passar rápido né.*

Daniel tenta explicar com detalhes como ocorre a conta mental para se chegar ao preço dos alimentos, comparando com a flutuação de preços nas cadeias longas de comercialização e os produtos por ela vendidos:

***Daniel** - Acompanha mais ou menos como é que tá no mercado. Algumas coisas são parecidas os preços, outras coisas nós vendemos mais caro um pouco. Porque tem uma coisa que tu tem que valorizar, o trabalho. Por exemplo, tem épocas que a cenoura e a beterraba tão menos de um real [no mercado]. Não tem com vender a esse preço, não sai o custo, né. Então tu procura ver o trabalho que dá, valorizar o trabalho que dá, pra ganhar um pouco, né. [...] Por exemplo, a vagem tá quase o mesmo preço do mercado. Eles vendem em torno de dez reais o quilo. E tem mercado por aí que vende até por mais. Então... Varia. Esse tomate [mostrando o Tomate Coração na mão] não dá pra se basear porque no mercado não existe, né. Então o [Tomate] Longa Vida é dois e pouco, dois e trinta tava ontem na rede. Só que não dá pra comparar os [Tomate] Longa Vida com esse, né. Pra ter ideia que eles não conseguem produzir esse aqui porque eles tem que fazer em grande escala, transportar, e esse [tomate] é muito sensível pra fazer isso.*

Assim, o lucro toma um significado muito mais próximo à remuneração por trabalho realizado do que o significado de lucro por mais valia:

***Daniel** - Eu quando eu falo, eu falo por mim, também, né. Eu acho que o orgânico deixa mais lucro que o convencional. O que demora mais é tu ter a tua estrutura, tu te localizar, tu adubar tua terra, tu corrigir, como praticamente, tu vai plantar a mesma coisa, só vai te dar, claro, um pouco de serviço braçal.*

4.3.6 Desafios cotidianos

Ao perceber que os feirantes destacaram em suas falas, durante a entrevista, de alguns desafios que precisam ser tratados, escolheu-se mostrá-los exatamente do formato em que eles descreveram em suas entrevistas.

Assim, Carla comenta do cuidado que tem e das suas preocupações em relação à apresentação do seu produto. Ao relatar que deseja transparecer a qualidade do seu produto já no primeiro momento, na primeira imagem que o consumidor terá quando chegar à feira, acaba refletindo sobre a própria aparência de suas próprias mãos, se perguntando se todos que por ali passarem vão entender as marcas que o trabalho com a terra deixou marcado na sua pele:

***Carla** - Pois é algo que eu estava até conversando com a Ana, por exemplo, a unha da gente vai ficando, a mão vai ficando, marcada. E o outro dia a gente vai tá lá na feira vendendo, né. Quem olha de repente pra mão, vai pensar: "Bah... Mas que coisa né". E isso a gente já teve conversando. Então às vezes a gente fica sem graça, né. De oferecer um produto, manusear um produto e a mão da gente parece encardida, que fica encardida mesmo.*

Claro, por um lado mostra: "Pô, trabalhou realmente". Mas por outro lado, por exemplo, dá um aspecto ruim, assim né. Então a gente já esteve conversando nesse sentido até de ... Só que não é fácil, a gente recebe o dinheiro, né. Leva a mercadoria, mão na mercadoria, como é que tu vai fazer? Teria que ter uma pessoa só pra mexer no dinheiro, outra pessoa só pra mexer ali com a mercadoria. Então geralmente eu procuro deixar até que a pessoa ela mesma escolha, né. Escolha e faça o uso da sacolinha, coloque na sacolinha. Porque se fosse no mercado seria assim.

Outro ponto a destacar é a necessidade de fazer com que as pessoas entendam a importância que tem o seu trabalho de produzir alimentos orgânicos. Carla sente em si, uma responsabilidade de abordar sobre algo que vivencia no dia a dia junto aos seus educandos, em sala de aula. Assim, quando perguntada, se o fato de ser agricultora influencia na sala de aula também, prontamente Carla responde:

Ah, vai. Principalmente quando a gente vai falar da agricultura, porque é um dos temas da Geografia, né. Aí, automaticamente entra a questão dos transgênicos, ali mesmo tu fala dos transgênicos, tu já fala do orgânico. E aí tu já começa a contrapor um com o outro.

Já Betânia, comenta que sempre que tem a oportunidade de falar em público ela tentar expressar aquilo que ela acha que merece atenção:

E é o que faz a diferença pra gente, né. É que nem, nessa reunião que eu fui lá. A maioria dos produtores pensa, mas tem medo de falar. E eu acho que assim ó. Num país que nós vivemos, medo de falar, não pode nem existir essa possibilidade. Tu tem que expressar, tu tem que falar, tu tem que dizer o que tu pensa, não é só deixar as pessoas que, os governantes falar, eles não tem toda a razão, entendeu. E às vezes nem a compreensão do teu problema se tu não falar pra ele, né? Então é esse o diferente. E aí como eu falo demais até pelos cotovelos, né.

Assim, através dos desafios vivenciados, a feira de produtos orgânicos se torna importante por diferentes significados, como diz Daniel:

Daniel - *A importância da feira, eu penso assim, como ponto de vista, ela é um ponto de referência pra se divulgar os orgânicos, como se está sendo produzido, o boca a boca, né, estar conversando, estar divulgando, como é a produção orgânica. Aí as pessoas vão se interessando em aprender e em voltar a consumir. Se não tem uma feira assim, só botar no rádio, e coisa e assim, o pessoal não vai se importar muito. E a feira tu tá boca a boca conversando, divulgando. E um vai passando pro outro, né.*

O espaço público em que a feira está localizada também é um ponto alto a ser destacado. Por estar situada na praça central, aqueles que não conheceram a feira através da rádio, ou jornais, acabaram conhecendo a feira por ela se apresentar na trajetória do cotidiano das pessoas, que acabaram se tornando consumidores casuais, ou, até mesmo, consumidores fiéis. Daniel relata isso em:

Sim. Se junta gente ali, às vezes passa ali, enxerga, vê ali e lembra. "Bah, mas eu tô sem tal coisa. Vou aproveitar que tô aqui e vou levar". E ali tem muitos que vão se acostumando e vão voltando pra lá.

Assim, os desafios impostos pelo cotidiano, também se apresentam como histórias de aprendizado constante:

Antônio - É. É aquela velha história, antigamente, quando, principalmente quando eu trabalhava no curtume, botavam o cara num treinamento lá, às quatro horas, uma tarde inteira no treinamento. E de vez em quando o cara vai lá e [faz barulho de quem pega no sono sentado numa cadeira e ronca sem se dar conta]. Daí eu disse: "Bah, mas isso não vai dar certo. Não vai dar certo eu começar desse jeito. Tem que botar alguma coisa na cabeça". Dai comecei a pensar o seguinte, se eu vou pra um treinamento, por mais que seja um arigó que vai apresentar ali, mas uma palavra que eu tirar de útil ali, vai me servir. Daí eu comecei a trabalhar com essa ideia. E assim eu tenho feito no mundo, digamos, na vida. Se eu ver uma pessoa ali, conversando, se eu tiver tempo pra escutar, alguma coisa que ela falar, que vai me ser útil. Então, tu vai trabalhar, e ali, tu tá vendendo, tu tá aprendendo, conversando com as pessoas, tu tá conversando com as pessoas tu tá aprendendo, tu vai, digamos, numa feira visitar, tu olha tudo ali, pergunta alguma coisa, pergunta alguma coisa pra ti aprender. Então isso aí... Bah! É uma coisa que aos poucos a gente vai pegando. Quando tu encontra alguém que trabalhou naquela área ali, tu indaga, tu conversa.

4.4 O COTIDIANO DEPOIS DA FEIRA, NA VIDA

Com este capítulo, ao passar por várias etapas do processo de construção da feira no cotidiano de cada família, ficou quase impossível não fazer uma relação da feira com a vida dos agricultores, uma vez que eles estão na feira e a feira está neles. É no momento do trabalho que as pessoas acabam criando várias particularidades do próprio ser, mesmo que nem todos esses momentos sejam considerados momentos de trabalho²⁸.

Assim, o que se propõe a pensar é que as condições de trabalho que os agricultores escolheram os tem possibilitado criar saberes necessários à sua realidade. Deste modo, se considerarmos a feira pesquisada como um caso de sucesso, onde acredito que seja, talvez o que a Extensão Rural deva levar de lição, no momento, esteja exatamente este ponto, que gera o seguinte questionamento: “Como as ações extensionistas possibilitam a valorização de saberes construídos para as realidades vividas em cada experiência de vida dos agricultores?”.

²⁸ Outras discussões podem ser melhor aprofundadas relacionando estes momentos de criação ao dialogar com o livro “A condição humana” de Hannah Arendt (1995). Nesse trabalho, Hannah Arendt, aborda o conceito de trabalho de forma mais ampla, através dos conceitos de trabalho, labor e ação.

5. ENTRE PROSAS, ALIMENTO E RECIPROCIDADE

Trecho de “PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES”

(Geraldo Vandré)

[...]

Pelos campos há fome

Em grandes plantações

Pelas ruas marchando

Indecisos cordões

Ainda fazem da flor

Seu mais forte refrão

E acreditam nas flores

Vencendo o canhão

Vem, vamos embora

Que esperar não é saber

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer

Vem, vamos embora

Que esperar não é saber

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer

[...]

Palavras-chave: confiança, consumo, reciprocidade

Ao observar como os agricultores e consumidores realizam suas relações de reciprocidade e consumo no contexto da Feira de Orgânicos de Santiago torna-se possível compreender a construção dos mercados de confiança, abordar o consumo sob diversas óticas e encontrar o momento em que o mesmo gera uma lógica econômica de reciprocidade. Por fim, o capítulo busca mostrar esse elo construído entre agricultores (produtores) e consumidores em espaços como o da Feira de Orgânicos de Santiago.

5.1 AS RELAÇÕES DE CONSUMO: PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES

O debate do consumo naturalmente apresenta um contexto teórico-prático em que ele está inserido. Uma vez que o consumo estabelece e modifica as próprias lógicas ele acaba estabelecendo e modificando as lógicas das economias em que está inserido. Dessa forma, ao perceber que o consumo move uma economia que não se baseia apenas na lógica mercantil, seria ingenuidade pensar que a economia em que ele está inserido é uma economia que está inserida numa lógica econômica meramente mercantil.

Obviamente existe a lógica da troca mercantil monetária, o que o faz estar também inserido na lógica capitalista. Este não é o equívoco. O equívoco está em pensar que esta é a única lógica inserida no contexto a ponto de invisibilizar todas as outras lógicas e economias que estão, ali, acontecendo. De certo ponto, novamente o invisível foi invisibilizado pelo que se está visível.

O debate que construído ao redor da temática da sustentabilidade tem notória efervescência com a percepção da crise ambiental criada a partir da Revolução Industrial. Com isso, a década de 60 no século XX foi marcada por movimentos contraculturais e a divulgação de pesquisas científicas que questionaram a crença da supremacia do homem sobre a natureza, vendo elas como um recurso a ser explorado infinitamente, em prol do progresso tecnológico, baseado na racionalidade econômica e forjado na ciência clássica (LEFF, 2010).

É interessante notar que apesar da crítica, muito do que o pensamento moderno trouxe, traz à tona algumas reflexões. Ao olhar para trás, analisar o que foi construído, os vários pensamentos científicos influenciados por determinadas correntes filosóficas, fizeram com que a filosofia da modernidade proporcionasse, a partir do Iluminismo, toda a coerência e racionalidade necessária para a superação do pensamento religioso dominante até o fim da Idade Média (LEFF, 2010; SANTOS, 2002; BAUMANN, 2008).

Porém, sem o diálogo necessário, e a necessidade de negar fortemente tudo aquilo que não era científico, a ciência se desenvolveu em um extremo oposto, a então “era das luzes”²⁹, ofuscou tanto a humanidade, a ponto de negar conhecimentos tradicionais, simplesmente pelo

²⁹ O Iluminismo é considerado um “Movimento intelectual burguês que valoriza ‘o saber’ do homem (que se diz iluminado por esse saber e por ele será libertado das trevas da ignorância - saber para as minorias que dirigirão o processo). Vêm combater o absolutismo apoiados nos princípios burgueses que serão incorporados pela massa (igualdade - perante a lei, porém não é lei igual para todos, igualdade de impostos, pra nobres pagarem também, liberdade econômica, de expressão, de culto...)” (DOS SANTOS, 2006, p.30).

fato de não haver os instrumentos necessários para que eles fossem medidos através do cálculo racional.

No atual momento da evolução da ciência, até que ponto se pode aceitar trabalhá-la de uma forma que anula e massacra saberes antes mesmo de ter a certeza de que tais não são válidos? Aceitar tal fato enquanto ciência implica em aceitar massacrar saberes e culturas locais. (SANTOS, 2002)

Uma vez que várias práticas, tidas na Idade Média como “bruxaria” (PINHEIRO, 2014), ou simplesmente renomeadas na Idade Moderna para “isso não é científico”, hoje se comprovam científicas, podemos nos questionar quantas outras “bruxarias” estamos ateando fogo a todo o momento, simplesmente pelo fato de não as conhecermos, ou querermos conhecer. (PINHEIRO, 2014).

Por outro lado, mesmo acreditando que se deve superar os paradigmas da modernidade, Leff (2010) fala que a humanidade ainda se encontra numa sociedade que é fortemente ligada aos ideais dos pensamentos da modernidade, mas que tal modelo pode ser superado, sem perder a essência humana coletiva. Leff (2014) também encaminha sua fala no sentido de que para isso, se faz necessário direcionar os olhos em busca de um futuro transformador, onde as pessoas, ao perceberem esta situação, possam, por si próprias, mas de forma coletiva, enxergar os problemas atuais do mundo e saná-los. Ao discutir o paradoxo da questão ambiental, Leff (2010) lembra que a economia a muito tempo tem tentado entender este problema, porém, sem primeiro entender suas falhas de pensamento, ligadas às falhas do pensamento moderno.

Com isso, Leff (2010; 2014) encaminha a pensar que, para poder resolver o “problema ecológico”, deve-se repensar como chegar até o problema, para que não seja preciso resolver os problemas do ambiente pelo viés da economia clássica, focada em uma dimensão meramente econômica monetária. Desta forma, ao invés de pensar em uma economia local de monetização, faz-se necessário, pensar em uma economia local ecológica, ou seja, que pense no problema em várias dimensões distintas.

De fato, a sociedade está mudada, e toda a tecnologia que a modernidade trouxe possibilitou isso. Cientistas sociais como Baumann (2008) falam que a humanidade vive ou se encaminha para viver em uma sociedade líquida, onde as relações ocorrem de forma superficial, de acordo com as necessidades individuais, onde se perde todo o senso de coletividade se voltando para um projeto de consumo, onde o objetivo da vida se apresenta em consumir cada vez mais. Nesse aspecto de visão, somente o consumo ininterrupto e eterno poderia saciar os anseios pessoais. O consumo, portanto, por ser uma demanda infinita,

transformaria a humanidade em mercadoria. É espantoso pensar que Baumann (2008) pode estar certo em vários aspectos. Mas será que a sociedade chegou a tal ponto ou ele apenas alertou isso tipificando uma possível realidade em que a humanidade estaria muito próxima?

Levando em conta que a sustentabilidade necessita ser pensada em todas as suas dimensões, conjuntamente, seria ingênuo pensar que ações isoladas nos levariam a uma sociedade sustentável. No entanto, o foco não está em desmerecer as pequenas ações que acontecem na prática, todos os dias. O foco está em elevar estas ações a outro patamar de visibilidade, e discuti-las como ações conjuntas, embora separadas fisicamente.

Assim, o consumo, aqui será entendido como um elemento inerente à nossa cultura. Segundo Gueertz (2008), a cultura pode ser entendida como uma teia de significados tecida ao longo da vida, ou seja, o consumo será aqui abordado como um conceito semiótico. Outro ponto importante deste conceito está na consideração que Gueertz realiza em relação ao estado da cultura através dos tempos, onde ele diz, “a cultura não é, a cultura está”, esta proposição é fundamental para entender que a cultura não é imutável, e pode mudar conforme se resignificam conceitos ao longo da vida.

Segundo Baumann (2008), existem diferenças entre consumo e consumismo. O consumo é uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos. O consumismo é um atributo da sociedade que, ao mesmo tempo, estabelece parâmetros específicos para as estratégias individuais de vida e manipula as probabilidades de escolha e condutas individuais.

Ou seja, o ser humano irá consumir e ocupar um lugar ao realizar o ato do consumo, podendo ou não reforçar o atributo do consumismo dentro da sociedade em que vive. Caso o ato de consumo reforce o consumismo enquanto atributo da sociedade, aos poucos, as somas dos atos individuais de consumo irão anular as individualidades dos seres humanos e, por consequência, transformá-los em mercadoria para outrem. Assim, Baumann (2012) caracteriza o consumismo enquanto cultura consumista.

Dentro desta linha de pensamento, ao idealizar³⁰ uma Sociedade de Consumo, Baumann (2008) se utilizou de uma análise em que a sociedade caminhou em direção a atos de consumo que reforçassem a cultura consumista. Em sua explanação, o consumo passou a ser um ato solitário. Deste tipo de ato de consumo não emergem vínculos duradouros. O consumo une apenas temporariamente, até que o objetivo seja cumprido, depois disso deixa de unir na busca por outros objetivos.

³⁰ Para isso, Baumann (2008) utilizou a metodologia de Tipos Ideais do sociólogo Max Weber.

Baumann (2002) abordou um conceito de consumismo que traz consigo um sinal de alerta. Uma vez sendo caracterizado como algo extremamente individual, e que dele não emergem vínculos duradouros, quem garante que um indivíduo consumidor não corre o risco de também ser consumido por outros consumidores dentro dessa sociedade?

No entanto, Baumann (2002) deve ser analisado conforme sua posição de fala. Ele é importante ao realizarmos um alerta, porém sua teoria não deve ser encarada como fato único e irrevogável. O consumo por ele explanado não é o único tipo de consumo existente, apesar disto, sabe-se que o consumo que ele aponta é um modelo de consumo fabricado dentro de um processo hegemônico, que visa satisfazer o lucro.

Esse risco apontado ao analisar a teoria de Baumann, traz à tona a teoria de Ulrich Beck (2010), em que o nível de exploração e consumo de recursos naturais que caracterizam o sistema capitalista dão lugar a um novo tipo de configuração, a Sociedade de Risco.

A noção de risco trazida por Beck (2010) tem em seu contraponto o conceito de reflexividade, sendo a noção de risco trazida como uma crítica às ações da sociedade e a reflexividade estando muito ligada à autocrítica e modificação dessas ações identificadas. Portanto, ao entender que a sociedade chegou a um estágio onde não se consegue prever e controlar o risco de ações, Beck (2010) denominou este estágio de Sociedade de Risco (crítica).

Assim, a partir da compreensão de que se vive em uma Sociedade de Risco, se torna necessário apresentar uma proposta de mudança, que seria a Sociedade Reflexiva (autocrítica). Porém para que uma sociedade chegue à autocrítica, ela deve passar da crítica à autocrítica. Caso a sociedade chegue a este nível de reflexão, chegaríamos então nesta Sociedade Reflexiva (BECK, 2010).

A partir do observado pelo autor é possível se arriscar a afirmar que as práticas de consumo e reciprocidade que ocorrem na Feira de Orgânicos de Santiago variam de acordo com o grau de reflexividade dos consumidores. Quanto maior a reflexividade em relação ao risco de consumir alimentos produzidos com a utilização de agrotóxicos, maior será a probabilidade do consumidor se tornar um cliente fiel à feira. Assim, se um indivíduo consumidor da feira de Orgânicos de Santiago, apresentar em esta reflexividade em relação à sua alimentação, podemos dizer que este é um consumidor consciente, e em consequência o seu próprio consumo.

5.2 A CONSTRUÇÃO DOS MERCADOS DE CONFIANÇA

Estar consciente da sociedade em que se vive é para poucos. No universo dos alimentos a crítica à sociedade consumista pode ser mais desoladora no momento em que se deparam quais são os meios hegemônicos de produção e consumo. Um ato de consumo consciente pode parecer pouco representativo no todo, quando analisado individualmente. Porém, um ato de consumo consciente pode representar muito, se analisado dentro de um espectro maior, uma vez que um ato dificilmente ocorre de forma isolada.

Para o ato de consumo acontecer, é necessário que uma série de outros fatores ocorra em conjunto. Ou seja, ao comprar alface na Feira de Orgânicos de Santiago, foi necessário que outros fatores acontecessem antes para aquele momento fosse possível. A combinação entre agricultores, assistentes técnicos, gestores públicos, jornalistas da imprensa local e consumidores foi primordial para a existência deste espaço que possibilita o ato de consumo acontecer.

Em contrapasso aos mercados de commodities, os mercados emergentes possuem em seu cerne a resistência de pessoas que em seu dia a dia trabalham sob lógicas não convencionais, próprias e adequadas ao seu contexto de vida. Trabalhar neste tipo de mercado exige uma dose extra de aprendizado diário, de tomada de consciência e conquista da confiança entre os seus envolvidos.

Ao analisar o comportamento das sociedades, não é difícil recair em previsões pessimistas, o que por si não é de todo ruim, uma vez que se podem aprender lições ao encarar distopias. Contudo, não se pode cair no risco de visualizar distopias como previsões verdadeiras, embora muitas já o sejam, elas devem nos servir de alerta para analisar em que ponto as ações individuais se encaminham para essas previsões que a sociedade não almeja alcançar. Uma vez admitida quando ocorre uma falha do ser humano, é sempre possível dar um passo atrás para tentar corrigir, após entender e admitir o erro.

A confiança, portando é um elo construído ao longo do tempo, que inicia frágil, mas se solidifica com o passar do tempo e número de experiências compartilhadas. Ser um trabalhador que escolhe trilhar o caminho da construção de confiança demanda o entendimento de que há um tempo para o elo ser criado, assim, para além da crítica, faz-se necessário discutir as possibilidades. As possibilidades, porém, são mais difíceis de enxergar, uma vez que muitas delas já foram trabalhadas para nos parecerem invisíveis (SANTOS,

2002). O trabalho de um comunicador³¹, portanto, está em tirar este véu e fazer enxergar as questões que foram trabalhadas para serem ausentes, Santos (2002) já alerta este ponto através da crítica à razão indolente em sua Sociologia das Ausências e Emergências.

Assim a experiência da Feira de Produtos Orgânicos de Santiago começou em outubro de 2013. Como qualquer experiência do tipo, começou frágil, mas com vontade de fazer algo novo e fugir da experiência convencional da realidade em que estava inserida. Experiências como esta dependem de muitos fatores para acontecerem e de mais fatores ainda para se manter ao longo do tempo.

Por questões legais, qualquer produtor de alimentos que queira afirmar que seu produto é orgânico, deve se submeter à processos de certificação descritos em lei, caso contrário estará cometendo um crime contra o consumidor³². Atualmente, o Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica é integrado pelos Sistemas Participativos de Garantia da Qualidade Orgânica e pela Certificação por Auditoria (BRASIL, 2007)

A Associação de Produtores de Santiago (APOS), ao buscar a certificação, optou pela certificação pelo sistema de Sistemas Participativos de Garantia da Qualidade Orgânica, sendo o Organismo de Avaliação de Conformidade Orgânica responsável por legalizar o certificado da APOS é a Rede de Agroecologia Eco Vida.

O conceito dos orgânicos surgiu na busca de um alimento saudável e livre de agrotóxicos. De maneira a encontrar um meio de garantia da qualidade do produto, em relação a esses critérios, institucionou-se o selo de orgânicos. O selo de orgânicos é importante pelo

³¹ Usa-se o termo comunicador como uma forma de abranger as várias áreas profissionais que podem ter em seu trabalho esta capacidade de realizar críticas e discutir possibilidades. Cito aqui, não apenas o exemplo de quem trabalha com áreas consolidadas dentro da academia como pesquisa, extensão e educação, mas também aquelas áreas profissionais que estão todos os dias trabalhando com educação em seu amplo espectro de entendimento (educação formal e informal).

³² Para efeitos de informação, a legislação que deve ser consultada para mais detalhes em relação aos orgânicos:

- Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003, que dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências;
- Decreto nº 6.323, de 27 de dezembro de 2007, que regulamenta a Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003, que dispõe sobre a agricultura orgânica, e dá outras providências;
- Instruções Normativas:
 - N° 19/09 (mecanismos de controle e formas de organização);
 - N° 18/09, alterada pela IN 24/11 (processamento);
 - N° 17/09 (extrativismo sustentável orgânico);
 - N° 50/09 (selo federal do SisOrg);
 - N° 46/11 (produção vegetal e animal);
 - N° 37/11 (cogumelos comestíveis);
 - N° 38/11 (sementes e mudas orgânicas);
 - N° 28/11 (produção de organismos aquáticos).

seu valor legal. O uso do termo “alimento orgânico”, implica em algumas atitudes obrigatórias a todos que tem o direito de usar esse rótulo.

Porém o selo de orgânicos é apenas um dos pontos que propicia que os agricultores construam a confiança com os seus clientes. A construção da confiança depende de vários fatores. Ações de instituições locais como prefeitura, agência de assistência técnica e extensão rural, mídias de comunicação, e, principalmente a comunicação “cara a cara”, são importantes para que a rede de confiança se estabeleça, permitindo que ocorram vínculos de consumo e reciprocidade.

Em outro trabalho, também analisado com um grupo de agricultores certificados pelo Sistema de Certificação Participativa na Rede de Agroecologia EcoVida, na região de São Lourenço do Oeste e Novo Horizonte (SC), Radomsky (2015), comenta que o respaldo coletivo deste tipo de processo de certificação geraria um sistema de reciprocidade. Isto porque no coletivo da associação todos acabam sendo responsáveis por todos, tendo em vista que se um dos membros do grupo não estiver dentro das normativas para ser considerado orgânico, o grupo todo será comprometido.

5.2.1 As instituições parceiras e suas ações

A partir das observações em campo e momentos de entrevista, consegui destacar aqui nesta seção, algumas instituições parceiras e suas ações que contribuem para a continuação do trabalho na feira.

5.2.1.1 A rádio

A emissora de rádio local ajudou muito em todo o desenvolvimento da feira. Desde o início do projeto, ela ajudou a divulgar o trabalho dos agricultores, dando voz para que eles próprios pudessem explicar o que é a produção orgânica aos ouvintes. Constantemente, enquanto a feira acontece, um dos jornalistas realiza entrevistas com os agricultores para um dos programas que acontece no mesmo horário da feira. Isso deu e continua dando muita visibilidade para a feira. Da mesma forma, as entrevistas com os agricultores fazem com que eles possam divulgar a feira para os potenciais consumidores que ainda não a conhecem.

É visível que essa relação entre rádio e associação acontece de maneira amistosa, uma vez que é sempre possível reconhecer na fala dos agricultores o sentimento de gratidão pelo incentivo recebido e pelas consequências desta relação positiva:

***Pesquisador** - O pessoal da rádio, eles tão sempre em volta ali?*

***Daniel** - Tão sempre ali dando uma força pra nós, divulgando o trabalho pra nós. Um dia, tava meio chovendo, né. Tava calmo o movimento, chovia. E daqui a um pouquinho chegou o Juliano lá, aí eu dei entrevista, dessa vez foi eu. Mas daí a um pouquinho começou a vir gente. "Ah! Como tava chovendo eu não sabia que vocês iriam vir, não sabiam que vocês iriam tar." Aí começaram: "Não!? Só se muito vento, muita chuva, pra não dar pra chegar. Se não o cara tá ali". Ai [se] a gente vai pra casa, se tá chovendo com a chuva calma, tu não viu semana passada?*

***Pesquisador** - Aham.*

***Daniel** - Olha o movimento que deu, chovendo e tal. Então o pessoal sabe que se tá meio ruim o tempo, nós vamos igual, né.*

Durante o trabalho de campo, foram várias as vezes em que o jornalista da rádio apareceu na feira para pedir alguns minutos de entrevista com um dos agricultores, ou com o próprio pesquisador. Segundo, o repórter, ao ser perguntado do porquê de estar sempre presente na feira, ele respondeu que é o compromisso que a rádio tem de valorizar os trabalhadores locais, dando voz, para que possam seguir prosperando. Na visão dos agricultores o trabalho que a rádio faz é um ótimo meio de divulgação e de lembrete aos clientes de que a feira está acontecendo.

***Betânia** - A Rádio que procura. Às vezes a gente vai lá, no programa que tem um pouquinho antes "Olho Vivo", né. Aí ele vai lá, faz entrevistas e passa ao vivo ali, né. E aquilo ali pra nós é ótimo. Primeiro porque faz propaganda, depois é o seguinte, né. A clientela ouve, e, depois, "Bah, hoje tem feira." Pode ver, toda a vez que vai a rádio lá aumenta um pouquinho o nosso movimento. Porque ele faz a propaganda pra nós lá.*

5.2.1.2 A prefeitura

O próprio espaço da feira foi conquistado graças ao incentivo e estímulo dos gestores públicos locais, e, ao saber disto, os agricultores sentem que isso tem um peso de responsabilidade para manter o espaço funcionando. Esse senso de responsabilidade serve

como uma contrapartida ao que foi recebido, de certa forma a teoria da reciprocidade explica isso através da reciprocidade ternária:

As estruturas ternárias implicam pelo menos três partes. A reciprocidade ternária pode ser unilateral – por exemplo, a dádiva entre gerações (relações de pais para filhos) é associada com o sentido de responsabilidade; ou ela pode ser bilateral e gerar sentimento de justiça. [...] Na estrutura ternária o face a face está quebrado. [...] No caso da estrutura ternária centralizada, as prestações e as decisões são distribuídas pelo centro de redistribuição que se torna a autoridade suprema (o chefe, o patriarca, o rei, poder religioso, o Estado). (SABOURIN, 2011, p. 55).

Assim, a Associação recebeu um benefício da Gestão Pública Municipal, e agora, de certa forma, a Associação tem um dever de gerar um benefício à Sociedade, este benefício é a garantia de que a feira será mantida à população, possibilitando a existência de um espaço que comercialize produtos orgânicos. Isso pode ser ilustrado na fala da agricultora:

Carla - Exato. É tipo assim ó, tu conquistou aquele espaço, que o município ajudou, a prefeitura ajudou a construir aquele espaço. E eu acho tão ruim assim ó, quando uma coisa começa e acaba, né. E o pessoal desiste. Falando assim, até em termos de escola, mesmo né. Vem um diretor, faz um projeto legal, muda diretor, acaba o projeto, né... Então, pra quê? Não falando de prefeito, não é em nome do prefeito que a gente tá fazendo, mas que a gente conquistou aquele espaço. Nós que temos um aval, ali né, uma seriedade toda ali, a própria questão do certificado, então a gente não pode desprezar. Eu acho que a gente tem que valorizar, isso aí também, né. Nesse sentido. Então, tu vai criando uma amizade entre os clientes, né, e tu planta pensando neles mesmo, né. Sabe, vai chegando nesse nível.

5.2.1.3 A Emater

Devido ao processo de certificação participativa, o grupo realiza bimensalmente reuniões nas casas dos associados. Essas reuniões ocorrem no sábado à tarde e servem tanto para o planejamento das atividades necessárias para a associação, quanto para as vistorias das propriedades. Em cada reunião, em torno de dois a três associados são visitados. Para auxiliar no processo, o técnico da Emater sempre esteve presente.

Daniel - Mas é aquela coisa, o cara gosta das coisas e vai a fundo, né. Então ele é um parceiro, digamos assim. (se referindo ao técnico da Emater que também vai a todas as reuniões/vistoria da APOS)

Daniel inclusive brinca que se o técnico da Emater não tivesse o seu emprego fixo, ele iria se tornar um dos produtores associados da APOS.

Daniel - Isso, ele acompanha nós. Como se diz assim, ele só não é orgânico, só não desenvolveu produção [orgânica], não se associou, inventou alguma coisa, porque ele é funcionário da Emater. Se não ele ia arrumar uma área e ia. Porque ele gosta, né.

O fato destacado na fala de Daniel demonstra como ocorrem as relações entre técnico e agricultor neste caso. Ao invés do técnico parecer que está em um nível superior, como é o que acontece em casos que a assistência técnica possui em seu cerne, um modelo difusionista de ação, técnico da Emater e os agricultores associados da APOS, desenvolveram entre si uma relação de paridade, onde ambos aprendem e ambos se beneficiam. Aqui se frisa a importância do técnico tanto nas recomendações técnico-agronômicas, quanto nas mediações relacionais.

5.2.1.4 Prefeitura e Emater trabalhando juntas em prol da feira

A Prefeitura Municipal e a Emater foram essenciais no início da feira para a construção da confiança, conforme um dos agricultores, a simples presença e disponibilidade dessas instituições estarem representadas no espaço durante a execução da feira para conversarem com os consumidores, passava a credibilidade necessária para que o grupo viesse a se consolidar com o passar do tempo.

Antônio - O Secretário da Agricultura e o Técnico da Emater vinham ali depois umas horinhas, pra explicar, daí eles ficavam um bom tempo com nós. E aí isso serviu pra nos dar credibilidade, mostrar que era um trabalho sério. Tinha gente encarregada que botava as barbas de molho³³. E isso aí, ajudou bastante.

³³ Segundo artigo jornalístico a expressão pôr as barbas de molho, surgiu “na Antiguidade e na Idade Média, a barba era um símbolo de honra e poder. Quando a barba de um indivíduo era cortada por outro, isso representava uma grande humilhação. Essa ideia chegou aos dias de hoje na expressão ‘deixar as barbas de molho’, que significa ficar de sobreaviso, prevenir-se. Como a barba era tão importante na altura, colocá-las de molho seria então uma forma de proteger a própria honra. Existe um provérbio espanhol que diz ‘quando você vir as barbas de seu vizinho pegar fogo, ponha as suas de molho’, indicando que todos devemos aprender com as experiências dos outros. Este provérbio aponta para uma segunda teoria que explica a origem da expressão ‘deixar as barbas de molho’. De acordo com alguns estudiosos, esta expressão derivou da altura da pobreza do Brasil antigo em que as casas rurais eram juntas e cobertas com um tipo de capim chamado ‘bargas’, muito parecido com o sapê.

Uma vez que o processo de certificação aconteceu somente em junho de 2015, em torno de um ano e oito meses após a abertura da feira, a primeira confiança a respeito da qualidade do produto, se deu na construção das relações. Ao “pôr as barbas de molho” antes do certificado de orgânicos ser concedido à associação, tanto Prefeitura, quanto Emater, foram importantes nesse primeiro processo de construção de confiança entre agricultores e consumidores. O estar junto na feira nestes momentos foi o primeiro certificado de confiança que os agricultores conquistaram.

Atualmente, a feira já tem um número de consumidores que são fiéis ao ponto de estarem todo o sábado praticamente no mesmo horário realizando suas compras, mas é inegável que o processo de construção de confiança com novos consumidores é um processo constante, uma vez que é notável que sempre há pessoas novas descobrindo a feira.

5.2.2 Os consumidores e seu papel na confiança

O elo criado entre agricultores e consumidores é algo que se forma ao longo do tempo. Uma vez adquirida a confiança na qualidade do produto, o consumidor que está a mais tempo comprando na feira, torna-se um disseminador e parceiro dos agricultores. Pois uma vez se tornando cliente, não é incomum que outras pessoas ligadas à este cliente também passem a conhecer a feira, numa relação de causa e consequência formada em rede. Por isso não é de se estranhar quando um agricultor fala que a feira é o principal ponto de divulgação dos orgânicos em Santiago, uma vez que a forma que essa divulgação acontece como num efeito bola de neve, onde depois de certo ponto perde-se o controle do que é divulgado e o único trabalho que pode ser feito é o de deixar que a informação saia o mais correta possível.

Consumidores mais antigos também colaboram para que a feira aconteça, tanto pela continuidade de seus hábitos de consumo, quando pelo seu papel de multiplicadores das ideias da feira. Isso acontece nessa relação de boca-a-boca, no cotidiano da comunidade local.

Dentro dessas casas havia fogões de lenha e deles muitas vezes saltavam fagulhas pelas chaminés. Por vezes essas fagulhas incendeavam o telhado da casa. Devido a esse fato, surgiu o hábito do vizinho da casa que estava em chamas molhar o seu próprio telhado, evitando assim que as chamas passassem para a sua casa. Então surgiu a expressão: ‘Coloque as bargas de molho que a casa do vizinho está ardendo!’ Com o passar do tempo a expressão se modificou e virou: ‘Coloque as barbas de molho porque a do vizinho está ardendo’.” (MURDOK, 2014)

Ao perceber isso, e, numa tentativa de incluir o consumidor no processo de certificação, um dos desafios que existem para a associação se encontra incentivar os seus consumidores a participarem das vistorias que acontecem a cada dois meses em reuniões do grupo. Assim, se torna possível aproximá-los da realidade e criar mais elos.

Carla - É, uma das coisas que a gente até coloca nas reuniões. É de começar a convidar as pessoas que vão na feira pra visitar as propriedades, né. Isso faz horas que a gente comenta, de repente organizar um ônibus. Pega na praça e trás nas propriedades, [para] aquele pessoal que costuma ir na feira. Pra conhecerem né. Daonde que vem o produto, acho que aí vai. Um vai passando pro outro daí né. Aí o pessoal vai [dizer]: "Ai não eu fui lá, realmente é legal, é bom".

Claro que este tipo de ação geraria um custo, o que dificulta que as coisas aconteçam em um ritmo mais rápido.

Em entrevista com os consumidores, quando perguntados sobre o porquê de vir à feira, os consumidores apresentaram respostas muito próximas e objetivas, todas relacionadas ao fato da feira ser de produtos orgânicos. Alguns pontos, dentro das falas que se associaram à característica da palavra *orgânico* nas respostas foram: “*sem agrotóxicos*”, “*rúcula tem gosto de rúcula, alface de alface*”, “*é mais saudável*”, “*certeza que são de qualidade*”.

Já quando perguntados sobre o porquê de comprar na feira, apesar das respostas coincidirem muito com a pergunta anterior, e, inclusive, algumas ganharam a mesma resposta, outras ganharam um tom mais reflexivo e subjetivo, dentre estas, alguns pontos que se apareceram foram: “*questão de saúde*”, “*posso confiar*”, “*questão cultural*”, “*alface novinha*”, “*peguei o hábito*”, “*eu não gosto dos produtos do mercado*”. Algumas destas respostas podem ser representadas na fala de um consumidor que disse:

“Devido a ser orgânico e eu confiar neles. E sei que eles têm certificação também, né. Então, por isso. Eu prefiro a feira do orgânico. Porque hoje em dia, no caminho que a gente está indo, devido ao uso descontrolado dos defensivos agrícolas, né. A gente procura cada vez mais coisas orgânicas, né. Porque a gente sabe que há um descontrole, não há um [controle], né. A pessoa usa como acha que deve usar, digamos os defensivos, né, os produtos. Então, como que a gente vai confiar num produto no mercado, não tem como confiar. Ou tu produz em casa, ou compra numa fonte, né, confiável. O que é o que eu procuro fazer.”

Assim, de forma a entender um pouco mais sobre o que significava uma alimentação saudável tanto anunciada durante os discursos dos consumidores, perguntou-se “o que é alimento para você?”. As respostas se apresentaram todas em relação à qualidade nutricional do alimento, como pode ser destacado nos pontos de fala: “*verduras, legumes, diversos... essa coisa toda, né?*”, “*alimento é o natural mesmo*”, “*aquilo que abastece o organismo para manter-nos ativos*”, “*alimento é um conjunto*”, “*que faz bem pra saúde*”.

5.3 O CONSUMO QUE GERA RECIPROCIDADE

5.3.1 Os Consumos

Mance (1999) caracteriza o consumo como uma exigência para a reprodução de cada ser vivo em particular, sendo que, de acordo com as suas peculiaridades, pode ser conceituado de diferentes formas, podendo normalmente assumir as formas de consumo alienante, consumo compulsório, consumo como mediação do bem viver, ou ainda, consumo solidário. As duas primeiras formas de consumo podem entrar em diálogo com o tipo de consumo descrito por Baumann (2008), e as duas últimas formas podem ser enxergadas como formas emergentes de consumo em uma sociedade sustentável.

Segundo Mance (1999) o **consumo alienante** é o tipo de consumo praticado sem reflexão do que se consome, é muito influenciado pela propaganda, campanhas de merchandisings e modismos. Carentes de um pensamento crítico a respeito do que consomem, os consumidores compram para satisfazer desejos e fantasias criados pela propaganda. Não é incomum comprar produtos mais caros que outros pelo simples status mágico criado pela propaganda.

Se no consumo alienante, por um lado o consumidor escolhe comprar determinado produto devido à áurea criada pela propaganda, no **consumo compulsório**, por outro lado, não há escolhas entre consumir ou não consumir determinado produto, o consumo aqui é forçado, seja pela impossibilidade de escolhas (o pagamento de um pedágio, por exemplo), ou, seja pelo montante de dinheiro que o consumidor possui (se o consumidor não dispor de muito dinheiro ele acaba comprando aquilo que pode pagar, ou invés de daquilo que ele deseja comprar) (MANCE, 1999).

No **consumo como mediação do bem-viver**, Mance (1999) nos explica que a mídia não influencia na escolha do produto consumido, mas as satisfações pessoais ligadas à vida

como um todo. Aqui as necessidades variam conforme as singularidades de cada um. A saúde, por exemplo, pode ser um fator que influencie nas escolhas deste tipo de ato do consumo.

Por último, Mance (1999) chega ao conceito de **consumo solidário**, onde além das questões relacionadas ao consumo do bem-viver, o consumidor estará preocupado com as questões relacionadas ao bem viver daqueles indivíduos que estão ofertando o produto. Em outras palavras, o consumo solidário aqui é realizado quando o consumidor deseja realizar as próprias necessidades de bem-viver em conjunto com as necessidades de bem-viver dos trabalhadores que lhe ofertam o produto.

Já Canclini (1996), ao abordar o consumo, caracterizou-o em duas perspectivas opostas, com duas diferentes formas de mercado: (1) o consumo do mercado que se estabelece pela crescente homogeneização de seus produtos, em busca de um padrão que facilite o processo produtivo descentralizado, o que, por consequência, faz perder no produto sua identidade; (2) e, o consumo dos mercados que rompem com o processo anterior, que reafirma um multiculturalismo, através de produtos diferenciados, e, que trazem, reconhecimentos simbólicos de suas identidades, acentuando suas características culturais (CANCLINI, 1996).

Assim, o importante de se entender, é que não existe só um tipo de consumo, por consequência, não existe só um tipo de consumidor, os feirantes terão então de aprender a dialogar com todos. A realidade da feira e as relações que dali emergirão vão depender diretamente deste ponto. Assim como, também é importante entender que só poderão acontecer outros tipos de consumo, se houver essa diversidade de opções, caso contrário, como na maioria das vezes acontece, a sociedade estará fadada ao consumo compulsório de alimentos, onde o máximo de opção que ela terá, será entre consumir entre uma rede de supermercados ou outra rede de supermercados, ou seja, não há opção.

5.3.2 A Reciprocidade

A teoria da reciprocidade auxilia no entendimento de outras valorações não monetárias nos produtos finais comercializados no espaço da Feira de Orgânicos de Santiago, apresentando a reciprocidade como um princípio econômico diferente da troca. Ao diferenciar “troca” e “reciprocidade”, Sabourin (2011) elenca alguns aspectos como, onde, a troca acontece em um sentido mais restrito no ato de comercialização, exercendo o aspecto

funcional do ato, não implicando em significações ou relações³⁴. A reciprocidade, por sua vez, procura ler as relações econômicas além dos sentidos de troca, apresentando uma amplitude maior e leva em conta as relações humanas, a produção de significados e exige que os dois ou mais indivíduos envolvidos (agricultor - consumidor, por exemplo) sejam tomados por sujeitos.

As relações humanas estão expressas então no conceito de reciprocidade. Ao pensar no outro o agricultor acaba fazendo isso. Como aparece no exemplo de ação que um dos agricultores passou a executar no cotidiano da feira. Assim, Antônio, ao tentar fazer “um agrado” aos seus clientes, pensou que poderia começar a dar brindes no momento da compra.

Antônio - A ideia do brinde é o seguinte. Eu pensei. E até a mulher (Ana) foi contra nas primeiras vezes. Porque eu já, trabalhei nos lugares, fui em apresentação de gente que veio apresentar produto, teve gente que trabalho com esses plásticos de estufa. O que acontece? Tu compra uns cinco mil reais em produto deles e tu ganha... Um boné com a marca deles! (destacando a parte do boné imitando os vendedores que fazem isso). Se tu comprar uma caminhoneta, sei lá onde, tu ganha... Uma jaqueta com a marca deles!. Mas que beleza, né? E com a propaganda deles mesmo, né? Tu paga cinquenta mil, cem mil e tu ganha uma jaqueta, pra ficar fazendo propaganda deles ainda. (risos)

Então, o que é que eu pensei. O teu cliente, que vai ali toda a semana, tu pega o temperinho verde, que é uma coisa que dá sabor à comida. Dá pra ele, que não é uma propaganda tua, mas na verdade é uma propaganda tua. O cliente enxerga aquilo ali, agradece. Porque aí a gente pergunta: "Temperinho? A senhora tem temperinho?" "Ah tenho." "A senhora aceita um brindezinho" "Ahhh, siiimmm!!!" (risos)

Então é que nem, tem duas ou três palavrinhas que tu abre cadeados impossíveis, é o "com licença" e "por favor". E talvez um "bom dia", um "boa tarde" abra uns cadeados que olha... tá fechadinho ali, e abre. E um "brindezinho", assim, também, abre um sorriso nas pessoas, que eles não tem. Às vezes é uma cara carrancuda, ali assim. Então isso aí é, é uma coisa que a gente... a gente pensou, pensou, e colocou em prática, e hoje até, como se diz, a gente se esforça pra poder fazer. Porque às vezes a gente não tem tempero suficiente pra poder fazer. Mas na verdade tem que fazer algum, porque alguns já são, e já pedem: "E o meu brinde?" (risos)

Desta forma se apresenta o que Certeau et al. (2012) descreveu sobre o ato de comprar, onde o que ocorre não é apenas uma troca de dinheiro, mas também tem a ver com

³⁴ Aqui se entende por relações, as relações humanas compostas ao mesmo tempo por pontes que unem os indivíduos entre eles e por forças que os separam. Assim, as relações podem acontecer tanto de forma positiva como de forma negativa. As relações de reciprocidade, nesse sentido seriam diferentes da “ação recíproca”, no sentido que esta seria definida como a influência que cada indivíduo exerce no outro (SABOURIN, 2011).

ser bem tratado por ser um bom freguês. Ora, se a fidelidade entre agricultor e consumidor, há em comum algo mais do que a mera conveniência entre a troca de serviços (alimento por dinheiro). Há sempre o gesto que não é contabilizado como parte do “serviço”, se apresentando como forma de “agrado mútuo”, é diretamente simbólico, transparecendo entre gestos e palavras. “É fruto de um longo costume recíproco pelo qual cada um sabe que pode pedir ou dar ao outro, em vista de melhorar a relação com os objetos de troca” (CERTEAU et al, 2012, p. 52). Assim, nesse troca-troca, nas conversas e repetidos bom dias ao longo das manhãs de sábado, alguns consumidores vão ficando, fazendo parte de algo que vai além da feira. Isso pode ser representado através da fala da Ana:

Ana - Tem umas pessoas que são muito especiais pra mim. Que eu sei assim, que fizeram oração, que ficaram torcendo, e são pessoas que na realidade, o que a gente sabe? O primeiro nome só, né. A gente só sabe o primeiro nome. Daí, tipo, tem a dona Nadile, que é uma das primeiras clientes, que, que... que foi umas das primeiras que começou a comprar da gente. E ela é uma dessas sabe? Sempre, sempre. E ela pergunta de todo mundo, e ela lembra de desejar feliz natal, assim, antes da gente, sabe? É uma pessoa muito querida. E tem outros, muitos. Às vezes, a gente cita nome de algum, até tu acaba sendo injusto, né. Porque tem muitas pessoas, nisso. Então, na realidade, o contato. É a melhor parte, como se diz, né.

Essas relações que se criam acabam afetando o que se produz. Porque quem planta, planta pensando em quem vai comprar. Logo, se há demanda, desde que haja a possibilidade, os agricultores tentaram produzir para satisfazer os seus clientes.

Pesquisador - Como o consumidor lá influencia aqui?

Breno - Influencia na questão da produção. Diretamente.

Betânia - Do pedido, porque assim a gente não vai produzir alguma coisa, né. Agora já me meti na resposta.

Breno - É que é a mesma...

Betânia - Porque a gente já não vai produzir alguma coisa, né. E aí o consumidor vai lá e te pede aquilo. "Ah, porque vocês não produzem, tipo, alho poró". Não era nossa ideia de produzir, mas a gente tem pedidos de clientes pra produção de alho poró. Então a gente direciona um pouco a produção conforme as pessoas vão pedindo, né. As vezes a gente não tem ideia de continuar produzindo, mas os pedidos são grandes. E isso influencia na venda. E isso influencia também a propaganda que é feita com a feira, né.

Em consonância com a fala de Betânia e Breno, Daniel comenta algo parecido, reafirmando que o consumo não acontece só com a vontade de um dos lados, os dois lados

devem entrar em sintonia, pois a possibilidade da existência deste tipo de experiência acaba dependendo desta relação em diálogo:

***Daniel** - Muitas coisas eu queria produzir, só que não tinha como produzir por causa do local, do ambiente, de bicho, não tava me dando certo, né. E outras coisas eu comecei a ver o que o pessoal pedia. "Ah, mas não tem tal coisa?" "Por que vocês não plantam isso?" Então eu sempre fui prestando atenção, tentando ver o que o pessoal pede, com o que eu consigo produzir aqui. que às vezes, não adianta o cara querer uma coisa, não conseguir produzir, ou não ter saída, né?*

Assim, a feira acaba sendo um importante espaço de educação:

***Breno** - A gente vai analisar, a nossa produção é uma constante troca de ideias né. O bom é que o seguinte, ó, deu o temporal e todo mundo preocupado, né. E aí, como é que vocês estão? Vai criando um vínculo de amizade muito grande, né. São coisas assim.*

E através dos vínculos se aprende a ouvir:

***Breno** - Que nem quando um [cliente] chegou pra mim. "Bah, olha. Se tu botar leite no tomate, tu não precisa usar nada". Daí eu: "Ah, vou ver isso." Hoje eu produzo tomate, pimentão, sem um usar nada, nem Óleo de Neem, só o leite. Que corrige a ferrugem do tomateiro, corrige... E deixa até o sabor mais... Então são coisas que eles dizem pra nós e são nossos clientes.*

O agricultor aprende a compartilhar o que é comum a todos, como as próprias sementes, que não tem dono:

***Daniel** - Eu tinha um pepino. E tinha uma senhora que vinha lá da Vila Rita, do outro lado da cidade, dá quatro quilômetros e pouco ali do centro. Ela pegava o ônibus e vinha só lá buscar o pepino. Aí ela: "- Tu não me consegue, uma semente disso aí." "- Porque eu tenho um pátio velho, e quero plantar um punhado lá nos fundos, pois eu gosto disso aí". Aí eu disse: "Olha, vou tirar um maduro e vou te vender". Ela era aposentada, ela era sozinha, ela tinha o lazer dela, era todo o sábado pegar o ônibus, pra buscar os pepino. Agora, ela tem em casa. E como é que eu vou dizer: "ah, eu não vou te vender"? Aí ela ia dizer, te compro um maduro. E como eu ia dizer "não te vendo"? Então não adianta. Como o cara não vai querer esparramar, distribuir semente, né? Não vai me deixar mais pobre ou mais rico, né? Então certas coisas...*

O cliente aprende sobre como se forma o preço daquilo que consome:

Carla - É, um perfil, né... Tu vê assim, ó... As vezes eles vão com aquele dinheiro, assim ó. Vou gastar tanto, mas tu vê que eles vão tranquilos, né. Não importa o que eles estão pagando, tão tranquilo. Enquanto tem o dinheiro, eles estão pagando.

Daí já teve alguns também... Ai, eu não tô com dinheiro. Sabe, aquela coisa toda. Mas acho que aí que a gente também tem que entrar né. Tu vê assim que é aquele que é sempre, aquele fiel que tá sempre ali. "Não te preocupa. Posso deixar anotado". Eu já fiz isso, numa situação, e a pessoa voltou lá e pagou, no outro sábado. Então tu vê, aí eu acho que vai dando esse diferencial, né. "Não, eu te conheço, tu tá sempre aqui." Pode deixar anotado, né.

5.4 A COESÃO QUE VEM DA FEIRA

O Comércio Justo, por sua vez, opera dentro de um sistema de troca e envolve os princípios da reciprocidade em seus moldes comerciais, onde o consumidor pode assumir para si responsabilidades no sistema de produção, ao consumir determinado produto, e agricultor familiar³⁵ pode construir certa independência do mercado, bem como se fortalecer enquanto categoria profissional (PINTO e FROEHLICH, 2012).

Sabourin (2011) aborda que do ponto de vista operacional, o Comércio Justo trata-se de garantir aos produtores um preço diferenciado que seja mais justo e adequado que aqueles assegurados pelos cursos de mercados nacionais e internacionais, no sentido de cobrir os custos de produção, reduzir as flutuações e, eventualmente apoiar o desenvolvimento comunitário.

Assim, a dificuldade de adequar um valor de troca justo, reside em equilibrar a tensão formada entre sistema de reciprocidade, que consideram as necessidades das pessoas, e sistema de troca capitalista de outros concorrentes, que privilegiam a acumulação privada do lucro. Ou seja, a escolha do preço do produto tem influência em relação aos preços dos

³⁵ Segundo a lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, considera-se agricultor familiar todo “aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos: I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II - utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; (Redação dada pela Lei nº 12.512, de 2011) IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.”

alimentos convencionais dos supermercados, porém existem momentos em que este preço não pode ser acompanhado.

Carla - Porque assim ó, o nosso preço, por exemplo, não dá pra dizer que ele é mais caro, ele é o mesmo preço do mercado, a gente procura manter os preços do mercado.[...] O problema é quando o mercado lança promoção. E daí, "ah,, 50 centavos, não sei quanto". Daí, ele chegam lá, "Pô, mas tá tanto no mercado". Mas daí o que acontece, é quando tá quase estragado o produtos, aí eles tem que lançar a promoção, pra passar rápido né.

Assim, ao comparar o preço dos seus produtos com o preço dos produtos do comercializados em redes de supermercado, percebe-se na fala de Carla uma preocupação em não elevar o preço além, ou pelo menos não muito além, dos preços comercializados em redes de supermercado. Porém, apresenta um discernimento que não pode querer competir com estes preços uma vez que entende que suas lógicas de atribuição de preço são diferentes. Assim, conforme aponta Sabourin (2011), a feira se apresenta como um espaço que mescla as lógicas de troca e as lógicas de reciprocidade.

O Marco Referencial em Agroecologia da Embrapa aborda que dois aspectos importantes para o desenvolvimento rural sustentável são a garantia da qualidade do produto e o direito do consumidor conhecer a origem do mesmo. Ainda no mesmo documento, destaca-se que, para a garantia destes dois aspectos “cabe aos atores sociais envolvidos a criação de mecanismos solidários, participativos e responsáveis de credibilidade recíproca” (EMBRAPA, 2006, p. 64). A partir disso, mercados e feiras locais são importantes ambientes que proporcionam a interação entre agricultores e consumidores, criando laços formais e informais que legitimam e impulsionam o desenvolvimento rural sustentável.

As feiras locais são espaços de troca direta entre agricultores e consumidores. Estes espaços, além de possibilitar a venda de produtos, também abrem possibilidades para estabelecer relações de reciprocidade entre agricultores e consumidores, de forma direta (SABOURIN, 2014). Estas relações estabelecidas podem se desenvolver ao longo do tempo, de forma que, agricultor e consumidor, estabeleçam uma relação de confiança, onde ambos saiam beneficiados.

Ao contrário da economia capitalista, a economia solidária busca, através de um conjunto de experiências coletivas, seguir princípios solidários, sob a forma de cooperativas, de associações de produtores, empresas de autogestão, bancos comunitários e diversas

organizações populares, construir um comércio justo para os agricultores e consumidores (SINGER, 2002).

Segundo Sabourin (2013), as feiras locais semanais, por possuírem interfaces entre troca e reciprocidade, são caracterizadas como sistemas mistos de economia. Essa coexistência entre economias pode, dar lugar às tensões causadas pelo antagonismo das duas lógicas .

Desta forma, torna-se necessário entender as experiências em cada caso, para construir formas de regulação que melhor se adaptem à realidade existente. Estes instrumentos de regulação podem ocorrer através de regras comuns estabelecidas entre os grupos sociais, instituições, legislações ou políticas públicas que regulamentem a articulação entre as duas lógicas de economia (SABOURIN, 2014).

Muitas são as experiências que acontecem todos os dias e são vários são os trabalhos que destacam outro tipo de economia e consumo vêm ocorrendo na prática (ARNS, 2017; OLIVEIRA, 2015; SILVA, 2016). Atentar para estas experiências, torna-se então essencial para que possamos discutir políticas públicas e ações individuais e coletivas que incentivem essa outra economia e forma de consumo a dar frutos e caminhar para uma sociedade mais sustentável. Entre as relações que se criam que o aprendizado e a experiência ficam:

Pesquisador - E aí, o que se aprende dessas relações todas?

Antônio - Olha, é muito bom isso aí. Eu pessoalmente, eu na verdade, eu me dá energia, sabe. Porque eu canso até. Porque cada vez que eu vou na cidade eu volto cansado, pois, por mais que eu não trabalhe lá, eu volto cansado. Mas a feira é uma coisa que assim, me lava a alma. Eu saio de lá... Porque eu converso com pessoas, eu digo uns trezentos "bom dia", mais ou menos, (risos).

Pesquisador - E aí os "bom dia" voltam, né?

Antônio - É os "bom dia" voltam.

Porque quando eu trabalhava no curtume, eu esperava o pessoal chegar, que chegava lá, ali na chegada, né. E o pessoal que saía dizia: "boa noite" "boa noite". E eu: "bom dia" "bom dia".

Pesquisador - E aquelas caras fechadas

Antônio - As caras fechadas, loucos de sono, de manhã cedo, né. Davam um sorriso assim. E aí quando eu resolvi sair, os caras pra mim. "Bah, vamos estranhar sem o teu bom dia". Ia ficar um outro cara amarrado no meu lugar lá (risos).

Ana - Né, e foi uma dica, até, né Antônio. Na realidade, a melhor parte é a feira. Uma pena que a gente às vezes vai cansada, além de tudo, pela questão de sempre. Mas é muito bom.

Pesquisador - Mas a feira fica esse momento ali, né?

Antônio - É o elo, é o elo, ali fecha o elo. E o cliente-fornecedor é um elo, olha, eu te digo, não tem fiscalização que bata um elo de cliente-fornecedor.

Ana - E aquilo que eu te falei assim, ó. A gente pensa sempre, tipo assim, a gente pensa com carinho em quem vai lá, tem um respeito por essas pessoas. Porque na realidade, é graças a esses clientes fiéis que a gente tem, que vão lá todo o sábado, que a gente consegue.

Antônio - Que é o nosso sustento.

Ana - É... Então, eu tô colhendo as coisas e fico pensando, sabe. “Fulana gosta disso”, “o outro senhor gosta assim”, “a gente vai ter, que bom!”

E apesar da feira, ser um espaço onde os agricultores precisam ir para conseguir a sua renda e sustentação financeira, ao final, ela simboliza outro tipo de economia, ela simboliza uma economia que tenha relações, que desperta um sentimento de solidariedade e união. As agricultoras e os agricultores acabaram ensinando muito isso no período observada da pesquisa, onde sim, a feira acontece é no sábado de manhã no espaço da praça, mas os ensinamentos dela também se espalham para os outros canais de comercialização, e vice-versa. Antônio, ao falar de suas vendas domiciliares que acontecem na sexta-feira acabou mostrando isso em uma de suas falas.

Antônio - Na sexta feira, eu tirei uma dessas lição, com essas senhoras, porque eu chego, e tenho que bater um dedinho de prosa. E eu tenho que bater um dedinho de prosa. Porque, muitas vezes, principalmente as pessoas idosas, a gente vê. Que tipo, eles ficam carentes de alguém pra conversar. E daí tu bate um dedinho de prosa, as pessoas já te compram, e na outra semana tão te esperando, né. Tão te esperando pra fazer um, pra comprar uma coisa de ti, e já perguntam das crianças, e tem gente que te conta, num curto espaço de tempo, tu sabe da vida delas, mais do que muito parente, eu acho. Porque eles te contam, e aí tu ouve os ai, os desabafos.

Assim, o que une a feira e a mantém não é o selo de orgânicos, não é a prefeitura, não é a agencia de extensão rural, não são as agricultoras e os agricultores, não são os consumidores, mas sim as relações de todos estes. As relações deste com a feira, e a reafirmação destas relações dentro de suas vidas. Ao fazer sentido, como um todo, a feira se sustenta.

6. MÃOS QUE FORMAM LAÇOS: FOTOETNOGRAFIA NA FEIRA DE ORGÂNICOS DE SANTIAGO/RS

“MÃOS DADAS”

(Carlos Drummond de Andrade)

*Não serei o poeta de um mundo caduco
Também não cantarei o mundo futuro
Estou preso à vida e olho meus companheiros
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças
Entre eles, considero a enorme realidade
O presente é tão grande, não nos afastemos
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas*

*Não serei o cantor de uma mulher, de uma história
Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes
A vida presente*

6.1 PARA PODER DAR PODER A OUTRAS FORMAS DE LINGUAGEM

Uma fotoetnografia, como já apresentada e contextualizada no capítulo metodológico, não pode apresentar palavras ou textos que desviem a atenção do leitor durante a narrativa das imagens. Desta forma, para auxiliar na leitura deste capítulo trago algumas dicas introdutórias de como a leitura deste capítulo pode ser desenvolvida:

[1] o capítulo está disposto em três subnarrativas que se conectam, sendo elas denominadas: “PRAÇA”, “CAMINHO” e “MÃOS”;

[2] todas as fotografias estão conectadas uma à outra e sua leitura é semelhante à leitura de uma “revista em quadrinhos de origem ocidental”, onde a ordem de leitura é da esquerda para a direita, da parte superior à parte inferior da folha, assim, como a ordem de leitura de narrativas escritas com palavras;

[3] as imagens possuem elos narrativos entre si, sendo que na narrativa apresentada neste capítulo da dissertação, sempre que houver imagens com pessoas, as mãos serão o elo narrativo entre fotos;

[4] a disposição e o tamanho da fotografia não estão diagramados de forma aleatória;

[5] esta narrativa apresenta as quatro famílias já apresentadas e analisadas ao longo de toda esta dissertação, portanto, caso você já tenha lido os outros capítulos, seu olhar já estará direcionado para analisar alguns pontos já tratados, porém, sob outras perspectivas;

[6] não tenha pressa para ler de forma rápida, assim como a leitura de uma narrativa em palavras, a leitura de imagens pode ser igualmente aprofundada;

[7] mergulhe em sua própria subjetividade e dialogue comigo, assim como em qualquer outro texto científico, estamos aqui para dialogar.

6.2 MÃOS QUE FORMAM LAÇOS: FOTOETNOGRAFIA DA FEIRA DE ORGÂNICOS DE SANTIAGO

**MÃOS QUE FORMAM LAÇOS:
FOTOETNOGRAFIA DA
FEIRA DE ORGÂNICOS
DE SANTIAGO/RS**

PRAÇA















CAMINHO























MÃOS

























7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o trabalho aqui apresentado tentei abordar com detalhes alguns pontos na vida das agricultoras e dos agricultores que comercializam na Feira de Orgânicos de Santiago. Ao apresentar suas experiências de vida, procurei destacar o ponto em comum, inerentes às quatro famílias estudadas, a oportunidade de escolha de trabalhar como agricultores em suas escolhas de vida. A partir da escolha em trabalhar com agricultura se derivam pontos como qualidade de vida, estabilidade financeira, saúde e satisfação pessoal.

Ao se organizar enquanto associação, os indivíduos ali envolvidos se veem resolvendo situações coletivas, onde nem sempre a escolha individual é a escolhida pelo grupo, mesmo assim ressalta-se que através do hábito do diálogo são construídos caminhos democráticos que beneficiem a todos de maneira coletiva. O diálogo entre os indivíduos só se tornou possível devido às relações que se desenvolveram desde a criação da associação em 2013. As relações ali desenvolvidas foram geradas através da paciência, tentativa e busca em comum pelo mesmo ideal de produzir, comercializar e viver de agricultura.

O certificado que atesta a veracidade da produção orgânica, desta forma, foi um dos passos almejados para a busca de confiança entre agricultores e consumidores, outras pessoas e instituições foram essenciais para que a feira acontecesse da forma que ela acontece hoje. A presença constante do jornalismo de comunicação local, da EMATER e da prefeitura municipal, foi e ainda ocorre de forma essencial para a permanência e desenvolvimento do grupo. Consumidores mais antigos também colaboram para que a feira aconteça, tanto pela continuidade de seus hábitos de consumo, quando pelo seu papel de multiplicadores das ideias da feira.

Cultura com cultura, cotidiano com cotidiano, trajetória com trajetória, luta com luta. Não necessariamente um fator se sobrepõe ao outro, como usualmente se pode pensar. Através da vivência em Santiago, percebi que um caso ajuda o outro a somar, mesmo que durante esse caminho seja necessário discutir os pontos, em comum e os em divergência, para ver se não é necessário mudar a trajetória. Na luta por serem reconhecidos como agricultores orgânicos (e serem percebidos de forma diferente dos que produzem de forma convencional), os sujeitos pesquisados na Feira de Orgânico de Santiago, mostram que apesar da diversidade de origens e motivações em suas experiências, apesar significarem de forma diferente suas experiências, ao se encontrarem (e reencontrarem) no espaço da feira, mostram que os seus pontos de chave de cada experiência, que antes pareciam desconexos entre si, apresentam um olhar próprio da feira. Estes olhares ora são coletivos, ora são particulares, mas sempre são

interligados na busca por uma sociedade mais sustentável. Assim, a feira se apresenta como o local onde ocorre o diálogo de culturas, e, por consequência quase que inevitável, trama os próprios fios sobre ela mesma, se apresentando enquanto cultura própria.

Ao apresentar uma reflexão sobre a reciprocidade, mesmo que por uma boa parte do trabalho não tenha a denominado desta forma, tentei entender em que níveis estes ocorrem dentro do espaço da feira. A realidade encontrada demonstrou que a partir do grau de confiança estabelecido entre consumidores e agricultores, o tipo de consumo pode se modificar, estando este atrelado a aspectos de reflexividade em relação à agricultura orgânica, entendimento sobre as condições e épocas de produção para cada tipo de alimento, envolvimento pessoal com as famílias de agricultores e busca por uma alimentação saudável. Após a confiança adquirida, o consumo gera um ciclo entre consumo e reciprocidade, onde mais do que alimentos, experiências são trocadas.

Por fim, através do capítulo fotoetnográfico, a linguagem das imagens procurou dar asas às interpretações, ao mostrar um pouco das histórias de cuidado com o alimento, das mãos que cultivam e o conduzem até as mãos do consumidor que o busca no ambiente da feira. A fotoetnografia conta um pouco do que foi escrito com palavras no desenvolvimento desta dissertação, apresentando, assim, outras formas possíveis de linguagens que comuniquem a realidade rural a um público mais amplo que o público meramente acadêmico. Deixando, desta forma a reflexão: “Será que estamos sendo eficientes, ou estamos caminhando em busca de eficiência, no desempenho de atividades extensionistas em comunicação rural?”; ou ainda; “Será que estamos praticando a Extensão Rural da maneira que acreditamos que ela deva ocorrer?”.

8 REFERÊNCIAS

ABROMOVAY, R. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Economia Aplicada**. Vol. 4, N° 2, abr-jun, 2000.

ACHUTTI, L.E.R. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARNS, D. **Tempos do cotidiano de uma cooperativa de economia solidária**. 2017. 198 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Serviço Social) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2017.

ASSIS, S.C.R.; PRIORE, S.E.; FRANCESCHINI, S.C.C. Impacto do Programa de Alimentos na Segurança Alimentar e Nutricional dos agricultores. **Ciência & Saúde Coletiva**, 22 (2): 617-626, 2017.

BAGGIO, R.C. **Justiça Ambiental entre redistribuição e reconhecimento**: a necessária democratização da proteção da natureza. Tese de Doutorado (Doutorado em Direito) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2008.

BALEM, T.A. **O Programa de Alimentação Escolar Brasileiro e a Narrativa Alternativa dos Alimentos**: Convergências e Desafios. Tese de doutorado (Doutorado em Extensão Rural) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2015.

BAPTISTA, I. **Ética, Deontologia e Avaliação do Desempenho Docente**. Cadernos do CCAP (Conselho Científico para a Avaliação de Professores). Lisboa: Ministério da Educação de Portugal, 2011.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BECK, U. **Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo : Editora 34, 2010.

BRASIL. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm>. Acesso em: 14 set. 2017.

BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm>. Acesso em: 03 out. 2017.

BRASIL. **Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5764.htm>. Acesso em: 14 set. 2017.

BRASIL. Resolução N° 466 do Conselho Nacional de Saúde, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 dez. 2012. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 25 jul. 2016.

CANCLINI, N.G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2001.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Análise Multidimensional da Sustentabilidade: Uma proposta metodológica a partir da Agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.3, p. 70-85, 2002.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. **Agroecologia e Extensão Rural: Contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CAPORAL, J.F.; COSTABEBER, J.A. **Agroecologia e Extensão Rural: Contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável**. EMATER-RS/ASCAR, Porto Alegre. p. 177, 2004.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CIRANDAS. Portal da Economia Solidária [Internet] Disponível em: <<http://cirandas.net/search/enterprises>> Acesso em: 09-out-2017

CLIC RBS. Rota Orgânica: Um dia de feira orgânica... Parte 1. **Click RSB**, Porto Alegre, 19 nov. 2009. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/rotaorganica/tag/feira-ecologica-da-redencao/?topo=77,1,1,,77&status=encerrado>> Acesso em: 13-set-2017

COELHO, L. Economia da Família. In: CATTANI, A.D.; LAVILLE, J.L.; GAIGER, L.I.; HESPANHA, P. (Org.) **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Almedina, 2009.

COELHO, L. Economia Feminista. In: CATTANI, A.D.; LAVILLE, J.L.; GAIGER, L.I.; HESPANHA, P. (Org.) **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Almedina, 2009.

COSTA GOMES, J.C. Bases Epistemológicas da Agroecologia. In: AQUINO, A.M.; ASSIS, R.L. **Agroecologia: Princípios e técnicas para uma agricultura orgânica e sustentável**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2005.

CORAGGIO J.L. Economia do Trabalho. In: CATTANI, A.D.; LAVILLE, J.L.; GAIGER, L.I.; HESPANHA, P. (Org.) **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra : Almedina, 2009.

CÚPULA DAS NAÇÕES NA RIO+20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL. **Documentos Finais da Cúpula das Nações na Rio+20 por Justiça Social e Ambiental**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<http://riomais20sc.ufsc.br/files/2012/09/DOCUMENTOS-FINAIS-DA-CUPULA-DOS-POVOS-NA-RIO-20-POS-JUSTI%C3%87A-SOCIAL-E-AMBIENTAL.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

DEFOURNY Economia Social. In: CATTANI, A.D.; LAVILLE, J.L.; GAIGER, L.I.; HESPANHA, P. (Org.) **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Almedina, 2009.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J.A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DOS SANTOS, E.A.A. **O consumismo como um novo Iluminismo: A panaceia do consumo na contemporaneidade**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Engenharia de Produção) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2006.

DRUMMOND, J.A. A Primazia dos Cientistas Naturais na Construção da Agenda Ambiental Contemporânea. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol. 21, nº 62, p.5-25. out. 2006.

EMBRAPA. **Marco referencial em agroecologia**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2006.

FRANÇA FILHO, G.C.; LAVILLE, J.L. **Economia solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FRANÇA, V.R.V. Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. In: FRANÇA, V.R.V.; GUIMARÃES, C. (Org.) **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte : Autêntica, 2006.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. p. 93, 1983.

GADOTTI, M. **Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

GADOTTI, M. **Economia Solidária como Práxis Educativa**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GALEANO, E. **Las Palabras andantes**. Argentina : Catálogos, 2001.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

GOMES, J.C.C. Bases Epistemológicas da Agroecologia. In: AQUINO, A.M.; ASSIS, R.L. **Agroecologia: Princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília : Embrapa, 2005.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GUIMARÃES, G.M.; REDIN, E.; SILVEIRA, P.R.C.; BRANDÃO, J.B. De sujeitos ocultos (off-line) a sujeitos visíveis (on-line): o protagonismo da juventude rural a partir de novas sociabilidades no rural contemporâneo. In: GUIMARÃES, G.M.; BALÉM, T.A.; SILVEIRA, P.R.C.; ZIMMERMANN, S.A. (Org.) **O rural contemporâneo em debate: temas emergentes e novas institucionalidades**. Ijuí: Editora Unijuí, 2015.

GUDYNAS, E. Buen vivir: Germinando alternativas al desarrollo. **América Latina em Movimiento**, ALAI, nº 465, p. 1-20, feb. 2011,

HELLER, A. **Sociología de la Vida Cotidiana**. Barcelona: Ediciones Península, 1987.

HINKELAMMERT, F.J.; JIMÉNEZ, H.M. Economía para a Vida. In: CATTANI, A.D.; LAVILLE, J.L.; GAIGER, L.I.; HESPANHA, P. (Org.) **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Almedina, 2009.

IBGE CIDADES. Rio Grande do Sul, Santiago, infográficos: dados gerais do município. **IBGE Cidades**. Disponível em: < <http://cod.ibge.gov.br/2VTYA> > . Acesso em: 09 jan 2018.

ICAZA, A.M.S.; TIRIBA, L. Economía Popular. In: CATTANI, A.D.; LAVILLE, J.L.; GAIGER, L.I.; HESPANHA, P. (Org.) **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Almedina, 2009.

LAVILLE, J.L. Economía Plural. In: CATTANI, A.D.; LAVILLE, J.L.; GAIGER, L.I.; HESPANHA, P. (Org.) **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Almedina, 2009.

LAVILLE, J.L.; GAIGER, L.I. Economía Solidária. In: CATTANI, A.D.; LAVILLE, J.L.; GAIGER, L.I.; HESPANHA, P. (Org.) **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Almedina, 2009.

LECHAT, N.M.P. Economía Moral. In: CATTANI, A.D.; LAVILLE, J.L.; GAIGER, L.I.; HESPANHA, P. (Org.) **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Almedina, 2009.

LEFF, E. **Discursos sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010.

LEFF, E. **La apuesta por la vida**: imaginación sociológica e imaginários sociales em lós territorios ambientales del sur. México: Siglo XXI Editores, 2014.

LIMA, V.A. **Mídia: Teoria e Política**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

MANCIE, E. A. A revolução das redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual. Petrópolis: Vozes, 1999.

MARCONI, M.A.; LAKATOS E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTÍN, C.; GONZÁLEZ, C. **Medio ambiente y desarrollo sostenible: Más allá del Informe Brundland**. Madri: Editorial Trotta, S. A., 1997.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5ª ed. Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 2008

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MURDOK. A expressão popular “colocar as basbas de molho”. **Jornal GGN**, 12/03/2014. Disponível em: < <https://jornalggn.com.br/fora-pauta/a-expressao-popular-colocar-as-basbas-de-molho> > . Acesso em: 14 dez. 2017.

OLIVEIRA, R.C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**. v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

OLIVEIRA, S.S. “**Pegando feira**”: Trocas, reciprocidade e mercado no Feirão Colonial em Santa Maria, RS. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2015.

O SAL DA TERRA. Direção de Wim Wenders e Juliano Ribeiro Salgado. Brasil, França: IMOVISION, 2015. (105 min)

PINHEIRO, M.E. Ciência e magia na Idade Média: fusão ou dicotomia? **Revista Labirinto**, Porto Velho-RO, ano XIV, vol. 20. p. 138-148, 2014

PINTO, N.L.; FROEHLICH, J.M. Entre a dívida e a dádiva: as relações de reciprocidade entre Comércio Justo e a Agricultura Familiar. **VI Encontro Nacional de Estudos do Consumo e II Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.estudosdoconsumo.com.br/artigosdoenec/ENEC2012-GT01-Pinto_e_Froelich-Entre_a_divida_e_a_dadiva.pdf>. Acesso em: 05 out. 2015.

PLOEG, J.D.V. Trajetórias do desenvolvimento rural: pesquisa comparativa internacional. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, nº 27, mai./ago. p. 114-140, 2011.

PRIMAVESI, A. **Manual do solo vivo**: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio. 2. ed. rev. São Paulo : Expressão Popular, 2016.

PROJETO ESPERANÇA E COOESPERANÇA. **Site Oficial do Projeto Esperança/Cooesperança**. Disponível em: < <http://www.esperancacooesperanca.org> > Acesso em: 11 out. 2016.

PROJETO ESPERANÇA COOESPERANÇA. 25ª Feicoop começa a ser planejada neste final de semana [**Reportagem disponibilizada em 22 de setembro de 2017, a Internet**]. Disponível em: < <http://www.esperancacooesperanca.org/single-post/2017/09/22/25%C2%AA-Feicoop-come%C3%A7a-a-ser-planejada-neste-final-de-semana> > Acesso em: 02 out. 2017

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

RADOMSKY, G.F.W. **O poder do selo**: imaginários ecológicos, formas de certificação e regimes de propriedade intelectual no sistema agroalimentar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

RAMMÊ, Rogério Santos. **Da justiça ambiental aos direitos e deveres ecológicos**: conjecturas político-filosóficas para uma nova ordem jurídico-ecológica. Caxias do Sul, RS : EDUCS, 2012.

RIBEIRO, E.M.; GALIZONI, F.M.; ASSIS, T.P. **Comercialização solidária no Brasil**: uma estratégia de rede. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

ROGERS, E. M. **Diffusion of innovations**. 2. ed. New York: The Free Press, 1971

SABOURIN, E. **Sociedades e Organizações Camponesas**: uma leitura através da reciprocidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

SABOURIN, E. Acesso aos mercados para a agricultura familiar: Uma leitura pela reciprocidade e a economia solidária. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 45, p. 18-30, 2014.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento**: crescer sem destruir. São Paulo: Vértice, 1986.

SANTOS, B.S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, out., p. 237-287, 2002.

SCHNEIDER, L.I.B.; FALCKEMBAK, E. ; FRANTZ, W. . Feira Sabor da Terra: uma experiência de economia familiar no campo da educação popular. **Cadernos do CEOM** (UNOESC), v. 27, p. 133-158, 2007.

SILVA, B.R.; WIZNIEWSKY, J.G. Grupo de Agroecologia Terra Sul: 15 anos construindo o Conhecimento Agroecológico. **Anais do III Seminário Internacional de Educação do Campo**. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) : Erechim, 2017.

SILVA, G.P. **A construção social dos circuitos curtos de comercialização e consumo de alimentos**: a emergência de novas institucionalidades. Tese de doutorado (Doutorado em Extensão Rural) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2016.

SILVA, G.P.; DEON, P.R.C. O protagonismo dos agricultores familiares na construção social de mercados – formas de organização e ação. In: GUIMARÃES, G.M.; BALÉM, T.A.; SILVEIRA, P.R.C.; ZIMMERMANN, S.A. (Org.) **O rural contemporâneo em debate**: temas emergentes e novas institucionalidades. Ijuí: Editora Unijuí, 2015.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

STAVENHAGEN, R. **Etnodesenvolvimento**: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista. Anuário Antropológico 84. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p. 13-56, 1985.